J. DE ALENCAR.

AS

AZAS DE UM ANJO

COMEDIA

EM UM PROLOGO, QUATRO ACTOS E UM EPILOGO.

RIO DE JANEIRO.
EDITORES SOARES & IRMÃO
RUA DA ALFANDEGA N. 6.

1860.

J. DE ALENCAR.

AS AZAS DE UM ANJO

COMEDIA

EM UM PROLOGO, QUATRO ACTOS E UM EPILOGO.

RIO DE JANEIRO.
EDITORES SOARES & IRMÃO
RUA DA ALFANDEGA N. 6.

1860.

A boa vontade dos Editores, que o anno passado derão á estampa o DEMONIO FAMILIAR, traz agora á luz da imprensa as AZAS DE UM ANJO, no momento em que tudo me afasta das lidas litterarias.

O muito que tinha a dizer e criticar sobre a minha obra e as censuras de que foi alvo, deixo-o pois á reflexão dos homens esclarecidos; bem como deixo aos methodistas da litteratura e da arte a sua classificação de *eschola realista*.

A realidade, ou melhor, a naturalidade; a reproducção da natureza e da vida social no romance e na comedia, não a considero uma eschola ou um systhema; mas o unico elemento da litteratura; a sua alma. O servilismo do espirito eivado pela imitação classica ou estrangeira, e os delirios da imaginação tomada do louco desejo de innovar, são aberrações

passageiras: desvairada um momento, a litteratura volta, trazida por força irresistivel, ao bello, que é a verdade.

Se disserem, que alguma vez copião-se da natureza e da vida, scenas repulsivas, que a decencia, o gosto e a delicadeza não tolerão — concordo. Mas ahi o deffeito não está na litteratura, e sim no litterato; não é a arte que renega do bello; é o artista, que não soube dar ao quadro esses toques divinos que doirão as trevas mais espessas da corrupção e da miseria.

Nas convulsões da materia humana, no tripudio dos vicios, na phase a mais torpe da existencia social, ha sempre no fundo do vaso uma intelligencia e um coração: é a razão e o sentimento em tortura; é a luz e o perfume á apagar-se: são as cores da palheta. Se com ellas o pincel não desenha sobre o fundo negro um quadro harmonioso, é que falta-lhe a inspiração ou a mestria; os olhos não sabem ver, ou a mão não sabe reproduzir.

Censurem pois as AZAS DE UM ANJO porque lhes falte uma ou outra dessas condições: porque ou os reflexos ou as refracções das scenas sejão imperfeitas. Mas não censurem nella a tendencia da litteratura moderna — apellidando-a de *realismo*.

Sobre a accusação de immoralidade que lançarão á comedia, e que á final traduzio-se em uma prohi-

bição policial, escuso deffender-me depois do artigo que publiquei no *Diario do Rio,* e que servirá de prologo ao livro impresso, como servio de protesto ao drama retirado da scena.

A critica sensata e judiciosa, já expressa no jornalismo pelo Sr. Dr. F. Octaviano, já discutida em conversa por companheiros de lettras, pronunciou-se contra o epilogo. Um pensa que terminada a acção naturalmente no 4.º acto, tudo, quanto siga-se, é estranho ao drama. Outros entendem que a regeneração surde imprevista, e consuma-se rapida, deixando por isso de calar no espirito do espectador, fortemente impressionado pelas scenas anteriores.

Não contestarei essa opinião, a que aliás o publico por algum daquelles motivos, parece ter dado rasão. Direi somente que sem o epilogo o pensamento da minha comedia ficaria incompleto; ella seria apenas uma nova encarnação do velho typo de Manon Lescaut: encarnação brasileira, é verdade; mas por isso mesmo desbotada e macilenta, porque a vida exterior da nossa côrte não podia emprestar-lhe as côres e o brilho das grandes cidades européas.

O livro nasce do espirito, como a planta brota da terra: simples borbulha a principio, pullúla, gemma, abrolha as folhas, esgalha, copa-se e floresce por fim. Se o cultor da planta, vae-lhe mondando os ramos enfesados, esladroando-lhe os renovos que po-

dem mingoar o tronco; a seiva creadora substitue quanto a mão do homem corrige; mas se descuidado deixa que a planta cresça com seos deffeitos, pode cortar-lhe o galho rasteiro, forçar-lhe a haste arqueada; a arvore ficará mutilada, porém sempre mal parecida.

Assim é o livro: assim foi com as Azas de um Anjo.

Depois de concluida a comedia e representada; depois de partido esse fio que prende a obra ainda inedita ao espirito que a creou, era possivel matar o livro; mas torcer-lhe o molde, dar-lhe outra configuração, excedia á vontade e ás forças do author. Creio mesmo que tudo quanto sahisse dessa superfetação litteraria seria monstruoso e disforme.

Prefiro pois — embora reconheça até certo ponto a justeza da critica — deixar a comedia com os seos deffeitos, mas com a espontaneidade de sua invenção. As creações da imaginação tambem tem a sua virgindade: e muitas vezes a rasão não se anima á corrigi-las, com receio de murchar-lhes a flor.

As alterações que fiz no original, levado á scena, e approvado pelo Conservatorio, são unicamente de estylo; castiguei a frase quando não me pareceo natural; dei em alguns pontos melhor torneio ao dialogo; mas na acção dramatica, e no pensamento que ella exprime, nem de leve toquei.

Entretanto se algum dia, o que não espero, cessar o interdicto policial, e entenderem que o epilogo pode prejudicar o effeito scenico, não me opporei á semelhante suppressão; antes estimarei que ella se faça, porque será a solução pratica da questão de arte que aventou o desenlace da comedia.

29 de Novembro 1859.

J. DE ALENCAR.

Esta Comedia, embora impressa, não póde ser representada sem licença do author.

AS AZAS DE UM ANJO.

A representação da minha comedia *As azas de um anjo* acaba de ser prohibida pela policia; e embora ignore os motivos que deram logar á essa rosolução, não posso deixar de discutil-a: é o meu direito de escriptor; é o meu dever de auctor de uma obra sobre a qual se pretende lançar o anathema.

Cumpre-me porém declarar que recebi a noticia que transmito ao publico sem emoção, sem abalo, com a mais profunda indifferença. Em outra circumstancia ella me alegraria, como tambem deviam alegrar-me as censuras e accusações de immoralidade dirigidas contra a comedia; porque tudo isso não terá outro resultado sinão excitar a curiosidade publica, e dar a uma composição sem merecimento o estimulo e o sainete do *fructo vedado*.

Mas actualmente essa popularidade artificial que a ordem da policia dará á minha obra, já não me lisongeia; de volta ás minhas lidas de advogado, as velleidades literarias passaram, e o pequeno rumor que ellas podessem fazer não seria capaz de distrahir-me de outros estudos; apenas dellas me restam as lembranças do prazer que sentia vendo a minha ideia surgir como um germen imperceptivel, crescer e materialisar-se n'uma creação; paternidade do espirito, gozo supremo da intelligencia, que só comprehendem aquelles que escrevem.

Não é pois o despeito que me obriga a quebrar o silencio, e trazer á imprensa uma discussão litteraria; não posso resentir-me de um facto que concorrerá para dar voga, embora ephemera, ao meu livro; mas prezo-me de respeitar a moral publica, não só nas minhas palavras, como nas minhas acções; e custar-me-hia muito deixar pesar sobre mim uma suspeita injusta.

Eis a unica razão por que discuto; não desejo a revogação da ordem; não aspiro á representação da minha comedia; si quizer dar-lhe maior publicidade, tenho ainda um meio, a imprensa, que não está sujeita á censura policial.

Ninguem ignora que uma composição dramatica qualquer não póde ser levada á scena nos theatros desta côrte sem duas formalidades essenciaes; a

licença do Conservatorio, e a permissão da policia. Ambas estas formalidades foram preenchidas na comedia *As Azas de Um Anjo*; o despacho do conservatorio é de 14 de janeiro, e o visto da policia de 25 de maio do corrente anno.

A prohibição da comedia depois de ter subido tres vezes á scena e sem nem uma manifestação reprovadora da parte do publico, importa pois não só uma censura muito directa a uma corporação como o Conservatorio Dramatico, que não é subordinado á policia; como uma contradicção com o acto anterior; pois quando uma auctoridade põe o seu visto em qualquer papel, é presumida haver lido e tomado conhecimento do conteúdo.

Deixando porém de parte essa questão accidental, entro na apreciação do facto.

A lei menciona tres causas de prohibição de uma obra dramatica, e são: o ataque ás auctoridades constituidas, o desrespeito á religião, e a offensa á moral publica; não havendo na minha comedia nada de relativo ás duas primeiras causas, conjecturo que a accusação de immoralidade feita por alguns espectadores demasiadamente escrupulosos foi o unico fundamento da ordem policial.

Vamos pois á essa immoralidade que tem feito *la chaire de poule* a tanta gente.

Quando tive a ideia de escrever *As Azas de Um*

Anjo, hesitei um momento antes de realizar o meu pensamento; interroguei-me sobre a maneira porque o publico acceitaria essa tentativa, e só me resolvi depois de reflectir que as principaes obras dramaticas filhas da chamada eschola realista,—a *Dama das Camelias*, as *Mulheres de Marmore*, e os *Parisienses*, têm sido representadas em nossos theatros; que a *Lucrecia Borgia*, e o *Rigoleto*, transformação do *Roi s'amuse* de Victor Hugo, eram ouvidas e admiradas no theatro lyrico pela melhor sociedade do Rio de Janeiro.

Confiando nestes precedentes, animei-me a acabar a minha obra e a apresental-a ao publico; esqueci-me porém que tinha contra mim um grande defeito, e era ser a comedia producção de um auctor brasileiro e sobre costumes nacionaes; esqueci-me que o véo que para certas pessoas encobre a chaga da sociedade estrangeira, rompia-se quando se tratava de esboçar a nossa propria sociedade.

Assistindo á *Dama das Camelias* ou ás *Mulheres de Marmore*, cada um se figura que Margarida Gauthier e Marco são apenas duas moças um tanto loureiras, e acha espirito em tudo quanto ellas fazem ou dizem; assistindo ás *Azas de Um Anjo*, o espectador encontra a realidade diante de seus olhos, e espanta-se sem razão de ver no theatro, sobre a scena,

o que vê todos os dias á luz do sol, no meio da rua, nos passeios e espectaculos.

Não me admirei, pois, quando appareceram as primeiras censuras de immoralidade: embora Margarida, Marco e Carolina sejam uma mesma mulher, só com a differença dos sentimentos e da historia, a ultima tinha contra si o não ser franceza, e não ser descripta pelo talento de A. Dumas.

Mas seriam esses escrupulos que motivaram a ordem da policia? Seriam essas razões que fizeram taxar de immoral a comedia?

As boas definições trazem as boas discussões, disse V. Hugo. Definindo o que seja immoralidade, é que podemos chegar á uma conclusão logica sobre o pensamento da obra, e conhecer se ella merecia ser retirada da scena como um incentivo á licença dos costumes.

E' immoralidade o acto que a moral reprova; não conheço outra definição mais simples e mais clara; não sei outro meio de verificar a existencia de uma immoralidade, senão oppondo os preceitos da boa, e dá san moral.

Estabelecido este ponto, pergunto:

Será immoral uma obra que mostra o vicio castigado pelo proprio vicio; que tomando por base um facto infelizmente muito frequente na sociedade, deduz delle consequencias terriveis que servem de

punição não só aos seus auctores principaes, como áquelles que concorreram indirectamente para a sua realisação.

A licção que se dá aos paes de familia sobre a necessidade de cuidarem da educação moral de seus filhos; a punição do seductor que acabando por amar a mulher que elle seduzio, vê-se abandonado por ella; o castigo do moço prodigo, que depois de sacrificar toda a sua fortuna á uma amante, encontra nella o desprezo e o escarneo quando se trata de salval-o da deshonra; a miseria que serve de termo á vida desregrada de uma pobre menina, impellida pela imaginação enferma, que lhe dourava o vicio; o horror da filha que, vendo seu pae ebrio estender-lhe os braços lascivos, contempla o profundo abysmo de abjecção e vergonha a que se arrojou: e finalmente o supplicio de Tantalo de um amor partilhado e não satisfeito, de um amor cheio de remorsos e recordações pungentes, a accusação eterna, constante da consciencia; tudo isto será immoral?

E entretanto é esta a acção da minha comedia; são aquellas as theses que me produz desenvolver no meio de um quadro de costumes brasileiros: não ha ahi uma só personagem que não represente uma ideia social, que não tenha uma missão moralisadora.

Carolina, a protogonista, é um typo que me esforcei por copiar; não é uma creação minha. Um critico bastante benevolo chamou-lhe um retrato *d'après nature*; se assim é consegui o meu intento apresentando a realidade da vida, e descrevendo a lucta da mulher que esqueceu os seus deveres contra a sociedade que a despreza.

Esta menina pobre excitada pela leitura de romances e pela imagem do luxo, desdenha o amor puro de seu primo, e é sedusida por um moço rico que lhe acaba de perder a imaginação; desse primeiro erro nascem outros como consequencias necessarias e fataes; ella percorre todos os degráos da escala desde a pobreza até ao luxo, desde o luxo até á miseria.

A sua existencia torna-se uma punição viva de todos os complices de seu erro; e em uma das scenas do 3.º acto, uma das personagens faz sentir bem claramente aquella circumstancia, traçando em algumas palavras a historia dessa moça. Eis o o que diz Menezes:

« E' talvez isto, Carolina, que faz da tua vida um phenomeno moral que eu estudo com toda a curiosidade. Tu és um desses flagellos, não faças caso da palavra, que a Providencia ás vezes lança sobre a humanidade para punil-a de seus erros. Começaste punindo teos pais que te instruiram e te prendaram, mas não se lembraram da tua educação mo-

ral; leste muito romance, e nunca leste o teo coração. Puniste depois o Ribeiro que te seduzio e o Pinheiro que te acabou de perder; ao primeiro que te roubou á tua familia deixaste uma filha sem mãi; ao segundo que te enriqueceu, empobreceste. Só me resta vêr como te castigarás a ti mesma; sinão me engano acabas de revelar-me! »

Essa punição de que falla Menezes é o amor que Carolina tem por Luiz, e que elle acaba de descobrir; é a ideia do desfecho da acção que se encontra desenvolvida no epilogo; é esse supplicio de Tantalo de que fallei; esse sentimento que tem vergonha de si mesmo; essa affeição impossivel da mulher que se reconhece indigna; é emfim essa paixão odienta da creatura, que vendo-se pela sua falta, pelo seu passado, pelas leis da sociedade, afastada do objecto que ama, se revolta contra tudo e contra todos.

Menezes é a razão social encarnada em um homem; elle respeita a sociedade até mesmo nos seus prejuizos e nas suas exigencias ridiculas; por isso Carolina nos seus arrebatamentos, e nas suas blasphemias contra a virtude, encontra sempre a palavra severa do jornalista que, ás vezes esquecido do logar em que está e das pessoas que o ouvem, deixa-se levar pelos seus sentimentos de honestidade. Imitação do typo Desgenais, elle tem uma differença notavel; não procura corrigir a sociedade, não a

discute como philosopho ou moralista, defende-a.

Luiz, artista pobre, que pelo seu trabalho chega á uma posição elevada, representa, ao contrario de Menezes, a razão absoluta, a razão superior á sociedade; esse sentimento que todos nós temos quando reflectimos sobre algum dos prejuizos do mundo, á primeira vista tão injustos. A creação dessa personagem era necessaria; ella devia realizar esse casamento que Menezes reprova, e que constitue a ultima punição de Carolina, mostrando-lhe a impossibilidade do seu amor.

Ribeiro e *Pinheiro* são dois typos da nossa sociedade: o primeiro é o seductor castigado com sua propria falta; o segundo é o prodigo que esbanja a sua riqueza; ambos reconhecem o seu erro e acceitam com resignação nobre a punição que Deus lhes inflinge; o primeiro quer reparar, porém já tarde, a deshonra de que foi causa; o segundo recorre ao trabalho honesto para viver.

Araujo é uma prova da felicidade que acompanha esses moços trabalhadores, cuja existencia tranquilla não conhece os desvarios da mocidade; *Antonio* é um exemplo da fraqueza de certas organisações, que, não sabendo lutar com a desgraça, deixam-se vencer por ella, e entregam-se ao vicio para esquecer, mas que no proprio vicio acham a lembrança do passado até o dia da licção tremenda;

Margarida, bôa e carinhosa mãi, expia a falta de zelo com que vigiou a flôr de innocencia de sua filha e a imprudencia com que deixou que a larva da perdição, *Helena*, se approximasse da planta mimosa.

Finalmente, *Vieirinha* e *Helena*, dualidade monstruosa, que pullula na ultima sentina da sociedade, têm tambem a sua missão de moralidade; ambos mostram que o vicio é contagioso, e que a creatura, quando partilha a existencia de certa classe de gente, identifica-se com ella; ambos são a encarnação da impudencia, com a simples differença dos sexos; para esses, a quem a regeneração não é mais possivel, a punição é o riso e o desprezo que acompanham as suas acções; elles formam a parte comica da obra.

Á vista deste esboço das minhas personagens haverá quem duvide da alta, da escrupulosa moralidade das *Azas de Um Anjo?* Haverá quem reprove as lições terriveis que em cada pagina, em cada scena fazem o espectador estremecer de horror ou de indignação?

Não creio; um espirito, ainda o mais prevenido, não póde achar immoral a acção da comedia; o vicio se apresenta, é verdade, mas para ser corrigido; e como já disse em principio, não sou eu que o apresento; é a propria sociedade.

Com effeito a virgindade a mais delicada, a inno-

cencia a mais susceptivel, vendo todos os dias uma dessas creaturas orphãs de pais, de filhos, de familia, de parentes e affeições, como uma flor desbotada que a mão de um indifferente arrancou da sua haste e atirou ao pó; não comprehende o mysterio dessa vida isolada, dessa desherdação da sociedade?

Se pois o mundo nos desvenda o vicio a todo o momento, porque razão o theatro, que é uma eschola, não o arrastaria sobre a scena cobrindo-o com o ridiculo, esmagando-o com o desprezo, para corrigil-o, e mostrar no meio do tripudio o anjo da virtude, sempre bello, sempre nobre, ainda mesmo no arrependimento?

Era um contrasenso; e a litteratura moderna não podia commettel-o; o theatro estrangeiro iniciou esta eschola, que tem sido acceita na scena brasileira; já fallamos dos dramas que todos os dias se representão com o consentimento da policia, com a permissão do Conservatorio, e com os applausos do publico.

Victor Hugo poetisou a perdição na sua *Marion Delorme*; A. Dumas Filho ennobreceo-a na *Dama das Camelias*; eu moralisei-a nas *Azas de Um Anjo*; o amor, que é a poesia de Marion, e a regeneração de Margarida, é o martyrio de Carolina; eis a unica differença, não fallando do que diz respeito á arte, que existe entre aquelles tres typos.

3*

Mas se a immoralidade não está no pensamento da obra, onde se encontra ella? — No estylo? — No jogo scenico?

Quanto ao estylo desafio a quem quer que seja que me apresente uma palavra que não possa ser pronunciada pelos labios os mais puros, escutada pelos ouvidos os mais castos; conversa-se alli, como se conversa em qualquer sala, e a linguagem serve de véo á idéa.

Se a intelligencia do espectador atravez dessa gaze transparente do espirito descobre o pensamento, não é isso razão para accusar-se de immoral a phrase; porque do mesmo modo no fundo das cousas as mais santas e as mais respeitaveis, no casamento, na maternidade, no amor, nós achamos um facto que a decencia manda calar, um mysterio do pudor que se comprehende e se cala.

Entretanto ninguem ainda prohibio que se fallasse em amor e casamento, pelas idéas que essas palavras revelam; é a innocencia que deita a sua venda sobre o espirito da moça pura, e não deixa que a sua mente se lance no mundo da phantasia a prescrutar a significação exacta, positiva e real de um facto que ella desconhece.

O que pretendo provar com isto é que ha em todas as linguas duas ordens de termos, dois dialectos differentes; um que é usado pela boa sociedade, e

fórma á linguagem polida e decente; o outro fallado pelas classes sem educação, e que ordinariamente se chama linguagem baixa. Ambas essas maneiras de fallar exprimem com termos diversos os mesmos objectos, as mesmas necessidades.

Ora, sendo a minha comedia escripta na linguagem fina da sociedade; sendo o seu estylo inteiramente figurado, não é possivel que o taxem de immoral; a menos que não exigissem de mim que escrevesse um livro, que, á força de ser metaphysico, parecesse antes um tratado de philosophia do que uma obra ao alcance de todas as intelligencias, como dede ser a comedia.

Chego ao jogo scenico. E' neste ponto que se aguçam as iras dos moralistas; é dahi que a policia tirou naturalmente argumentos para a prohibição de minha peça.

Estabelecido, como fica, que o pensamento de apresentar o vicio no theatro não é immoral, porque a sociedade me dá o exemplo, e o repertorio dramatico em voga para isso me auctorisava; descarnemos a comedia, afastemos os tecidos e nervos que a cobrem, e vejamos si a autopsia moral, á que vou proceder, nos apresenta esse corpo tão corrompido que excite desgosto e repugnancia.

Se não me engano, são a penultima scena do prologo, quando Ribeiro seduz Carolina, e a scena

final do 4.º acto, quando Antonio, abraçando a menina, reconhece sua filha, que servem de pedra de escandalo e fazem arripiar a *mimosa pudica* de certas almas escrupulosas.

Que ha de immoral na primeira das duas scenas? A seducção? Uma seducção de palavras, onde não apparece nenhuma caricia de amor, nenhum movimento deshonesto? Constantemente não vemos representados iguaes lances em que o adulterio e a deshonra triumpham da virtude vacillante?

Aquelles que me censuram por ter apresentado a linguagem brilhante do seductor, promettendo o luxo e a riqueza, dourando a vergonha, não comprehendem que essas palavras são uma das mais uteis licções do meu livro; porque no 1.º acto a moça seduzida, que seu amante pretende desposar, parodia aquellas phrases ardentes. O veneno que elle lançára nessa alma outr'ora pura começa a distillar, e a primeira gotta cahe no seu proprio seio. Si eu não descrevesse a seducção como ella se faz, Luiz não fallaria a sua prima a linguagem da razão, e não faria essa especie de prophecia que o desenlace de acção deve realizar; do mesmo modo Carolina não confessaria no 4.º acto como essas palavras de seu primo, apezar do seu desvario, tinham ficado gravada na sua memoria, e a pungiam.

Parece-me que isto é mais moral do que se eu

cobrisse a seducção com as flores do amor, e perfumasse essa scena com as emanações de um coração puro, aspirando as primeiras delicias da vida; então não influiria a angustia e a afflicção que eu desejava produzir no espectador, vendo a filha abandonar a casa de seus pais.

Quanto a scena do 4.º acto, é a mais moral da minha comedia; é talvez a unica que tenha bastante força para fazer estremecer uma alma gasta e insensivel ás emoções; é o melhor lance do meu drama, e eu não o cortaria sem estragar a obra.

A moça, que tem chegado á ultima miseria e á ultima vergonha, lançando com horror os olhos sobre o passado, delirando com a febre que a consome, é despertada de repente por um ebrio que entra e lhe falla; ella o repelle, elle quer abraçal-a; a scena esclarece-se, e a filha e o pai se reconhecem.

Nem uma palavra, nem um gesto duvidoso revelam que se vae passar um facto escandaloso; além de que a circumstancia de jogar-se a scena á beira da rampa, a descoberto, em face de todos os espectadores, devia tranquillisar aquelles que não julgassem o auctor, o emprezario e os artistas homens faltos de senso.

Mas o grande argumento resume-se na seguinte interrogação: — O que se ia passar?...

Eu respondo, como responderão todos os que

tiverem comprehendido a scena; não se ia passar nada. Ou Luiz chegasse ou não, o reconhecimento tinha logar sem nenhum facto escandaloso; porque a embriaguez de Antonio e a febre de Carolina, a alheação do espirito no primeiro, e o arrependimento da segunda, deixão bem vêr que aquelle encontro ephemero e casual não podia ter nenhuma consequencia.

E' o pae no seu horror, e a filha na sua humilhação, que exageram naturalmente o facto, a ponto de um enlouquecer, e a outra cahir como morta; mas o espectador não póde sentir como sente o actor de um drama; apenas avalia a situação.

Explicada a minha scena que tem sido tão adulterada, tratarei de mostrar que nos nossos theatros já se viram mais fortes; e para servir-me do mesmo argumento que se emprega contra mim, interrogarei os criticos.

Quando no 2.° acto da *Linda de Chamounix* o marquez entra em casa da moça, e tem uma conversa de *roué*; quando na *Somnambula* Amina trazida pelo sonho vem deitar-se no leito preparado para o conde; o que se vae passar?

Mudando porém de tempo, e deixando o fucturo pelo presente, perguntarei ainda: quando no 3.° acto do *Rigoleto* os fidalgos impedem o bobo de entrar no aposento onde sua filha succumbe á se-

ducção: e no 4.º acto o duque recolhe-se ao quarto que lhe prepararam em uma especie de tasca; — o que se passa, o que o espirito do espectador vè por traz dessas decorações?

Respondão os moralistas, e comparem a minha scena com todas essas afim de julgarem calma e imparcialmente; afim de apreciarem a justiça com que se prohibe a minha comedia em uma cidade onde todos os horrores da eschola romantica e todas as verdades do que chamão eschola realista, tem sido exhibidas.

. . . .

(Do *Diario do Rio* de 22 de junho de 1858.)

AS
AZAS DE UM ANJO.

COMEDIA.

Representada no Gymnasio Dramatico.

DISTRIBUIÇÃO.

Luiz Vianna	— 26 annos	Os Srs.	*Paiva.*
Ribeiro.	— 27 »		*Heller.*
Araujo. .	— 27 »		*Graça.*
Pinheiro	— 25 »		*Couto.*
Menezes	— 40 »		*P. Joaquim.*
Antonio .	— 55 »		*Arêas*
José. .	— 34 »		*Freitas.*
Carolina .	— 18 »	Sra.	*Adelaide.*
Margarida	— 45 »		*Noronha.*
Helena .	— 39 »		*Clotilde.*
Uma menina	— 3 »		*F.*

A scena é no Rio de Janeiro. A epocha contemporanea.

O prologo passa-se dois annos antes do primeiro acto.

AS

AZAS DE UM ANJO.

PROLOGO.

Em casa de Antonio. Sala pobre.

SCENA I.

CAROLINA, MARGARIDA E ANTONIO.

Carolina defronte de um espelho, deitando nos cabellos dous grandes laços de fita azul. Margarida cosendo junto á janella. Antonio sentado n'um moxo, pensativo.

CAROLINA, *no espelho.*

E' quasi noite!...

MARGARIDA.

Que fazes ahi, Carolina? já acabaste a tua obra?... Promettteste da-la prompta hoje.

CAROLINA.

Já vou, mãisinha; falta apenas tirar o alinhavo. *(Chegando-se)* Olhe! Não fico bonita com os meus laços de fita azul?

MARGARIDA, *erguendo a cabeça.*

Tu és sempre bonita; mas realmente essas fitas nos cabellos dão-te uma graça!... Pareces um daquelles anjinhos de Nossa Senhora da Conceição.

CAROLINA.

E' o que disse Luiz, quando as trouxe da loja. Tinhamos ido na vespera á missa e elle vio lá um anjinho que tinha as azas tão azues, côr do céo! Então lembrou-se de dar-me estes laços... Assentão-me tão bem; não é verdade?

MARGARIDA.

Sim; mas não sei para que te fostes vestir e pentear á esta hora: já está escuro para chegares á janella.

CAROLINA, *perturbada.*

Foi para experimentar o meu vestido novo, mãisinha... Quiz ver como hei de ficar quando formos domingo ao Passeio Publico...

MARGARIDA.

Ora, ainda hoje é terça-feira.

CAROLINA, *mais perturbada.*

Que mal faz?...

MARGARIDA.

Está bom; vae apromptar a obra; a moça não deve tardar.

CAROLINA.

E' verdade! *(Sahe correndo.)*

SCENA II.

MARGARIDA E ANTONIO.

MARGARIDA.

Não sei o que tem esta nossa filha! A's vezes anda tão distrahida...

ANTONIO, *erguendo a cabeça.*

Quantos são hoje do mez, Margarida?

MARGARIDA.

Pois não sabes? Vinte e seis.

ANTONIO, *contando pelos dedos.*

Diabo! Ainda faltão quatro dias para acabar! Precisava receber uns cobres que tenho na mão do mestre e só no fim da semana.... Que massada!

MARGARIDA.

Não te agonies, homem! o dinheiro que me déste ainda não se acabou; e hoje mesmo aquella moça deve vir buscar os vestidos que mandou fazer por Carolina.

ANTONIO.

Quanto tem ella de dar?

MARGARIDA.

Tres vestidos a cinco mil reis... Faz a conta.

ANTONIO, *contando pelos dedos.*

Quinze mil réis, não é?

MARGARIDA.

Quinze justos. Já vês que não nos faltará dinheiro; podes dormir descançado que amanhã terás o teo vinho ao almoço.

ANTONIO.

Ora Deos! Quem te falla agora em vinho? Não é para ti, nem para mim, que preciso de dinheiro. *(Margarida accende a vella com phosphoros.)*

MARGARIDA.

Para quem é então, homem?

ANTONIO.

Para Carolina.

MARGARIDA.

Ah! Queres fazer-lhe um presente?

ANTONIO.

Tens idéas! Não!... Sim.... *(Rindo)* E' um presente que ella ha de estimar.

MARGARIDA.

Não; sim.. Explica-te, se queres que te entenda.

ANTONIO.

Lá vae. *(Levanta-se)* Ha muitos dias que ando para te fallar nisto; mas gosto de negocio dito e feito. Estive á esperar o fim do mez pela razão que sabes, do dinheiro; e o fim do mez sem chegar. Em fim hoje já que tocamos no ponto, vou contar-te tudo. *(Chega-se á porta da esquerda.)*

MARGARIDA.

Carolina está lá dentro; podes fallar.

ANTONIO, *baixo.*

Não reparaste ainda n'uma cousa?

MARGARIDA.

Em que?

ANTONIO.

Nos modos de Luiz para a pequena. Como elle a trata?

MARGARIDA.

Com seriedade; não brinca com ella.

ANTONIO.

Justamente, e tu não achas que isto quer dizer alguma cousa?

MARGARIDA.

Quer dizer que Luiz é um rapaz sisudo e trabalhador.

ANTONIO.

Só?... Mais nada?

MARGARIDA.

Não sei que mais se possa ver em uma cousa tão natural.

ANTONIO.

Escuta, Margarida, tu te lembras quando eu era aprendiz de marcineiro, e que te via em casa de teu pae, que Deos tenha em sua santa gloria? Tu te lembras?... Tambem te tratava serio.

MARGARIDA.

Então pensas que Luiz tem o mesmo motivo?...

ANTONIO.

Penso; e eu cá sei por que penso.

MARGARIDA, *curiosa.*

Descobriste alguma cousa?

ANTONIO.

Oh! se descobri! Um companheiro lá da typographia muito seu amigo me contou que elle tinha uma paixão forte por uma moça que se chama Carolina.

MARGARIDA.

Ah! Anda espalhando!...

ANTONIO.

Não estejas já a accuzar o pobre rapaz; elle não disse a ninguem. Um dia no trabalho... Mas tu sabes como é o trabalho delle?

MARGARIDA.

Não; nunca vi.

ANTONIO.

Nem eu; porém disserão que é fazer com umas letras de chumbo o mesmo que escreve o homem do jornal. Pois nesse dia, Luiz, que estava com o juizo cá na pequena, que havia de fazer?...

MARGARIDA.

O que?

ANTONIO.

Em vez do que estava escripto deitou Carolina, Carolina, Carolina... Uma folha cheia de Carolinas, mulher! No dia seguinte a nossa filha andava com o jornal por essas ruas!

MARGARIDA.

Santa Maria! Que desgraça, Antonio!

ANTONIO.

Espera, Margarida; ouve até o fim. Tem lá um homem, o contramestre da typographia, que se chama revisor; assim que elle vio a nossa filha, quero dizer o nome, pôz as mãos na cabeça; houve grande barulho; mas como o rapaz é bom trabalhador accommodou-se tudo. E' dahi que o companheiro soube e me disse.

MARGARIDA.

Psio!... Ahi vem ella.

ANTONIO.

Melhor! Acaba-se com isto logo de uma vez.

MARGARIDA.

Não lhe falles assim de repente.

ANTONIO.

Porque? Gosto de negocio dito e feito.

MARGARIDA.

Mas Antonio...

ANTONIO.

Não quero ouvir rasões.

(Entra Carolina com uma pequena bandeja em que traz os vestidos de chita em cassa e deita-a na commoda.)

SCENA III.

OS MESMOS E CAROLINA.

CAROLINA.

Ainda cose, mãisinha? Isto cança-lhe a vista.

MARGARIDA.

Estou acabando; pouco falta.

ANTONIO.

Vem cá. Tenho que te dizer uma cousa.

CAROLINA.

Ah! Quer ralhar comigo, não é?

ANTONIO.

E muito, muito; porque ainda hoje não te vieste sentar perto de mim como é teo costume para me contares uma dessas historias bonitas que lês no jornal de Luiz.

CAROLINA.

Estive trabalhando; mas agora... aqui estou. Quer saber as novidades?

ANTONIO.

Não; hoje sou eu que te vou contar uma novidade; mas uma novidade...

CAROLINA.

Qual é? Quero saber.

ANTONIO.

Já estás curiosa! Quanto mais se advinhasses.

CAROLINA.

Ora diga!

ANTONIO, *sorrindo e tomando-lhe a mão.*

Esta mãosinha pequenina, que escreve e borda tão bem, precisa de outra mão forte que trabalhe e aperte ella assim. *(Faz gesto de apertar.)*

CAROLINA, *estremecendo.*

Que quer dizer, meu pae?

ANTONIO, *rindo-se.*

Não te assustes. As moças hoje já não se assustão quando se lhes falla em casamento.

CAROLINA.

Casamento!... Eu, meu pae?... Nunca!

ANTONIO.

Então hasde ficar sempre solteira?

CAROLINA.

Mas eu não desejo casar-me agora. Mãisinha, eu lhe peço!

MARGARIDA.

Ninguem te obriga; ouve o que diz teu pai; se não quizeres, está acabado. Não é assim, Antonio?

ANTONIO.

De certo. *(A Carolina)* Tu bem sabes que eu não faço nada que não seja do teu gosto.

CAROLINA.

Pois não me falle mais de casamento; fico logo triste.

MARGARIDA.

Porque, Carolina? É com a idéa de nos deixares?

CAROLINA.

Sim, mãisinha; vivo tão bem aqui.

ANTONIO.

Pois continuarás a viver; Luiz mora comnosco.

CAROLINA.

Como, meu pae! É elle?... É Luiz que...

ANTONIO.

É elle que eu quero dar-te por marido. Gosta muito de ti, e além disto é teu parente.

CAROLINA, *com desespero.*

Meo Deos!

MARGARIDA.

Tu não podes achar um moço mais bem comportado e trabalhador.

ANTONIO, *levantando-se.*

E que hade ser alguma cousa, porque tem vontade, e quando se mette em qualquer negocio vae adiante. Pobre como é, estuda mais do que muito doutor.

CAROLINA.

Eu sei, meu pae. Tenho-lhe amisade, mas amor... não!

ANTONIO.

Pois é o que basta. Quando me casei com tua mãi ella não sabia que historia era essa de amor; e nem por isso deixou de gostar de mim, e ser uma boa mulher.

MARGARIDA.

Entretanto, Antonio, não ha pressa; Carolina hade fazer dezoito annos pela Paschoa.

CAROLINA.

É verdade, mãisinha; sou muito moça; posso esperar...

ANTONIO.

Esperar!... Não entendo disto; quero as cousas ditas e feitas. Tu tens amisade a teu primo; elle te paga na mesma moeda; portanto só falta ir á igreja. Domingo...

CAROLINA.

Meu pae! Por quem é!...

MARGARIDA.

Ouve, Antonio; é preciso tambem não fazer as cousas com precipitação.

ANTONIO.

Não quero ouvir nada. *(Luiz entra pela porta do fundo e pára)* Domingo... está decidido.

CAROLINA.

Ah! mãisinha, deffenda sua filha!

MARGARIDA.

Que posso eu fazer, Carolina? Tu não conheces o genio de teu pai! Quando teima...

ANTONIO.

Não é teima, mulher. Luiz hade ser um bom marido para ella. Se não fosse isto não me importava. Quero-lhe tanto bem como tu!

CAROLINA, *chorando.*

Se me quizesse bem não me obrigava...

ANTONIO.

E' escusado começarem com choradeiras; não adiantão nada; o casamento sempre se ha de fazer.

SCENA IV.

OS MESMOS E LUIZ.

LUIZ, *adiantando-se.*

Não, Antonio.

CAROLINA.

Meo primo!

ANTONIO.

Oh! estavas ahi rapaz? Chegaste a proposito. Mas que queres tu dizer?

MARGARIDA.

Elle não acceita.

ANTONIO.

Espera, Margarida ! . . Falla, Luiz.

LUIZ.

Tratava-se aqui de fazer Carolina minha mulher; mas faltava para isso uma condicção indispensavel.

ANTONIO.

Qual ?

LUIZ.

O meo consentimento. Não pedi a mão de minha prima, nem dei a entender que a desejava.

MARGARIDA.

Mas tu lhe queres bem, Luiz ?

LUIZ, *perturbado.*

Eu, Margarida ?

ANTONIO.

Sim ; tens uma paixão forte por ella ; eu sei.

CAROLINA, *tremendo.*

E' verdade ?

LUIZ.

Parece-me que desde que moro nesta casa não dei motivos para me fazerem esta exprobação. Trato Carolina, como uma irmã ; ella pode dizer se nunca uma palavra minha a fez corar.

CAROLINA, *com altivez.*

Não me queixo, Luiz.

LUIZ.

Creio, minha prima ; e se fallo nisto é para mostrar

que seo pae se illudio; nunca tive a idéa de que um dia viesse á ser seu marido.

ANTONIO.

Mas então explica-me essa historia dos typos.

LUIZ.

Dos typos?... Não sei o que quer dizer.

MARGARIDA.

Uma noite na typographia estavas distrahido, e em logar de copiar o papel, escreveste não sei quantas vezes o nome de Carolina. *(Sorpresa de Luiz)*

CAROLINA.

O meo nome?... como māisinha!

ANTONIO, *a Luiz.*

Ainda pretendes negar?

LUIZ.

Mas era o nome de outra moça...

CAROLINA.

Chama-se Carolina, como eu?

LUIZ.

Sim, minha prima.

ANTONIO.

Pensas muito nessa moça, para te distrahires por ella á esse ponto.

MARGARIDA.

Com effeito quem traz assim a lembrança de um nome sempre na idéa...

LUIZ.

Que fazer, Margarida? Por mais vontade e prudencia que se tenha, ninguem pode arrancar o coração; e nos dias em que a dor o comprime, o nome que dorme dentro delle vem aos labios, e nos trahe. Tive naquelle dia esse momento de fraquesa; felizmente não perturbou o

socego daquella *(olha Carolina)* que podia accusar-me. Agora mesmo ella ignora que era o seu nome...

ANTONIO.

A' vista disto decididamente não queres casar com tua prima?

LUIZ.

Não, Antonio; agradeço, mas recuso.

ANTONIO.

Porque rasão?

LUIZ.

Porque ella... Porque...

MARGARIDA.

Já não disse! Não lhe tem amor; gosta de outra.

CAROLINA, *com ironia.*

E vae casar-se com ella.

ANTONIO.

Olha lá; se é este o motivo, está direito; mas se não tens outra em vista, diz uma palavra, e o negocio fica decidido.

CAROLINA, *afflicta.*

Meu pae!...

ANTONIO.

Vamos. Sim, ou não?

LUIZ, *com esforço, olhando Carolina.*

Não; amo a outra...

CAROLINA, *respirando.*

Ah!...

ANTONIO.

Está acabado! Não fallemos mais nisto.

CAROLINA, *a meia voz.*

Obrigada, Luiz; sei que não mereço o seu amor.

LUIZ, *com expressão.*

Tem rasão, Carolina; deve agradecer-me.

(Luiz sahe á esquerda.)

SCENA V.

ANTONIO, MARGARIDA, CAROLINA.

ANTONIO.

Margarida, tu conheces alguma outra moça na visinhança, que se chame Carolina?

MARGARIDA.

Não; mas isto não quer dizer nada; póde ser que aquella de quem Luiz fallou, more em outra rua.

ANTONIO.

Não acredito.

CAROLINA.

Meo pae deseja por força que Luiz seja meo marido. Ainda cuida que elle gosta de mim.

ANTONIO.

Disto ninguem me tira.

MARGARIDA.

Mas, homem, não o ouviste affirmar o contrario?

ANTONIO.

Muitas vezes a bocca diz o que o coração não sente.

CAROLINA.

Ora, meo pae, porque motivo elle encobriria?

ANTONIO.

O motivo? Tu és quem podes dizer. *(Vae a sahir.)*

CAROLINA.

Eu?...

MARGARIDA.

Sabes que mais, Antonio, vieste hoje da loja todo cheio de visões. Que te aconteceo por lá?

ANTONIO, *voltando-se.*

Eu te digo, mulher. Contarão-me ha dias, e hoje tornarão a repetir-me, que um desses bonequinhos da moda anda rondando a nossa rua por causa de alguma menina da visinhança.

CAROLINA.

Ah!

MARGARIDA.

Então foi por isso que assentaste de casar Carolina.

ANTONIO.

Uma menina solteira é um perigo neste tempo. *(Sahindo á esquerda, baixo)* Esses sujeitinhos tem umas labias!

MARGARIDA.

Para aquellas que querem acreditar nelles. *(Pausa; batem na porta.)*

CAROLINA.

Estão batendo.

MARGARIDA.

Hade ser a moça dos vestidos.

(Carolina vae abrir a porta.)

SCENA VI.

HELENA, MARGARIDA, CAROLINA.

HELENA, *entrando.*

Adeos, menina. *(Para Margarida)* Boa noite.

MARGARIDA.

Boa noite.

CAROLINA.

Venha sentar-se.

MARGARIDA.

Aqui está uma cadeira.

CAROLINA, *baixo á Helena.*

E elle?...

HELENA, *baixo e sorrindo.*

Espere! *(Alto)* Então apronptou?

CAROLINA.

Sim, Senhora; todos.

HELENA.

E estão bem cosidos, já se sabe! Feitos por estas mãosinhas mimosas que não nascerão para a agulha, e sim para andarem dentro de luvas perfumadas.

CAROLINA.

Luvas?... Nunca tive senão um par, e de retroz. *(Suspirando.)*

MARGARIDA.

Quem te perguntou por isto agora?

HELENA.

Não faz mal; porém deixe ver os vestidos.

CAROLINA.

Vou mostrar-lhe.

MARGARIDA.

E' obra acabada ás pressas; não póde estar como ella desejava.

(Carolina tem trasido os vestidos para cima da mesa: Helena examina a costura.)

HELENA.

Bem cosidos estão elles; assim me assentem.

MARGARIDA.

Hão de assentar. Carolina cortou-os pelo molde da franceza.

CAROLINA.

Apenas fiz um pouco mais decotados como a Senhora gosta.

HELENA.

E' a moda.

MARGARIDA.

Mas descobrem tanto!

HELENA.

E porque rasão as mulheres hão de esconder o que tem de mais bonito?

CAROLINA.

E' verdade!...

HELENA, *a Margarida.*

Me dê uma cadeira.

(Margarida vae buscar uma cadeira; ella diz baixo a Carolina) Preciso fallar-lhe.

CAROLINA, *baixo.*

Sim!

MARGARIDA, *dando a cadeira.*

Aqui está.

HELENA.

Obrigada. *(Senta-se.)* Realmente esta menina tem muita habilidade.

CAROLINA.

Mãisinha, Vmc. vae lá dentro buscar a minha thesoura; esqueceo-me abrir uma casa.

MARGARIDA.

Não queres a minha?

CAROLINA.

Não; está muito cega.

MARGARIDA.

Onde guardaste a tua?

CAROLINA.

No cestinho da costura.

(Margarida sahe á esquerda. Carolina tira do bolso a thesoura, e mostra sorrindo á Helena.)

SCENA VII.

HELENA, CAROLINA.

HELENA, *sorrindo.*

Eu percebi!

CAROLINA.

Mas... Porque elle não veio?

HELENA.

E' sobre isto mesmo que lhe quero fallar. O Ribeiro mandou dizer-lhe...

CAROLINA, *impaciente.*

O que?

HELENA.

Que deseja ve-la só.

CAROLINA, *sorpresa.*

Como?

HELENA.

Escute. As nove horas elle passará por aqui, e lhe fallará por entre a rotula.

CAROLINA.

Para que?

HELENA.

Está apaixonado loucamente por você; quer fallar-lhe; e não ha senão este meio.

CAROLINA.

Podia ter vindo hoje com a senhora, como costuma? Era melhor!

HELENA.

O amor não se contenta com esses olhares á furto, e esses apertos de mão ás escondidas.

CAROLINA.

Mas eu tenho medo. Meu pae póde descobrir; se elle soubesse!...

HELENA.

Qual! E' um instante! O Ribeiro bate tres pancadas na rotula; é o signal.

CAROLINA.

Não! não! Diga a elle...

HELENA.

Não digo nada; não me acredita, e vem. Se não fallar-lhe, nunca mais voltará.

CAROLINA.

Então deixará de amar-me?

HELENA.

E quem será a causa?

CAROLINA.

Mas exige uma cousa impossivel.

HELENA.

Não ha impossiveis para o amor. Pense bem; lembre-se que elle tem uma paixão... *(Margarida entra.)*

CAROLINA.

Ahi vem, mãisinha! *(Assustada.)*

SCENA VIII.

AS MESMAS, MARGARIDA E ARAUJO.

MARGARIDA, *adiantando-se.*

Não achei, Carolina; procurei tudo.

HELENA.

Está bom; já não é preciso. Mando faser isto em casa pela minha preta.

ARAUJO, *entrando pelo fundo com um collarinho postiço na mão.*

A senhora me aprompta este collarinho? *(A Margarida.)*

MARGARIDA.

A esta hora, Sr. Araujo.

ARAUJO.

Que quer que lhe faça? Um caixeiro só tem de seo, as noites. Agora mesmo chego do armarinho, e ainda foi preciso que o amo désse licença.

MARGARIDA.

Pois deixe ficar que amanhã cedo está prompto.

ARAUJO.

Amanhã?... E com que heide ir hoje ao baile da Vestal?

CAROLINA.

Ah! o senhor vae ao baile?

ARAUJO.

Então pensa que por ser caixeiro não frequento a alta sociedade? Cá está o convite... *(tira do bolso)* Mas o collarinho?... Ande, Sra. Margarida!

MARGARIDA.

Lavar e engommar hoje mesmo!

ARAUJO.

Para as oito horas. Não quero perder nem uma quadrilha. As valsas pouco me importão...

MARGARIDA.

O senhor dá-me sempre cada massada!

ARAUJO.

Deixe estar que um dia destes trago-lhe uma caixinha de agulhas.

MARGARIDA.

Veremos. *(Sahe.)*

SCENA IX.

ARAUJO, HELENA E CAROLINA *(na janella).*

(Helena que durante a scena passada está na janella com Carolina volta-se.)

HELENA.

Como está, Sr. Araujo?

ARAUJO.

A senhora por aqui! É novidade.

HELENA.

Tambem o senhor.

ARAUJO.

Eu sou visinho; e a Sra. Margarida é minha engommadeira.

HELENA.

Pois eu moro muito longe; porém mandei fazer uns vestidos por esta menina.

ARAUJO.

Então já não gosta das modistas francezas?

HELENA.

Cosem muito mal.

ARAUJO.

E dão cada thesourada!... como os alfaiates da rua do Ouvidor... Mas assim mesmo a senhora largar-se do Cattete á rua Formosa em busca de uma costureira!...

HELENA.

Que tem isso?

ARAUJO.

Veio de carro? Está um na porta.

HELENA.

E' o meu.

ARAUJO.

Ann!... Trata-se agora!

HELENA.

Sempre fui assim.

ARAUJO.

E quando o amo lhe penhorou os trastes por causa daquella continha.

HELENA, *dirigindo-se a Carolina.*

Não me lembro.

ARAUJO.

Ah! Não se lembra! *(Olhando as duas que fallão baixo.)* Pois olhe! Estou agora me lembrando de uma cousa.

HELENA.

De que? *(Volta.)*

ARAUJO.

Lá no armarinho quando as fasendas ficão mofadas, sabe o que se faz?

HELENA, *dando lhe as costas.*

Ora, que me importa isto?

ARAUJO.

Separão-se das outras, para que não passe o môfo.

HELENA.

Que quer o senhor dizer?

ARAUJO.

Quero dizer que as mulheres ás vezes são como as fasendas; e que tudo neste mundo é negocio, como diz o amo.

HELENA.

Está engraçado!

SCENA X.

OS MESMOS, MARGARIDA.

ARAUJO.

Acha isso?

HELENA.

Deixe-me! Adeos menina!

CAROLINA, *sahindo da janella.*

Já vae?

ARAUJO, *á Margarida.*

O maldito collarinho está prompto?

MARGARIDA.

Está quasi.

HELENA, *á Margarida.*

Mande deitar estes vestidos no carro.

MARGARIDA.

Sim, senhora. *(Toma a bandeja e sahe.)*

HELENA, *á Carolina.*

Adeos. *(Baixo)* Veja lá! Oito horas já derão.

CAROLINA.

Sim!

HELENA, *alto.*

Adeos! (*A Araujo*) Boa noite!

ARAUJO.

Viva!

HELENA.

Não fique mal comigo. (*Sahe.*)

ARAUJO.

Ha muito tempo que conhece esta mulher, D. Carolina?

CAROLINA.

Ha um mez.

ARAUJO.

Quem a trouxe cá?

CAROLINA.

Ninguem: ella precisa de uma costureira... (*Entra Margarida.*)

ARAUJO, *a Margarida.*

Olhe que são mais de oito horas.

MARGARIDA, *sahindo.*

Arre!... Que pressa!

ARAUJO.

Não se demore! Eu volto já; vou fazer a barba.

(*Margarida sahe; Carolina chega-se á janella. Araujo vae sahir pela porta do fundo e encontra-se com Luiz que entra.*)

SCENA XI.

LUIZ, ARAUJO, CAROLINA.

LUIZ.

Não sahe; quero te dar uma palavra.

ARAUJO.

Depressa, que tenho hoje um baile.

LUIZ.

Espera um momento. *(Olhando para Carolina com tristeza.)* Sempre na janella.

ARAUJO.

Desconfias de alguma cousa?

(Luiz faz um gesto de silencio, e aproxima-se de Carolina. Araujo passeia no corredor do fundo.)

LUIZ.

Carolina!

CAROLINA, *voltando-se assustada.*

Ah!... Luiz!

LUIZ.

Assustei-a, minha prima?

CAROLINA.

Não!... Estava distrahida.

LUIZ.

Desculpe, procurei este momento para fallar-lhe por que desejava pedir-lhe perdão.

CAROLINA.

Perdão?... De que?

LUIZ.

Não recusei a sua mão que seo pae me queria dar? Não a offendi com essa recusa? Uma mulher deve ter sempre o direito de despresar; o seo orgulho não admitte que ninguem a prive desse direito.

CAROLINA.

Não me offendi com a sua franqueza, Luiz. *(Com ironia)* Reconheci apenas que não era digna de pertencer-lhe: outra merece o seo amor!

LUIZ.

Esse amor que eu confessei era uma mentira.

CAROLINA.

Porque confessou então? Quem o obrigou?

LUIZ.

Ninguem. Menti por sua causa; para poupar-lhe um desgosto.

CAROLINA.

Não o entendo.

LUIZ.

Conhece o caracter de seo pae e sabe que quando elle quer as cousas não ha vontade que lhe resista. Para tornar de uma vez impossivel esse casamento; para que o meo nome não lhe causasse mais tristesa ouvindo-o associado ao titulo de seu marido; declarei que amava outra mulher: menti.

CAROLINA.

E que mal havia nisso? Todos não temos um só coração?

LUIZ.

E' verdade: porém o meo, creio que não foi feito para o amor, e sim para a amisade. As minhas unicas affeições estão concentradas nesta casa; fora della trabalho; aqui sinto-me viver. Um amor estranho seria como a usurpação dos sentimentos que pertencem aos meus parentes. E' por isso que só a sua felicidade me obrigaria a confessar-me ingrato.

CAROLINA.

Não sei em que isso podia influir sobre a minha felicidade.

LUIZ.

Quando se ama...

CAROLINA.

Mas eu não amo. *(Com vivacidade.)*

LUIZ, *sorrindo com tristesa.*

Seja franca!

CAROLINA.

Juro...

(*Ouvem-se tres pancadas na rotula. Carolina sobresalta-se e fica tremula.*)

LUIZ.

Não jure! (*Dirige-se á janella.*)

CAROLINA, *assustada.*

Onde vae?

LUIZ.

Ouvi bater na janella.

CAROLINA.

Não!... Foi engano!

LUIZ.

Vou ver.

CAROLINA, *com altivez collocando-se em face.*

Meu primo!...

(*Luiz afasta-se. Carolina corre á janella, Araujo que tem apparecido no fundo, chega-se a Luiz.*)

ARAUJO, *baixo a Luiz.*

Um sujeito está espiando pela rotula.

CAROLINA, *na rotula, baixo e para fóra.*

Espere!

ARAUJO, *a Luiz.*

Sabes quem é?

SCENA XII.

OS MESMOS, MARGARIDA.

LUIZ.

Sei, ella o ama.

ARAUJO.

E tu consentes? *(Entra Margarida.)*

LUIZ.

Que posso fazer? se o offendesse ella me odiaria. Antes a indifferença.

ARAUJO.

Tens rasão.

CAROLINA, *voltando-se tremula.*

Não era ninguem... O vento.

LUIZ, *a Araujo.*

Mente!

MARGARIDA, *a Araujo dando o collarinho engommado.*

Aqui tem; foi enxuto á ferro.

ARAUJO.

A senhora é a perola das engommadeiras. Vou-me vestir; anda Luiz. *(Sahindo.)*

MARGARIDA, *á Luiz.*

Estás hoje de folga?

LUIZ.

Não; volto á typographia.

MARGARIDA.

Então quando sahires cerra a porta.

LUIZ.

Sim. Até amanhã, minha prima. *(sahe.)*

CAROLINA.

Adeos.

MARGARIDA.

Tu não vens Carolina? *(Sahe.)*

CAROLINA.

Já vou mãisinha; deixe-me tirar os meos grampos. *(Sahe Margarida.)*

SCENA XIII.

CAROLINA, RIBEIRO.

(Luiz sahindo feixa a porta do fundo. Carolina ficando só olha espantada em torno, feixa aporta á esquerda; aproxima-se da mesa tremula, hesita, e por fim apaga a vela. Ribeiro salta na sala.)

CAROLINA.

Meo Deos!...

RIBEIRO.

Carolina... onde estás?... Não me queres fallar?

CAROLINA, *chegando-se.*

Calle-se; podem ouvir.

RIBEIRO.

Por isso mesmo; não esperdicemos estes curtos momentos que estamos, sós.

CAROLINA, *querendo afastar-se.*

Tenho medo.

RIBEIRO.

De que?... De mim?

CAROLINA.

Não sei!

RIBEIRO, *tomando-lhe as mãos.*

Tu não me amas, Carolina! senão havias de ter confiança em mim: havias de sentir-te feliz como eu.

CAROLINA.

E o meu silencio aqui não diz tudo? Não engano meu pae para fallar-lhe?

RIBEIRO.

Tu não sabes! O coração duvida sempre da ventura. Dize que me amas. Dize sim?

CAROLINA.

Para que? *(Sorrindo-se confusa.)*

RIBEIRO.

Eu te supplico!

CAROLINA.

Já não lhe confessei tantas vezes que lhe...

RIBEIRO, *interrompendo-a.*

Assim não quero. Ha de ser: eu te...

CAROLINA.

Eu te... amo. Está contente?

RIBEIRO.

Obrigado.

CAROLINA, *querendo afastar-se.*

Agora adeos. Até amanhã.

RIBEIRO.

Separarmo-nos! Depois de estar uma vez perto de ti, de saber que tu me amas? Não, Carolina.

CAROLINA.

Mas é preciso.

RIBEIRO.

Tu és minha! Vamos viver juntos.

CAROLINA, *sorpresa.*

Sempre?

RIBEIRO.

Sempre! sempre juntos!

CAROLINA.

Como?

RIBEIRO.

Vem comigo; o meo carro nos espera.

CAROLINA, *espantada.*

Fugir!

RIBEIRO.

Fugir, não; acompanhar aquelle que te adora.

CAROLINA.

E' impossivel!

RIBEIRO.

Vem, Carolina.

CAROLINA.

Não! Não! Deixe-me! *(Pausa.)*

RIBEIRO, *friamente.*

Ah! E' esta a prova do amor que me tem!... Adeos! Esqueça-se de mim! nunca mais nos tornaremos á ver.

CAROLINA, *supplicante.*

Mas abandonar minha mãe!... Não posso!

RIBEIRO.

Eu acharei outras que me amem bastante para me fazerem esse pequeno sacrificio.

CAROLINA.

Outras que não terão sua familia.

RIBEIRO.

Mas que terão um coração.

CAROLINA.

E eu não o tenho!

RIBEIRO.

Não parece.

CAROLINA.

Antes não o tivesse.

RIBEIRO.

Adeos.

CAROLINA, *supplicante,*

Até amanhã: Sim?

RIBEIRO.

Para sempre.

CAROLINA.

Amanhã... Talvez.

RIBEIRO.

Deve ser hoje, ou nunca.

CAROLINA.

E minha mãe?

RIBEIRO.

E' uma separação de alguns dias.

CAROLINA.

Mas ella me perdoará?

RIBEIRO.

Vendo sua filha feliz...

CAROLINA.

Que dirão minhas amigas?

RIBEIRO.

Terão inveja de ti.

CAROLINA.

Porque?

RIBEIRO.

Porque serás a mais bella moça do Rio de Janeiro.

CAROLINA, *sorrindo.*

Eu?

RIBEIRO.

Sim! Tu não nasceste para viver escondida nesta casa, espiando pelas frestas da rotula, e cosendo para a Cruz. Estas mãos não forão feitas para o trabalho, mas para serem beijadas como as mãos de uma rainha. (*Bei-*

ja-lhe as mãos.) Estes cabellos não devem ser presos por laços de fitas, mas por flores de diamantes *(Tira os laços de fita e joga-os fora.)* Só a cambraia e a seda podem roçar sem offender-te essa pelle assetinada.

CAROLINA, *com faceirice.*

Mas eu sou pobre!

RIBEIRO.

Tu és bonita; e Deos creou as mulheres bellas para brilharem com as estrellas. Terás tudo isto, diamantes, joias, sedas, rendas, luxo e riquesa. Eu te prometto!... Quando appareceres no theatro, deslumbrante e fascinadora, verás todos os homens se curvarem á teos pés; um murmurio de admiração te a companhará; e tu altiva e orgulhosa me dirás em um olhar: « Sou tua. »

CAROLINA, *fascinada.*

Tua noiva?

RIBEIRO.

Tudo, minha noiva, minha amante. Depois iremos esconder a nossa felicidade e o nosso amor n'um retiro delicioso. Oh! se soubesses como a vida é doce no meio do luxo, em companhia de alguns amigos, juntos d'aquelles que se ama, e á roda de uma mesa carregada de luses e de flores!... O vinho espuma nos copos e o sangue ferve nas veias; os olhares queimão como fogo; os labios que se tocão esgotão avidos o calice de champagne como se fossem beijos em gotas que cahissem de outros labios. Tudo fascina; tudo embriaga, esquece-se o mundo e suas miserias. Por fim as luses empallidecem, as cabeças se reclinão; e a alma, a vida, tudo se resume em um sonho!

CAROLINA, *electrisada.*

Mas o sonho passa...

RIBEIRO.

Para voltar no dia seguinte, no outro, e sempre.

CAROLINA.

Eu tambem tenho meos sonhos; mas não acredito nelles.

RIBEIRO.

E que sonhas tu; minha Carolina?

CAROLINA.

Vaes zombar de mim!

RIBEIRO.

Não; conta-me.

CAROLINA.

Sonho com o mundo que eu não conheço! com esses praseres que nunca senti. Como deve ser bonito um baile! Como hade ser feliz a mulher que todos olhão, que todos admirão! Mas isto não é para mim!

RIBEIRO.

Tu verás!... Vem! A felicidade nos chama. *(passa-lhe o braço pela cintura e quer leva-la.)*

CAROLINA.

Espera!

RIBEIRO.

Que queres fazer?

CAROLINA.

Resar! Pedir perdão a Deos!

RIBEIRO.

Pedir perdão de que? O amor não é um crime!

(Luiz apparece no fundo pallido e com uma luz cuja claridade occulta com a mão.)

CAROLINA.

Meo Deos!... E minha mãe!

RIBEIRO, *abraçando-a.*

Vem, Carolina!

(Vão sahir, encontrão-se face á face com Luiz; e recuão.)

SCENA XIV.

OS MESMOS, LUIZ.

(Toda esta scena é jogada com voz surda e abafada.)

CAROLINA, *soltando um grito.*

Ah!

RIBEIRO, *a meia voz.*

Quem é este homem?

CAROLINA, *tremula.*

Meo primo!...

LUIZ, *deita a vela sobre a commoda e dirige-se a Ribeiro.*

Não pense que é um rival que vem disputar-lhe sua amante. Não, senhor! Ha pouco recusei a mão da minha prima que seo pae me offerecia; não a amo. Mas sou seu parente e devo ampara-la no momento em que vae perder-se para sempre.

RIBEIRO.

Não tenho medo de palavras; se quer um escandalo...

LUIZ, *interronpendo-o.*

Está enganado! Se quizesse um escandalo e tambem uma vingança bastava-me uma palavra; bastava chamar seo pae. Mas eu sei que não é a força que dobra o coração; e temo que minha prima odeie algum dia em mim o homem que ella julgará author de sua desgraça.

RIBEIRO.

O que deseja então ?

LUIZ.

Desejo tentar uma ultima prova. O senhor acaba de fallar a esta menina a linguagem do amor e da seducção; eu vou fallar-lhe a linguagem da amisade e da rasão. Depois de ouvir-me, ella é livre; e eu juro que não me opporei á sua vontade.

RIBEIRO.

Ella ama-me ! Era por sua vontade que me seguia !

LUIZ.

Ella amo-o, sim; mas ignora que este amor é a perdição; que ella vae sacrificar a um praser ephemero a innocencia, e a sua felicidade. Não sabe que um dia a sua propria consciencia será a primeira a despresa-la, e a envergonhar-se do corpo que ella habita.

CAROLINA.

Luiz !

RIBEIRO, *a Carolina.*

Não acredites.

LUIZ.

Acredite-me, Carolina. Fallo-lhe como um irmão. Esses brilhantes, esse luxo, que ha pouco o senhor lhe promettia, se agora brilhão á seus olhos, mais tarde lhe queimarão o seio, quando conhecer que são o preço da honra vendida !

CAROLINA.

Por piedade; Calle-se meu primo !

LUIZ.

Depois a bellesa passará, porque a bellesa passa depressa no meio das vigilias; então ficará só, sem ami-

gos, sem amor, sem illusões, sem esperanças: não terá para acompanha-la, senão o remorso do passado.

RIBEIRO.

Tu sabes que eu te amo, Carolina.

LUIZ.

Eu tambem... a estimo, minha prima.

RIBEIRO.

Vem! Seremos felizes!

CAROLINA.

Não!... Não posso!

RIBEIRO.

Porque? Ha pouco não dizias que eras minha? *(Baixo.)*

CAROLINA.

Sim...

RIBEIRO.

A uma palavra deste homem, esqueces tudo?

CAROLINA.

Não esqueço, mas...

RIBEIRO, *frio.*

Sei a causa. Se elle não chegasse, eu era o preferido; mas entre os dois escolhe aquelle que talvez já tem direito sobre sua pessoa.

CAROLINA.

Direito sobre mim?

LUIZ.

Já lhe disse que não amava esta moça.

RIBEIRO.

Negar em taes casos é um dever. *(A Carolina.)* Adeos, seja feliz com elle.

CAROLINA.

Com elle !... Mas eu não o amo !

RIBEIRO, *com despreso.*

Já lhe pertence.

CAROLINA.

Luiz? Eu lhe supplico ! Diga que é uma falsidade !

LUIZ.

Eu o juro !

RIBEIRO.

Não creio em juramento ! *(Vae a sahir.)*

CAROLINA, *correndo a elle.*

Oh ! não !

MARGARIDA, *dentro.*

Carolina !

CAROLINA.

Minha mãe !

LUIZ.

Margarida !

CAROLINA.

Ah ! Estou perdida ! *(Desfallece nos braços de Ribeiro.)*

LUIZ.

Silencio !

(Vae á porta da esquerda. Ribeiro aproveita-se desse momento e sahe levando Carolina nos braços. Luiz volta-se com o rumor antes de feixar a porta, e vê a sala deserta.)

SCENA XV.

LUIZ, MARGARIDA.

LUIZ.

Ah!... *(Corre á janella; ouve-se partir um carro: volta com desespero; vê os laços de fita, apanha-os e beija.)*

MARGARIDA.

Carolina!... *(Vê Luiz.)* Que é isto Luiz?

LUIZ, *mostrando as fitas.*

São as azas de um anjo, Margarida; elle perdeo-as, perdendo a innocencia.

MARGARIDA.

Minha filha!

FIM DO PROLOGO.

PRIMEIRO ACTO.

Salão de um hotel. Pequenas mesas com toalhas e talheres á direita e á esquerda; no centro uma mesa redonda preparada para quatro pessoas. É cerca de meia noite.

SCENA I.

PINHEIRO, HELENA, JOSÉ.

José acaba de preparar a mesa, quando ouve-se parar um carro. Vae á janella do fundo. Entrão Helena e Pinheiro.

HELENA, *a Pinheiro.*

Ainda não chegarão.

PINHEIRO.

Não ha tempo. José, previnirás o Ribeiro, logo que elle chegue, de que estamos aqui.

JOSÉ.

Sim, senhor.

HELENA, *a José.*

O champagne já está gelado?

JOSÉ.

Já deve estar. *(A Pinheiro)* Que outros vinhos hade querer, Sr. Pinheiro?

PINHEIRO.

Os melhores.

HELENA.

Eu cá não bebo senão champagne.

PINHEIRO.

Por espirito de imitação. Ouvio dizer que era o vinho predilecto das grandes *lorettes* de Paris.

HELENA, *com desdem.*

Não gosto de francesas.

PINHEIRO, *sorrindo.*

Pois eu gosto bem das francesas.

HELENA.

Faz bem! Nós é que temos a culpa! Se fossemos como algumas que a ninguem tem amor!...

PINHEIRO.

Qual! Santo de casa não faz milagres.

JOSÉ, *a Pinheiro.*

Já vio uma dansarina que chegou pelo paquete?

PINHEIRO.

A que está no hotel dá Europa?

JOSÉ.

Não; está aqui, no numero 8.

HELENA.

Alguem lhe pedio noticias della?

JOSÉ, *rindo.*

O Sr. Pinheiro gosta de andar ao facto dessas cousas.

(Continúa a arrumar as mesas e sahe. Pinheiro vae á janella e volta.)

SCENA II.

PINHEIRO, HELENA.

HELENA.

Como esteve massante o theatro hoje!

PINHEIRO, *sentando-se.*

Como sempre.

HELENA.

Não sei que graça achão esses sugeitinhos na Stoltz! Não tem nada de bonita!

PINHEIRO.

É *prima-dona!*

HELENA.

Sabes quem deitou muito o óculo para mim? O Araujo.

PINHEIRO, *rindo.*

Ah! Estará apaixonado por ti?

HELENA.

E porque não! Outros melhores que elle tem se apaixonado!

PINHEIRO.

Isso é verdade!

HELENA.

Ah! já confessa!... Mas disem que o Araujo agora está bem?

PINHEIRO.

É guarda-livros de uma casa inglesa.

HELENA.

Foi feliz; eu conheci-o caixeiro de armarinho. *(Pequena pausa.)*

PINHEIRO.

Escuta, Helena; tenho uma cousa a diser-te.

HELENA.

O que?... Temos arrufos?...

PINHEIRO.

Estou apaixonado pela Carolina.

HELENA, *com enfado.*

Já me disseste.

PINHEIRO.

Julgaste que era uma brincadeira! Mas é muito serio. Estou disposto a faser tudo para conseguir que ella me ame!

HELENA.

Por isso é que já não fazes caso de mim?

PINHEIRO.

Ao contrario: é de ti que eu espero tudo.

HELENA.

De mim?

PINHEIRO.

Não me recusarás isto!

HELENA.

Ah! Julgas que a minha paciencia chega a este ponto?

PINHEIRO.

Foste tu que protegeste o Ribeiro.

HELENA.

Sim; mas o Ribeiro não era meu amante, como o Sr.!

PINHEIRO.

Ora, deixa-te disso! Queres faser de ciumenta! Que lembrança!...

HELENA.

Não julgue os outros por si.

PINHEIRO.

Olha! A Carolina gosta de mim e...

HELENA.

E mais cedo ou mais tarde devo ceder-lhe o meu logar?

PINHEIRO.

Desde que nada perdes...

HELENA.

E' o que te parece.

PINHEIRO.

Eu continuarei a ser o mesmo para ti.

HELENA.

Cuidas que não tenho coração?

PINHEIRO.

Se eu não soubesse como tu és boa e condescendente, não te pedia este favor.

HELENA.

Está feito! Tu sempre me havias de deixar!... Antes assim!

PINHEIRO.

Obrigado, Helena.

HELENA.

Que queres que eu faça?

PINHEIRO.

Eu te digo. Dei esta ceia ao Ribeiro unicamente para ver se consigo fallar a Carolina.

HELENA.

Ah! nunca lhe fallaste?

PINHEIRO.

Nunca: o Ribeiro não a deixa!

HELENA.

E' verdade; ha dous annos que a tirou de casa e ainda gosta della como no primeiro dia.

PINHEIRO.

Posso contar comtigo?

HELENA.

Já te prometti. Mas, vês esta pulseira? Foi o presente que me fez o Ribeiro. E' de brilhantes!...

PINHEIRO.

Eu te darei um adereço completo.

HELENA.

Não paga o sacrificio, que eu te faço!... Esses homens pensão!... Se elles dizem que a gente é de marmore!

PINHEIRO.

Fallas hoje mesmo com ella a meu respeito?

HELENA.

Fallo... Fallo!

PINHEIRO.

Vê se consegues que deixe o Ribeiro.

HELENA.

Fica descançado. Eu sei o que hei de fazer! Agora váe contar isto aos teos amigos para que elles zombem de mim.

PINHEIRO.

Não sejas injusta!

SCENA III.

OS MESMOS, JOSÉ, RIBEIRO, CAROLINA.

JOSÉ.

Ahi está o Sr. Ribeiro com uma senhora. Posso servir?

PINHEIRO.

Pódes.

HELENA.

Ainda não. Espere um momento.

PINHEIRO.

Para que?

HELENA.

Já te esqueceste?... Deve ser antes.

PINHEIRO.

Ah! Sim!

RIBEIRO.

Chegarão muito cedo.

HELENA.

Sahimos antes de acabar o espectaculo.

RIBEIRO.

Não reparei. *(A Pinheiro.)* Quanto mais depressa ceiarmos, melhor.

PINHEIRO.

A *Favorita* fez-te fome?

RIBEIRO.

Alguma; mas além disso preciso recolher-me cedo.

CAROLINA.

Pois eu previno-te que emquanto houver uma luz sobre a mesa e uma gota de vinho nos copos, não saio d'aqui. Tenho tantas vezes sonhado uma noite como esta, tenho esperado tanto por estas horas de praser,

que pretendo gosa-las até o ultimo momento. Quero se ver a realidade corresponde á imaginação.

RIBEIRO.

Está bem, Carolina; pódes ficar o tempo que quizeres. Não te zangues por isso.

CAROLINA.

Oh! Não me zango! Já estou habituada á vida triste a que me condemnaste. Mais hoje...

HELENA.

Então não vives satisfeita?

CAROLINA.

Não vivo, não, Helena; sabes que me promettérão uma existencia brilhante, e me fiserão entrever a felicidade que eu sonhava no meio do luxo, das festas, da riquesa! A illusão se desveneceo bem depressa.

RIBEIRO.

Tu me offendes com isto, Carolina.

CAROLINA.

Cuidas que foi para me esconder dentro de uma casa, para olhar de longe o mundo sem podêr gosa-lo, que eu abandonei meus páes? Que sou eu hoje?... Não tenho nem as minhas esperanças de moça, que já murcharão, nem a liberdade que eu sonhei.

RIBEIRO.

Mas, Carolina, tu bem sabes que se eu te guardo para mim sómente, se tenho ciume do mundo, é porque te amo; sou aváro, confesso; sou aváro de um thesouro.

CAROLINA.

Não entendo esses amores occultos, que tem vergonha de se mostrarem; isto é bom para os velhos e os hypocritas. Amar é gosár da existencia, a dois, é partilhar seos praseres, sua felicidade. Que praseres temos nós

que vivemos aborrecidos um do outro? Que felicidade sentimos para darmo-nos mutuamente?

RIBEIRO.

Estás hoje de mão humor.

CAROLINA.

Ao contrario, estou contente! A vista destas luzes, destas flores, desta mesa, destes preparativos de ceia, me alegrou! É assim que eu comprehendo o amor e a vida. Na companhia de alguns amigos, vendo o vinho espúmar nos copos e sentindo o sangue ferver nas veias. Os olhares queimão como fogo; os seios palpitão, a alma bebe o praser por todos os póros: pelos olhos, pelos sorrisos, nos perfumes, e nas palavras que se trocão!

HELENA.

Bravo! Como estás romantica!

CAROLINA.

Oh! Tu não fases idéa! Meo espirito tem revoado tantas veses em torno dessa esperança, que vendo-a prestes a realisar-se, quasi enloqueço. Outr'ora dei por ella a minha innocencia: hoje daria a minha vida inteira! *(Senta-se. Ribeiro e Pinheiro conversão á parte.)*

HELENA, *chegando-se a ella, baixo.*

Pois olha! Tens o que desejas bem perto de ti.

CAROLINA.

Não te entendo.

HELENA.

Deixa-te ficar e verás.

CAROLINA.

Mas escuta!

HELENA.

Depois; não percas tempo.

CAROLINA, *suspirando.*

Já perdi dois annos!

RIBEIRO, *chegando-se.*

Foste injusta comigo, Carolina. Não acreditas que eu te amo, ou já não me amas talvez! Confessa!

CAROLINA, *com indifferença.*

Não sei.

RIBEIRO.

Dize francamente.

CAROLINA.

Como está quente a noite! Abre aquella janella.

(Ribeiro vae abrir a janella do fundo; Helena, que fallava baixo a Pinheiro, dirige-se á elle, e ambos conversão recostados á grade e voltados para a rua.

SCENA IV.

CAROLINA, PINHEIRO.

PINHEIRO.

Eu lhe agradeço, Carolina.

CAROLINA, *admirada.*

O que, Sr. Pinheiro?

PINHEIRO.

A satisfação que me causarão suas palavras. Não pensava, dando esta ceia, que ia realisar um desejo seu.

CAROLINA, *sorrindo.*

Ah! é verdade! Mas sou eu então que lhe devo agradecer.

PINHEIRO.

Faça antes outra cousa.

CAROLINA.

O que?

PINHEIRO.

Faça que o acaso se torne uma realidade; que esta noite de esperança se transforme em annos de felicidade! Acceite o meu amor!

CAROLINA, *rindo*.

Para faser o que delle?

PINHEIRO, *idem*.

O que quiser: comtanto que me ame um pouco. Sim?

CAROLINA.

Não.

PINHEIRO.

Porque?

CAROLINA.

Amor por amor já tenho um; e este ao menos é o primeiro.

PINHEIRO.

O meo será o segundo e eu procurarei tornal-o tão bello, tão ardente, que não tenha inveja do primeiro.

CAROLINA.

Já me illudirão uma vez essas promessas, quando eu ainda via o mundo com os olhos de menina, hoje não creio mais nellas.

PINHEIRO.

Não tem rasão.

CAROLINA.

Oh! se tenho! O senhor diz agora que me ama por mim, para fazer-me feliz, para satisfaser os meos desejos, os meos caprichos, as minhas fantasias. Si eu acreditasse nessas bellas palavras, sabe o que aconteceria?

PINHEIRO.

Me daria a ventura!

CAROLINA.

Sim, mas ficaria o que sou. No momento em que lhe pertencesse, tornar-me-ia um traste, um objecto de luxo; em vez de viver para mim, seria eu que viveria para obedecer ás suas vontades. Não no dia em que a escrava deixar o seu primeiro senhor, será para rehaver a liberdade perdida.

PINHEIRO.

Não é livre então? Não póde amar aquelle que preferir?

CAROLINA.

Para uma mulher ser livre é necessario que ella desprese bastante a sociedade para não se importar com as suas leis; ou que a sociedade a desprese tanto que não faça caso de suas ações. Eu não posso ainda repellir essa sociedade em cujo seio vive minha familia; ha alguns corações que soffrerião com a vergonha da minha existencia e com a triste celebridade do meo nome. E' preciso soffrer até o dia em que me sinta com bastante coragem para quebrar esses ultimos laços que me prendem. Nesse dia se houver um homem que me ame e me offereça a sua vida, eu a acceitarei; porém como senhora.

PINHEIRO.

E porque este dia não será hoje? Diga uma palavra! uma só...

CAROLINA.

Hoje?... *(Sorrindo.)* Não!... Talvez amanhã.

PINHEIRO.

Promette?...

CAROLINA.

Não prometto nada. Vamos ceiar. *(Erguendo-se.)* Anda Helena! Ribeiro!.. Deixem-se de conversar agora.

PINHEIRO.

José, serve-nos.

(Menezes entra pela esquerda e senta-se do mesmo lado a uma das mesas.)

SCENA V.

OS MESMOS, RIBEIRO, HELENA, MENEZES.

RIBEIRO.

E' mais de meia noite.

HELENA.

Um dia não são dias, Sr. Ribeiro; amanhã dorme-se até ás duas horas da tarde.

CAROLINA.

Justamente as horas que eu passo mais aborrecida. *(Ribeiro vae comprimentar Menezes.)*

HELENA, *baixo a Carolina.*

Tu me pareces outra. Achaste o que procuravas?

CAROLINA, *sorrindo.*

Ainda não.

HELENA.

És difficil de contentar.

PINHEIRO.

Adeos, Menezes; queres ceiar comnosco?

MENEZES.

Muito obrigado,

PINHEIRO.

Não faças cerimonia.

MENEZES.

Tu é que estás usando de etiquetas. Onde viste con-

vidar um quinto parceiro para jogar uma partida de voltarete?

RIBEIRO.

Ah! É por isso que não acceitas?

MENEZES.

De certo! Nesta especie de ceias, a regra é nem menos de dois, nem mais de quatro; um quinto transtorna a conta, a menos que não seja um zero. Ora eu não gosto de ser nem importuno, nem... Vieirinha!...

PINHEIRO, *rindo.*

Deixa-te disso; vem ceiar.

MENEZES.

E' escusado insistires.

RIBEIRO.

Pois não sabes o que perdes.

MENEZES.

Não; mas sei quanto ganho.

(Pinheiro dirige-se á mesa; é o tempo que Luiz e Araujo entrão pela esquerda, e vão á mesa da direita fronteira a Menezes.)

——

SCENA VI.

OS MESMOS, LUIZ, ARAUJO, JOSÉ.

PINHEIRO.

Podemos ir nos sentando.

ARAUJO, *entrando, a Luiz.*

Tu não és capaz de advinhar quem eu vi esta noite no theatro.

LUIZ.

Alguma tua apaixonada.

ARAUJO.

Não tenho... Uma pessoa que te fez bastante mal...

LUIZ.

Quem?

ARAUJO.

Lembras-te daquella mulher, que mandava faser costuras... *(Vendo Carolina aperta o braço de Luiz)* Oh!

LUIZ, *voltando-se.*

Ella!...

ARAUJO.

Não vae faser alguma estrallada. Finge que não a vês; é o melhor. *(Senta-se.)*

LUIZ.

Adeos! Não posso ficar aqui.

ARAUJO.

Deixa-te disso, Luiz. Nada de fraquezas!

LUIZ.

Mas a sua presença é uma tortura.

ARAUJO.

Come alguma cousa: é o melhor calmante para as dôres moraes. Tenho estudado a fundo a phisiologia das paixões e estou convencido que o coração está no estomago, quando não está na algibeira. *(Levanta-se para ir a um apparador cheio de comidas.)*

MENEZES.

Araujo!

ARAUJO.

Oh! Não te tinha visto.

MENEZES.

Estiveste no theatro?

ARAUJO.

Estive?

MENEZES.

Que tal correo a *Favorita?*

ARAUJO.

Bem; porque não foste?

MENEZES.

Tinha uma partida a que não podia faltar.

PINHEIRO, *na mesa.*

Anda mais depressa, José!

JOSÉ, *entrando com um prato.*

Prompto! Uma *mayonnaise* soberba!

HELENA.

De que?

JOSÉ.

De salmão.

(Durante este ultimo dialogo, Carolina tira as luvas e o bornou e vae deitar no sofá á direita; Luiz ergue-se. O trecho seguinte da scena é dito a meia voz.)

CAROLINA.

Luiz!

LUIZ.

Silencio!

CAROLINA, *supplicante.*

Não me quer fallar? meu primo?

LUIZ.

Com que direito os labios vendidos profanão o nome do homem honesto que deve a posição que tem ao seo trabalho? Com que direito a moça perdida quer lançar a sua vergonha sobre aquelles que ella abandonou?

CAROLINA.

Não me desprese, Luiz!

LUIZ.

Não a conheço.

CAROLINA.

Tem rasão! Esqueci-me que estou só neste mundo; que não me resta mais nem páe, nem mãe, nem parentes, nem familia. O senhor, veio lembrar-me! Obrigada.

LUIZ.

Minha prima!

CAROLINA, *com desdem.*

Sua prima morreo! *(Volta-lhe as costas.)*

HELENA, *da mesa.*

Vem, Carolina!

RIBEIRO, *chegando-se.*

Quem é este moço com quem conversavas?

CAROLINA.

Não sei.

RIBEIRO.

Não o conheces?

CAROLINA.

Nunca o vi.

RIBEIRO.

Mas fallavas com elle!

CAROLINA.

Pedia-me noticias de uma amiga minha que já é morta.

RIBEIRO.

Não estejas com estas ideas tristes. Anda; estão nos esperando.

ARAUJO.

José, traz-nos alguma cousa. *(Volta ao logar.)*

JOSÉ.

O que hade ser?

ARAUJO.

O que viér mais depressa.

MENEZES.

E a mim, quanto tempo queres faser esperar?

JOSÉ.

O que deseja, Sr. Menezes?

MENEZES.

Desejo o que tu não tens; dize-me antes o que ha.

JOSÉ.

Quer uma costeleta de carneiro?

MENEZES.

Vá feito.

ARAUJO, *a Luiz.*

Sabes do que me estou lembrando? D'aquellas noites em que ceiávamos juntos na *Aguia de Prata* ha dois annos, quando tu me fallavas do teu amor. Naquelle tempo não tinhamos dinheiro, nem frequentavamos os hoteis. Eras compositor e eu caixeiro de armarinho na rua do Hospicio.

LUIZ.

E hoje somos mais felises? Adquirimos uma posição bonita, que muitos invejão, mas perdemos tantas esperanças que naquelle tempo nos sorrião!

ARAUJO.

Já váes cahir no sentimentalismo. A esta hora é perigoso.

LUIZ, *rindo com esforço.*

Dizes bem! Ha certas occasiões em que é preciso rir para não chorar. *(A José que serve Menezes.)* Uma garrafa de cerveja.

JOSÉ.

Preta ou branca?

ARAUJO.

Amarella!
(Entra Vieirinha.)

SCENA VII.

OS MESMOS, VIEIRINHA.

VIEIRINHA.

Oh! Só o Menezes não estaria por aqui!

MENEZES.

Sigo o teo exemplo.

VIEIRINHA.

Não quiseste ir hoje ao Lyrico?

MENEZES.

Tive que faser.

VIEIRINHA.

Pois esteve bom; havia muita moça bonita. A Elisa lá estava.

MENEZES.

Então já se sabe... Tiveste serviço?

VIEIRINHA, *sorrindo.*

Não lhe dei corda; occupei-me com outra pessoa... Mas esta tu não conheces.

MENEZES.

É nova?

VIEIRINHA.

Negocio de quinze dias; porém já está adiantado.

MENEZES.

Ainda não te escreveo?

VIEIRINHA, *alisando o bigode.*

És curioso!

PINHEIRO.

Vieirinha! *(Araujo escolhe um jornal no apparador.)*

VIEIRINHA.

Adeos, Pinheiro!... Mas como está isto florido!

PINHEIRO.

Vem ceiar comnosco.

VIEIRINHA.

Acceito. Como estás, Ribeiro?

RIBEIRO.

Á tua saude!

PINHEIRO.

E dos teos novos amores.

VIEIRINHA.

Quaes?

MENEZES.

São tantos, que não se lembra!

ARAUJO, *passando, a Menezes, em meia voz.*

Quem é este conquistador?

MENEZES.

Nunca o vistes?

ARAUJO, *chegando-se a Menezes.*

Não.

MENEZES.

Admira! É um desses sujeitos que vivem na firme convicção de que todas as mulheres o adorão; isto o consóla do pouco caso que delle fasem os homens.

ARAUJO.

Então é um fatuo?

MENEZES.

Pois não! É um homem feliz; vae a um theatro e a um baile; acha bonita uma mulher, solteira, viuva, ou

casada; persuade-se que ella o ama; e no dia seguinte com a maior boa fé revela esse segredo a alguns amigos bastante discretos para só contarem aos seos conhecidos,

ARAUJO.

E é nisso que se occupão?

MENEZES.

Achas que é pouco!

VIEIRINHA.

Uma saude! Mas hade ser de virar.

HELENA.

A quem?

VIEIRINHA.

Á mulher que comprehende o amor.

CAROLINA.

Pois eu bebo á mulher que comprehende o praser.

PINHEIRO.

Bravo! Muito bem!

HELENA.

Não bebe, Sr. Ribeiro?

RIBEIRO.

Eu bebo á primeira saude.

HELENA.

E eu á segunda.

VIEIRINHA.

E eu a ambas.

PINHEIRO.

José, pede permissão a estes senhores para offerecer-lhes um copo de champagne. Espero que me fação o obsequio de acompanhar a nossa saude. Vamos, Menezes!

MENEZES.

Qual é a saude?

CAROLINA.

A' mulher que ama o praser.

MENEZES.

Vá lá!

PINHEIRO.

Os senhores não bebem?

ARAUJO.

Eu agradeço.

PINHEIRO.

E o Sr. Vianna?

LUIZ.

Eu proponho outra saude: « Ao praser e áquelles que para gosa-lo sacrificão tudo! »

PINHEIRO.

E' a melhor!

LUIZ.

E a mais verdadeira. Se os senhores me permittem, eu lhes contarei uma pequena historia que os hade divertir.

VIEIRINHA.

Com muito gosto.

MENEZES.

Venha a historia.

LUIZ.

O senhor póde aproveita-la para um dos seos folhetins quando lhe falte materia.

MENEZES.

Fica ao meo cuidado.

VIEIRINHA.

Mas não a appliques a ti comforme o teo costume.

MENEZES.

Se for uma historia de amor, está visto que has de ser tu o meo heroe.

LUIZ.

E' uma historia de amor. Passou-se á dois annos.

PINHEIRO.

Aqui na Corte?

LUIZ.

Na Cidade Nova. Vivia então no seio de sua familia uma moça pobre, mas honrada. Tinha desoito annos; era linda.... *(a Ribeiro)* como... como essa senhora que está a seo lado, Sr. Ribeiro.

RIBEIRO.

Em que rua morava?

LUIZ.

Não me lembro. Seu pae e sua mãe a adoravão; tinha um primo, pobre artista, que a amava loucamente.

CAROLINA.

A amava?...

LUIZ.

Sim, senhora. Era ella quem lhe dava a ambição; era esse amor que o animava no seo trabalho, e que o fasia adquirir uma instrucção que depois o elevou muito acima do seo humilde nascimento. Mas sua prima o despresou, para amar um moço rico e elegante.

ARAUJO, *baixo.*

Vás trahir-te.

LUIZ.

Não importa. *(Idem.)*

PINHEIRO.

Continue, Sr. Vianna.

HELENA.

Eu acho melhor que se faça uma saude cantada.

VIEIRINHA.

Com hipes e hurràs.

CAROLINA.

Porque?... A historia do Senhor é tão bonita.

VIEIRINHA.

Lá isso, não se póde negar! E' um perfeito romance.

LUIZ.

Uma noite, no momento em que esse moço entrava, sua prima sedusida por seo amante, ia deixar a casa de seos paes.

MENEZES.

Oh! Temos um lance dramatico.

LUIZ.

Não, senhor; passou-se tudo muito simplesmente. Elle disse algumas palavras severas á sua prima; esta despresou suas palavras como tinha despresado o seu amor, e... partio.

VIEIRINHA.

Como! O sujeito deixou-a partir?

LUIZ.

E' verdade.

CAROLINA, *com ironia.*

E a amava!

MENEZES.

Era um homem prudente.

LUIZ.

Era um homem que comprehendia o praser.

PINHEIRO.

Não entendo.

LUIZ.

Elle amava essa moça, mas não era amado; nunca obteria della o menor favor e respeitava-a muito para pedi-lo. Lembrou-se que deixando-a fugir, chegaria o dia em que com algumas notas do banco compraria a affeição que não poude alcançar em troca da sua vida.

ARAUJO.

Como pódes mentir assim!

RIBEIRO.

Não bebas tanto champagne, Carolina. Faz-te mal!

LUIZ.

Esse homem comprehendia o mundo, não é verdade?

VIEIRINHA.

Era um grande politico.

MENEZES.

Da tua eschola.

LUIZ.

Desde então elle tratou de ganhar dinheiro; precisava, não só para satisfaser o seo capricho, como para alliviar a miseria da familia daquella moça, que com a sua loucura tinha lançado sua mãe em uma cama, e arrastado seu pae ao vicio da embriaguez.

CAROLINA.

Ah!...

RIBEIRO.

Que tens?

CAROLINA.

Uma dor que costumo soffrer! Da-me vinho.

LUIZ.

E' justamente o que esse pae fasia. Sentia a dor da perda de sua filha e queria afoga-la com o vinho.

VIEIRINHA.

Máu! A historia começa a enternecer-me!

MENEZES.

E' bem interessante!

CAROLINA.

Mas falta-lhe o fim.

MENEZES.

Ah! tem um fim.

RIBEIRO.

Carolina!

CAROLINA.

Essa moça... Os senhores desejão talvez conhece-la?

VIEIRINHA.

De certo.

CAROLINA.

Sou eu!

PINHEIRO.

A senhora!

LUIZ, *a Araujo.*

Está perdida!

CAROLINA.

Sou eu; e espero que chegue o dia em que possa pagar o sacrificio desse amor tão generoso, que despresci.

PINHEIRO.

Mas seo primo?...

CAROLINA.

Já o não é.

MENEZES.

Como se chama?

CAROLINA.

Não sei.

ARAUJO.

José, da-me a conta!

MENEZES.

Espera, vamos juntos.

ARAUJO.

Ainda te demoras!

MENEZES.

Não.

SCENA VIII.

OS MESMOS, JOSÉ, ANTONIO.

JOSÉ, *na porta.*

Ponha-se na rua! Não achou outro logar para cosinhar a bebedeira?

ANTONIO, *da parte de fóra.*

Quero beber... Vinho... compro com o meo dinheiro. Eh! lê! Meia garrafa, senhor moço!...

JOSÉ, *empurrando-o.*

Vá-se embora, já lhe disse.

MENEZES.

Que barulho é este, José?

JOSÉ.

E' um bebado! Achou a porta aberta, entrou, e agora quer por força que lhe venda meia garrafa de vinho.

ARAUJO.

Pois mata-lhe a sede.

JOSÉ.

Se elle já está cahindo.

ANTONIO, *cantando.*

Mandei faser um balaio
Da casquinha d'um camarão!...

JOSÉ, *empurrando-o.*

Nada! Ponha-se no andar da rua.

CAROLINA.

Deixe-o entrar; talvez nos divirta um pouco. Estou triste!

JOSÉ.

Mas é capaz de quebrar-me a louça.

PINHEIRO.

Que tem isso? Eu pago o que elle quebrar.

CAROLINA.

E' uma finesa que lhe devo.

RIBEIRO.

Mas que não é necessaria; tu pódes satisfaser os teos caprichos sem recorrer a ninguem.

ANTONIO.

Oh! temos brodio por cá tãobem? Viva a alegria! Toca a musica! Ta-rá, lá-lá, ta-ri, to-ri. (*Dansa.*)

MENEZES.

O homem é diletanti como o Vieirinha. (*Risos.*)

VIEIRINHA.

E' engraçado como um artigo teo.

ANTONIO.

Estão se rindo?... Cuidão que estou meio lá, meio cá?

MENEZES.

Não: faz tanto barulho que vê-se logo que está todo cá.

ANTONIO, *rindo.*

Pois olhe: apenas bebi seis garrafas.

VIEIRINHA.

Não é muito!

ANTONIO.

Não é, não. Mas faltavão os cobres, senão... Oh! Tanto heide beber que por fim heide achar.

MENEZES.

Achar o que?

ANTONIO.

Não sabe? Upa!... Pois não sabe?... Eu não bebo porque goste do vinho... Já me enjôa.

MENEZES.

Porque bebe então?

ANTONIO.

Porque procurôôô... êh! lô!... Procuro no fundo da garrafa, uma cousa que os velhos chamavão virtude, e que não se acha mais neste mundo.

PINHEIRO.

Eis um Diogenes!...

HELENA, *a Antonio.*

Como te chamas?

ANTONIO.

Que te importa o meo nome?... Não tenho dinheiro!

ARAUJO, *a Luiz, baixo.*

Luiz! Luiz! Olha!

LUIZ.

O que?

ARAUJO.

Este homem.

LUIZ.

Antonio!...

LUIZ.

Cala-te!
(Carolina começa a reconhecer Antonio.)

MENEZES.

Mas então ainda não achou o que procurava?

ANTONIO.

Hein?...

MENEZES.

A virtude...

ANTONIO.

Não existe. No fundo da garrafa só acho o somno. Mas é bom o somno. A gente não se lembra...

VIEIRINHA.

Das maroteiras que fez.

ANTONIO.

A gente vive n'outro mundo que não é ruim como este! Oh! é bom o vinho!

VIEIRINHA.

Pois tome lá este copo de champagne.

ANTONIO.

Venha! *(Provando.)* Puah!... Não presta! E' doce como as fallas de certa gente; embrulha-me o estomago! Antes a aguardente que queima!

MENEZES.

Chegue aqui; diga-me o que você procura esquecer. Soffreo alguma desgraça?

VIEIRINHA.

Queres outra historia!

ANTONIO.

Qual historia! Não soffri nada! Diverti os outros.

MENEZES.

Mas conte isso mesmo.

ANTONIO.

Não tem que contar... O trabalhador não deve crear sua filha para os moços da moda?

MENEZES.

Então sua filha...

ANTONIO.

Roubarão e nem ao menos me derão o que ella valia! Velhacos... Os sugeitinhos hoje estão espertos!

MENEZES.

Pobre homem!

ANTONIO.

Pobre, não! *(Bate no bolso.)* Veja como tine! *(Rindo.)* A mulher está doente, não trabalha; eu durmo todo o dia, não vou mais á loja; porém Margarida tinha uma cruz de ouro com que resava. Fui eu, e furtei agora de noite a cruz, como o outro furtou minha filha, e passei-a nos cóbres. Cá está o dinheiro; chega para beber dois dias. Estou rico! Viva a alegria! Olá! senhor moço! Ande com isso!... Meia garrafa!...

HELENA, *a Carolina.*

Vamos para outra sala; não podes ficar aqui.

RIBEIRO, *a José.*

Faz já sahir este bebado!

ARAUJO, *a Luiz.*

Tenho medo do que váe se passar.

ANTONIO, *para Carolina.*

Olé! Que peixão! Da cá este abraço... menina!

CAROLINA.

Meo páe!... *(Esconde o rosto.)*

ANTONIO.

Pae!... Ha muito tempo que não ouço esta palavra. Mas quem és tu? Deixa-me ver teo rosto. Tu pareces bonita. Serás como Carolina? *(Descobre-lhe o rosto, olha-a fixamente e começa a reconhece-la.)* Mas... não me engano... Sim... Sim... Tu és!...

CAROLINA.

Não!

ANTONIO.

Tu és minha filha!

CAROLINA.

E' falso!

ANTONIO.

Não foste tu que me fallaste ha pouco?... aqui... Não me chamaste teo pae?... Carolina!

CAROLINA.

Deixe-me!

ANTONIO.

Vem! Tua mãe me pedio que te levasse!

CAROLINA.

Minha mãe!...

ANTONIO.

Sim, tua mãe... Margarida. Se soubesses... como ella tem chorado... Minha pobre Margarida!

CAROLINA.

Não sei quem é.

ANTONIO.

Não sabes?

CAROLINA.

Não!

ANTONIO.

Tu não sabes?

CAROLINA.

Meo Deos!

ANTONIO.

Esqueceste até o nome de tua mãe?

CAROLINA.

Esqueci tudo.

ANTONIO.

Oh! tens rasão! Tu não és minha filha! Nunca foste...

(Precipita-se sobre ella e a obriga a ajoelhar-se. Ribeiro e Pinheiro protegem Carolina, em quanto Luiz segura Antonio pelo braço.)

LUIZ.

Antonio!

ANTONIO.

Solta-me, Luiz.

MENEZES.

Não a offenda! E' sua filha!

ANTONIO.

Não; já não é!.

MENEZES.

Mas é ainda uma mulher... Deseja puni-la? Respeite essa vida que a levará de licção em licção até o ultimo e terrivel desengano. E' preciso que um dia a sua propria consciencia a accuse perante Deos, sem que possa achar deffesa, nem mesmo na cholera severa, mas justa de um páe.

(Carolina está sentada á mesa com a cabeça reclinada.)

ARAUJO.

Vamos; vamos; Luiz.

ANTONIO.

E ella... fica.

ARAUJO.

Nem lhe responde!

ANTONIO.

Pois sim, fica: se algum dia me encontrares no teo caminho, se o teo carro atirar-me lama á cara, se os

teos cavallos me pisarem, não me olhes, não me reconheças. Vê o que tu és, que um miseravel bebado, que anda cahindo pelas ruas, tem vergonha de passar por teo páe!

LUIZ.

Espera, Antonio! Talvez ainda não esteja tudo perdido! Um ultimo esforço! Abre os braços á tua filha!... Olha! Olha! Não vês que ella chora?

CAROLINA.

Forão as ultimas lagrimas... já seccarão!... Se tivessem cahido neste copo, eu beberia com ellas á memoria do meo passado!

SEGUNDO ACTO.

Sala em casa de Helena.

SCENA I.

LUIZ, ARAUJO, MENEZES.

MENEZES.

Podemos entrar. Nada de ceremonias.

ARAUJO.

Talvez sejamos importunos.

MENEZES.

Não tenhas receio. Sente-se, Sr. Vianna.

ARAUJO.

E o tal Vieirinha?

MENEZES.

Que tem? *(Na porta)* Helena!

HELENA, *dentro*.

Já vou, Sr. Menezes.

MENEZES.

Está no *toilette* naturalmente. Esperemos um instante.

ARAUJO.

Não cuidei que se tratasse com tanto luxo! É uma bella casa.

MENEZES.

Como muitas familias não a tem; mas assim deve ser quando os maridos roubão a suas mulheres, e os páes a seus filhos para alimentarem essas parasitas da sociedade.

LUIZ.

Diz bem: a culpa não é dellas.

MENEZES.

Mas, Araujo, sinceramente te confesso que ainda não comprehendi o teo empenho!

ARAUJO.

Empenho de que?

MENEZES.

De conhecer a Helena. Achas bonita?

ARAUJO.

Bonita!... Uma mulher que tem os dentes e os cabellos na rua do Ouvidor!

MENEZES.

Entretanto entraste hoje de madrugada, quero dizer, ás dez horas por minha casa; interrompeste o meo somno do domingo, o unico tranquillo que tem um jornalista; me fizeste sahir sem almoço; pagaste um carro; e tudo isto para que te viesse apresentar a essa velha sem dentes e sem cabellos!

ARAUJO.

Isto se explica por um capricho. Sou um tanto original nas minhas paixões.

MENEZES.

Então estás apaixonado pela Helena.

ARAUJO.

Infelizmente.

LUIZ.

Porque não confessas a verdadeira causa? O Sr. Menezes é teo amigo, e embora só ha pouco tempo tivesse o praser de conhece-lo, confio bastante no seo caracter para fallar lhe com franquesa.

ARAUJO.

É o melhor; assim me poupas o descredito de inventar uma paixão bem extravagante.

MENEZES.

Qual é então a verdadeira causa desta apresentação?

LUIZ.

Eu lhe digo. Trata-se de salvar uma moça por quem muito me interesso: quero fallar-lhe ainda uma vez, tentar os ultimos esforços; mas na sua casa é impossivel: o Ribeiro guarda-a com um cuidado e uma vigilancia excessiva.

MENEZES.

É a Carolina?

LUIZ.

Ella mesma. Lembra-se daquella scena que presenciamos no hotel ha cerca de um mez?

MENEZES.

Lembro-me perfeitamente; e parece-me, pelo que vi, que os seos esforços serão inuteis.

ARAUJO.

É tambem a minha opinião. Tenho-lhe dito muitas veses que a honra de um homem é uma cousa muito preciosa para estar sujeita ao capricho de qualquer mulher, só porque o acaso a fez sua parente.

LUIZ.

Não é por mim, Araujo, é por ella, que procuro salva-la. Reconheço que é bem difficil; mas resta-me ainda uma esperança: talvez a mãe obtenha pelo amor, aquillo que nem a voz da rasão, nem o grito do dever puderão conseguir.

MENEZES.

Pensa bem, Sr. Vianna.

LUIZ.

Para isso porém é preciso encontra-la só um instante; sabe que costuma vir á casa desta mulher que a perdeo e de quem é amiga. Araujo disse-me que o senhor a conhecia; e fomos immediatamente procura-lo. Eis o verdadeiro motivo do incommodo que lhe demos; o Sr. Menezes é homem para o comprehender e apreciar.

MENEZES.

Não se enganou, Sr. Vianna; farei o que me fôr possivel.

LUIZ.

Muito obrigado.

MENEZES.

Não tem de que; é um dever de todo o homem honesto proteger e defender a virtude que vacilla e vae succumbir, ou mesmo ajuda-la a rehabilitar-se. Mas devo corresponder á sua franquesa com igual franquesa. Creio que o senhor, e tu mesmo, Araujo, não conhecem bem o terreno em que pisão actualmente?

LUIZ.

Não de certo.

ARAUJO.

Quanto a mim estou em paiz estrangeiro.

MENEZES.

Pois é preciso estudar o movimento e a orbita desses astros errantes para acompanha-los na sua rotação. Aqui não se conhece nem um desses objectos como a honra, o amor, a justiça, a religião, que fasem tanto barulho lá fora. Neste mundo áparte só ha um poder, uma lei, um sentimento, uma religião; é o dinheiro. Tudo se compra e tudo se vende; tudo tem um preço.

LUIZ.

Que miseria, meo Deos!

MENEZES.

Quem vê de longe este mundo não comprehende o que se passa nelle, e não sabe até onde chega a degeneração da raça humana. O oriente desses astros opacos é o luxo; e o occaso é a miseria. Começão vendendo a virtude; vendem depois a sua bellesa, a sua mocidade, a sua alma; quando o vicio lhes traz a velhice prematura, não tendo já que vender, vendem o mesmo vicio e fasem-se instrumentos de corrupção. Quantas não acabão vendendo suas filhas para se alimentarem na desgraça!

ARAUJO.

Tu exageras!... Ninguem se avilta a esse ponto.

MENEZES.

Não exagero, não. Muitas são boas e capases de um sacrificio; tem coração. Mas de que lhes serve esse traste no mundo em que vivem!

ARAUJO.

Para amar o homem a quem devem tudo.

MENEZES.

Elle seria o primeiro a escarnecer della!

SCENA II.

OS MESMOS, VIEIRINHA, HELENA.

VIEIRINHA, *canturolando.*

Je suis le sire de Framboisy. (Comprimenta.) Meos senhores!... Não se incommodem; estejão a gosto.

MENEZES.

Adeos. Como vaes?

VIEIRINHA.

Bem, obrigado.

MENEZES.

Que se faz de bom?

VIEIRINHA.

Nada; enche-se o tempo.

HELENA.

Bons dias, Sr. Menezes.

MENEZES.

Emfim apparecco!

HELENA.

Desculpe; se me tivesse prevenido da sua visita... Mas chega de repente e no momento em que estava me penteando.

MENEZES.

Tem rasão!... Aqui lhe trouxe o Sr. Vianna e o Sr. Araujo que muito desejão conhece-la. São meos amigos: isto diz tudo.

HELENA.

A minha casa está ás suas ordens. Estimo muito...

MENEZES.

Se não me engano, o Sr. Vianna deseja conversar com a senhora; portanto não o faça esperar.

HELENA.

Faser esperar é o nosso direito, Sr. Menezes.

MENEZES.

Quando se trata de amor; mas não quando se trata de um negocio.

HELENA.

Ah! E' um negocio.

LUIZ.

Sim, Senhora.

HELENA.

Pois quando quiser...

VIEIRINHA, *a Helena.*

Já almoçaste, Helena?

HELENA.

Ha pouco; mas o almoço ainda está na mesa.

VIEIRINHA.

Com licença, meos Senhores.

Luiz e Helena conversão no sofa: Menezes e Araujo recostados á janella.

SCENA III.

MENEZES, ARAUJO, LUIZ, HELENA.

ARAUJO.

Não me dirás que figura faz este Vieirinha no meio de tudo isto?

MENEZES.

A figura de um desses saguis com que as moças se divertem. Neste mundo de mulheres, Araujo, existem duas especies de homens, que eu classifico como os animaes de pennas. Uns são esses moços ricos e esses velhos viciosos que se arruinão e estragão a sua fortuna para merecerem as graças destas deosas pagãs: esses se depennão. Os outros são os que vivem das migalhas desse luxo, que comem e vestem á custa daquella prodigalidade; esses se empennão.

ARAUJO.

O Vieirinha pertence a esta ultima classe.

MENEZES.

E' o typo mais perfeito. Em todas estas casas encontra-se uma variedade do genero Vieirinha.

ARAUJO.

Mas porque rasão suportão ellas esse animal? Será por amor?...

MENEZES.

A's vezes é; outras é simples orgulho e vaidade. Esta gente que profana tudo, que faz de tudo, dos sentimentos os mais puros, uma mercadoria; depois de tanto vender, quer tãobem ter o gosto de comprar. Umas comprão logo um marido; outras contentão-se em comprar um amante. E' mais commodo: deixa-se quando aborrece.

ARAUJO.

E' o que a Helena fez com o Vieirinha?

MENEZES.

Justamente.

ARAUJO.

E sahe-lhe caro esse capricho?

MENEZES.

Sem duvida; mas o dinheiro como vem, assim váe. Depois ella dá por bem empregado qualquer sacrificio. Não quer parecer velha.

ARAUJO.

Mas quando ceiamos juntos, aquella noite ao sahir do theatro, me pareceo que o Pinheiro...

MENEZES.

Deixou-a; está apaixonado pela Carolina; e a Helena, segundo me disserão, o protege.

ARAUJO.

Ah! De amante passou a confidente?

MENEZES.

E' verdade. *(Accende um charuto com phosphoros que encontra no apparador.)* Tu ficas?

ARAUJO.

Espero por Luiz.

MENEZES.

Então adeos.

ARAUJO.

Porque não te demoras? Sahiremos juntos.

MENEZES.

Não posso; tenho que faser. Vou almoçar e depois escrever um artigo. Até á noite.

ARAUJO.

Aonde?

MENEZES.

No Theatro lirico. Não vaes?

ARAUJO.

E' natural.

MENEZES.

Sr. Vianna! Helena...

LUIZ, *depois de dar furtivamente algumas notas a Helena.*

Já vae? Nós o acompanhamos.

MENEZES.

Depressa terminou a sua conversa!

LUIZ.

E' verdade; a senhora foi tão amavel...

HELENA.

Era uma cousa tão simples!

MENEZES.

Fico bastante satisfeito: é signal de que a minha apresentação valeo um pouco.

HELENA.

O senhor sabe que ella vale sempre muito. (*Vae subindo com Menezes.*)

ARAUJO, *a Luiz.*

Conseguiste?

LUIZ.

Consegui tudo. O Menezes tem razão: o dinheiro venceo todas as diffculdades. Ao meio dia Carolina está aqui.

ARAUJO.

Ao meio dia?... São mais de onze...

LUIZ.

Toma o carro. Ella está doente, mas com a esperança de ver sua filha...

ARAUJO.

E tu onde me esperas?

LUIZ.

Eu, vou dar uma volta, e dentro de meia hora estarei aqui.

ARAUJO.

Até já. (*Sahindo.*) Menezes! (*A Helena.*) Viva!

LUIZ.

Vamos Sr. Menezes.

HELENA.

Então ás 11 1/2!...

LUIZ.

Aqui estarei,

SCENA IV.

HELENA, VIEIRINHA.

VIEIRINHA.

Almocei bem! O Menezes já foi?

HELENA.

Sahio agóra mesmo.

VIEIRINHA.

E os outros?

HELENA.

Tambem.

VIEIRINHA.

Que fases tu hoje?

HELENA.

Nada.

VIEIRINHA.

Então não precisas de mim?

HELENA.

Que pergunta!

VIEIRINHA.

Da-me um charuto.

HELENA.

Não tenho.

VIEIRINHA.

Estás hoje muito aborrecida.

HELENA.

E tu muito massante.

VIEIRINHA.

Não duvido; passei mal a noite. (*Estende-se no sofá.*) Se quiseres conversar acorda-me.

HELENA.

Não se deite, não senhor.

VIEIRINHA.

Porque?

HELENA.

Não são horas de dormir.

VIEIRINHA.

Ora, quando se tem somno...

HELENA.

Espero Carolina. Preciso estar só!

VIEIRINHA.

Ah! Isto é outro caso. Queres diser que me ponha ao fresco.

HELENA.

Pouco mais ou menos.

VIEIRINHA.

Está feito! Vou trocar as pernas por ahi.

HELENA.

Não voltas?

VIEIRINHA.

E' boa! Deitas-me pela porta fóra e achas que devo voltar?

HELENA.

Estás zangado?... Deixa-te disso! Volta ás quatro horas.

VIEIRINHA.

Para faser o que?

HELENA.

Iremos jantar ao Hotel de Botafogo.

VIEIRINHA.

É muito longe.

HELENA.

Não faltes.

VIEIRINHA.

Se puder.

HELENA.

Conto comtigo.

VIEIRINHA.

Vae só.

HELENA.

Não tem graça!

VIEIRINHA.

Pois eu não posso ir.

HELENA.

Porque rasão?

VIEIRINHA.

Porque...

HELENA.

Estás inventando a mentira?

VIEIRINHA.

Tenho acanhamento em confessar-te.

HELENA.

Começas tarde com os teos acanhamentos!

VIEIRINHA, *rindo.*

Deveras!... Pois não vou ao Hotel de Botafogo porque não quero encontrar-me com certo sujeito.

HELENA.

Ou sujeita?...

VIEIRINHA.

Já estás com ciumes! É um rapaz que me ganhou outro dia cincoenta mil réis ao *ecarté*, e a quem ainda não paguei.

HELENA.

Não será o primeiro.

VIEIRINHA.

Nem o ultimo. Mas esse tem uma irmã feia e rica, que póde ser um excellente casamento. Se não lhe pago fico desacreditado na familia.

HELENA.

Bem feito! Só assim deixarás o maldito vicio do jogo.

VIEIRINHA.

Ah! Deo-te para ahi! Queres pregar-me um sermão? Basta os que ouço do velho! (*Vae sahir.*)

HELENA.

Então, até quatro horas?

VIEIRINHA.

Não, decididamente não vou; já te disse o motivo.

HELENA.

Olha! Se tu me promettesses...

VIEIRINHA.

O que?

HELENA.

Não jogar mais.

VIEIRINHA.

Que farias?

HELENA.

Faria um sacrificio...

VIEIRINHA.

Sacrificio... (*Faz o gesto vulgar com que se exprime dinheiro.*)

HELENA.

Sim!

VIEIRINHA.

Prometto o que tu quiseres! Juro!

HELENA, *dando-lhe uma nota.*

Pois toma; vae pagar a tua divida e volta.

VIEIRINHA, *abraçando-a.*

Está dito!... Tu és uma flor, Helena.

HELENA.

Sim! Vem a tempo os teos cumprimentos; nem fases caso de mim.

VIEIRINHA.

Não digas isto. Os unicos momentos de felicidade que eu tenho, são os que passo junto de ti. Até á tarde! (*Na sahida encontra-se com Carolina.*)

SCENA V.

HELENA, CAROLINA.

CAROLINA.

Cheguei muito cedo!

HELENA.

Não faz mal.

CAROLINA.

Sentia uma impaciencia!... Apenas o Ribeiro sahio, metti-me n'um carro... Antes que me arrependesse!

HELENA.

Assim estás resolvida?

CAROLINA.

Inteiramente.

HELENA.

Já duas vezes disseste o mesmo, e quando chegou o momento...

CAROLINA.

Hesitei antes de dar este passo; não sei que presentimento me apertava o coração, e me disia que eu procedia mal. Foi o primeiro homem a quem amei neste mundo; é o pae de minha filhinha. Parecia-me que devia acompanha-lo sempre!

HELENA.

Se elle não te abandonasse mais dia, menos dia.

CAROLINA.

Não hade ter este trabalho; hoje resolvi-me; esta existencia pesa-me. A que horas vem o Pinheiro?

HELENA.

Não póde tardar.

CAROLINA.

É muito longe daqui a Larangeiras?

HELENA.

Não; é um instante! Em cinco minutos podes lá estar.

CAROLINA.

Já viste a casa?

HELENA.

Ainda hontem. Está arranjada com um luxo!... O Pinheiro vae te tratar como uma princeza.

CAROLINA.

Comtanto que me deixe livre.

HELENA.

Elle te adora; hade fazer todas as tuas vontades. Queres ver que lindo presente te mandou.

CAROLINA.

Por ti?

HELENA.

Sim; está aqui. *(Tira do bolso caixas de joias.)*

CAROLINA.

Um collar... pulseiras e broche!

HELENA.

Não é de muito gosto?

CAROLINA.

São brilhantes?...

HELENA.

Verdadeiros... Mas, Carolina, tenho uma noticia a dar-te.

CAROLINA.

Que noticia?

HELENA.

Teo primo deseja ver-te.

CAROLINA.

Luiz!... Esteve aqui?... Que me quer elle? Ainda não está satisfeito com me ter mostrado tanto despreso?

HELENA.

Que te importa?

CAROLINA.

Sempre que o vejo fico triste. Soffro por muitos dias.

HELENA.

Foi a principio.

CAROLINA.

Ainda hoje não posso esquecer as palavras que elle me disse á dous annos. E são tão amargas as suas palavras!

HELENA.

Entretanto elle te ama.

CAROLINA.

A mim?... Tu pensas...

HELENA.

Não nos disse outro dia no Hotel?

CAROLINA.

Disse que amava outra Carolina, que não sou hoje.

HELENA.

Cuidas que por uma mulher preferir outro homem, aquelle que ella despresou deixa de ama-la? Como te enganas!

CAROLINA.

Então acreditas?...

HELENA.

Agora mesmo elle aqui esteve; e me fallou de ti com um modo...

CAROLINA.

Que te disse?

HELENA.

Confessou que estava arrependido do que fez; que deseja ver-te para mostrar que sempre te estimou e ainda te estima.

CAROLINA.

Não é possivel, Helena. Se Luiz me estimasse não me fallava com tanto despreso!

HELENA.

Ora Carolina, se tu amasses um homem que se casasse com outra mulher, o que farias?

CAROLINA.

Tens rasão. *(Fica pensativa.)*

HELENA.

Espera.

Vae á porta do fundo e conversa com Luiz, que apparece um momento.

CAROLINA.

Mas elle disse-te que me queria ver?... Voltará?

HELENA.

Creio que sim!

CAROLINA.

Meo Deos!

HELENA.

Que mal faz que tu lhe falles? Se elle te offender entra para dentro; se quiser amar-te faz o que entenderes; mas não esqueças o Pinheiro.

CAROLINA.

Sei o que devo fazer.

HELENA.

Se precisares de mim, chama-me.

CAROLINA.

Me deixas só?

HELENA.

Ao contrario, vê quem está ahi.

SCENA VI.

LUIZ, CAROLINA.

CAROLINA.

Luiz!

LUIZ.

Não me recusou fallar, Carolina. Eu lhe agradeço.

CAROLINA.

Porque recusaria?

LUIZ.

Depois do que se tem passado, não era natural que desejasse fugir á presença de um importuno?

CAROLINA.

Qual de nós, a primeira vez que nos encontramos depois de uma longa ausencia, repellio o outro?

LUIZ.

A reprehensão é justa, eu a mereço. Mas não creia que venho ainda lembrar-lhe um passado que todos devemos esquecer, e accusa-la de uma falta de que outros talvez sejão mais culpados. Venho fallar-lhe como um irmão; quer-me ouvir?

CAROLINA.

Falle: não tenha receio.

LUIZ.

Todos nós, Carolina, homens ou mulheres, velhos ou moços, todos, sem excepção, temos faltas em nossa vida; todos estamos sujeitos a commetter um erro e a praticar uma acção má. Uns porém cegão-se ao ponto de não verem o caminho que seguem; outros arrependem-se a tempo. Para estes o mal não é senão um exemplo e uma licção; ensina a apreciar a virtude que se despresou em um momento de desvario. Estes merecem, não só o perdão, porém muitas veses a admiração que excita a sua coragem.

CAROLINA.

Não, Luiz; ha faltas que a sociedade não perdôa, e que o mundo esquece nunca. A minha é uma destas.

LUIZ.

Está enganada, Carolina. Se uma moça, que levada pelo seo primeiro amor, ignorando o mal, esqueceo um instante os seos deveres, volta arrependida á casa paterna; se encontra no coração de sua mãe, na amisade de seo pae, nas affeições dos seos, a mesma ternura; se ella continúa a sua existencia doce e tranquilla no seio da familia; porque a sociedade não lhe perdoará, quando Deos lhe perdôa, dando-lhe a felicidade?

CAROLINA.

Nunca ella poderá ser feliz! A sua vida será uma triste expiação.

LUIZ.

Ao contrario, será uma regeneração. Em vez dessa paixão criminosa que a roubou a seos paes, ella póde achar no seio da sua familia o amor calmo que purifique o passado e lhe faça esquecer a sua falta.

CAROLINA.

E' verdade então, Luiz?... Helena não me enganou!

LUIZ.

O que?... Não sei!...

CAROLINA.

Ainda me ama?

LUIZ.

Eu?...

CAROLINA.

Não era de si que me fallava?

LUIZ.

Não, Carolina; fallava do Ribeiro.

CAROLINA.

Ah! Era d'elle!...

LUIZ.

E' o unico que tem direito de ama-la!

CAROLINA.

Pois eu não o amo.

LUIZ.

Não creio.

CAROLINA.

Juro-lhe.

LUIZ.

E' impossivel.

CAROLINA.

Amanhã não duvidará.

LUIZ.

Amanhã?... Que vae faser?

CAROLINA.

Hade saber.

LUIZ.

Carolina, eu lhe peço, não dê semelhante passo; elle é ainda mais grave do que o primeiro. Comprehendo que

uma menina inexperiente, sacrifique-se á affeição de um homem; mas nada justifica a mulher que renega aquelle a quem dêo a sua vida.

CAROLINA.

Então não posso deixa-lo!

LUIZ.

Não! Uma mulher deve sempre conservar a virgindade do coração, e guardar pura a sua primeira affeição. Respeita-se o consorcio moral de duas creaturas que se unem apesar do mundo e dos prejuisos que as separão; respeita-se a virtude ainda quando ella não reveste as formulas de convenção. Mas despresa-se a mulher que acceita qualquer amor que lhe offerecem.

CAROLINA.

E quem lhe diz que amarei á outro?

LUIZ.

O primeiro amor é ás veses o ultimo; o segundo nunca o será.

CAROLINA.

Podia ser, Luiz, se o não despresassem.

LUIZ.

Não comprehendo.

CAROLINA.

Tambem eu não comprehendo este sentimento; mas o coração é assim feito; deseja o que não póde obter, o que muitas veses desdenhou quando lh'o offerecião. Admiro-me do que se passa em mim, e não sei explica-lo. Parece-me ás veses que ainda haveria um meio de ligar o fio de minha vida ás recordações dos meos desoito annos, e continuar no futuro a existencia tranquilla de outrora. Mas esse meio.... é uma loucura.

LUIZ.

Diga, Carolina! Eu farei tudo...

CAROLINA.

Tudo !...

LUIZ.

Duvida ?

CAROLINA.

Ame-me então !

LUIZ.

Escarnece de mim !

CAROLINA.

Luiz !

LUIZ.

Creia-me, Carolina. Se eu estivesse convencido da realidade desse amor, ainda assim, sacrificaria a minha á sua felicidade.

CAROLINA.

Está bem ! Não fallemos mais nisso ! Foi um gracejo ; não faça caso... Adeos !

LUIZ.

Já me despede.

CAROLINA.

Póde ficar se quizer.

Carolina chega-se ao espelho, e enxuga furtivamente uma lagrima. Deita as joias que Helena lhe dera.

LUIZ, *vendo no relogio.*

Meio dia.

CAROLINA.

Cuidei que fosse mais tarde !... Bonitas pedras ! Não são ?... Foi um presente !...

LUIZ.

Ah ! foi um presente ?

CAROLINA.

Não é de bom gosto ?

LUIZ.

Muito lindo!

CAROLINA.

Quanto valerá?

LUIZ.

Nada para mim; para outros talvez seja o preço de uma infamia.

CAROLINA.

Faltava o insulto!...

SCENA VII.

OS MESMOS, HELENA.

HELENA.

Sabes quem está ahi?

CAROLINA.

Não.

HELENA.

O Ribeiro.

CAROLINA.

Ah!

HELENA.

Que virá fazer?

CAROLINA.

Não sei. Naturalmente recebeo a minha carta mais cedo do que devia.

HELENA.

Tu lhe escreveste?... Para que?

LUIZ, *a Carolina.*

Seo amante!

CAROLINA.

Eu o espero.

SCENA VIII.

OS MESMOS, RIBEIRO.

RIBEIRO, *a Carolina.*

Esta carta?

CAROLINA.

E' minha.

RIBEIRO.

Que quer diser isto?

CAROLINA.

Não leo?... Previnio-o da minha resolução.

RIBEIRO.

Não acredito!... Tu não podes deixar-me!

CAROLINA.

Não posso!... Porque?

RIBEIRO.

Tu és minha, Carolina! Tu me pertences!

CAROLINA.

Engana-se: o que lhe pertence ficou em sua casa; deixando-o, deixei tudo que me havia dado.

RIBEIRO.

Que me importa isso? E' a ti que eu não quero, e não devo perder!

CAROLINA.

Sei que incommoda a falta de um objecto com o qual estamos habituados! Mas paciencia... Nem sempre a moça timida havia de sujeitar-se ao jugo que lhe impuserão.

RIBEIRO.

E' a segunda vez que me fazes esta exprobação. Não me comprehendes! Se eu não te amasse, teria realisado os teus sonhos; gosaria um momento comtigo dessa

vida louca e extravagante que te fascina, e depois te abandonaria ao acaso. Mas Deos punio-me com a minha propria falta; quiz seduzir-te e amei-te. Não sabes o que tenho soffrido... em que luta vivo com minha familia!

CAROLINA.

Neste ponto me parece que se algum de nós deve ao outro, não é de certo aquella que sacrificou a sua existencia. Mas não cuide que me queixo; acceito o meo destino! Fui eu que assim o quiz...

RIBEIRO.

Tu me lembras que tenho uma divida de honra a pagar-te.

CAROLINA.

Obrigada! Basta-me a liberdade e o socego!

RIBEIRO.

Então decididamente me deixas?

CAROLINA.

Já o deixei; já não estou em sua casa. A minha é nas Larangeiras.

RIBEIRO.

A delle, queres dizer? A do Pinheiro!

CAROLINA.

É o mesmo!

LUIZ.

E era esta mulher que ha pouco fallava de amor!

CAROLINA.

Não era esta, não senhor; era a outra a quem insultarão. *(Vae sahir.)*

RIBEIRO.

Uma palavra, Carolina!...

CAROLINA.

Que quer ainda, senhor?

RIBEIRO.

Eu te sedusi, fiz-te desgraçada, não é verdade?... Pois bem! Arrostro a opposição de minha familia! Arrostro tudo! Quero reparar a minha falta! És a mãe de minha filha: sê minha mulher!

CAROLINA.

Tua mulher!

RIBEIRO.

Sim, Carolina! E' um sacrificio que te devo.

CAROLINA.

Não lh'o pedi!

RIBEIRO.

Mas sou eu que te supplico!

LUIZ.

E' a honra, é a virtude, é a felicidade que elle lhe restitue!

(Apparece Pinheiro.)

SCENA IX.

OS MESMOS, PINHEIRO.

CAROLINA.

Não! E' tarde!...

LUIZ.

Carolina!...

CAROLINA.

Já que o amor não é possivel para mim, prefiro a liberdade!... Quero ver á meos pés um por um todos esses homens orgulhosos que tanto blasonão de probos e honestos!... Ahi curvando a fronte ao vicio, o marido

trahirá sua esposa, o filho abandonorá sua familia, o pae esquecerá os seos deveres para mendigar um sorriso. Porque no fim de contas, virtude, honra, gloria, tudo se abate com um olhar, e roja diante de um vestido. *(A Pinheiro.)* Meo carro?...

PINHEIRO.

Está na porta.

HELENA.

Vem ver como é rico!

RIBEIRO.

Lembra-te ao menos de tua filha!...

CAROLINA.

Deixo-a a seo pae como um remorso vivo!

LUIZ.

Reflicta, Carolina; acceite a reparação que o senhor lhe offerece; faça de um homem arrependido, de uma moça desgraçada e de uma menina orphã, uma familia; dê a felicidade a seo marido, e um nome á sua filha!

CAROLINA.

E quem me dará a mim o que eu perco?

LUIZ.

A sua consciencia.

CAROLINA.

Não a conheço! Adeos! *(Vae sahir.)*

RIBEIRO.

Não! Tu não sahirás com este homem!

CAROLINA.

Quem impedirá?

RIBEIRO.

Eu!

HELENA.

Sr. Ribeiro, seja prudente!

PINHEIRO.

E' o que me faltava ver! Que o senhor queira levar o ridiculo a este ponto! Tem algum direito sobre ella?

RIBEIRO.

Tenho o direito de vingar-me de um amigo desleal que me trahio!

PINHEIRO, *com escarneo.*

Eu trahi; e o senhor?... Roubou! Roubou a filha a seos paes!

LUIZ, *a Carolina.*

Veja os homens a quem ama!

CAROLINA.

Não amo a ninguem! Sou livre! *(Caminhando para a porta vê Margarida que entra pelo braço de Araujo; recúa com espanto.)*

SCENA X.

OS MESMOS, MARGARIDA, ARAUJO.

CAROLINA, *escondendo o rosto.*

Ah! esqueci que ainda tinha mãe!

MARGARIDA, *com voz desfallecida.*

Carolina!

LUIZ.

Tardaste muito!

ARAUJO.

Apesar de toda a sua coragem, faltavão-lhe as forças! Que te disse ella?

LUIZ.

Calla-te!

MARGARIDA.

Carolina!... Não fallas á tua mãe?... Não me queres

conhecer?... Depois de tanto tempo!... *(Pausa)* Tens medo de mim?... Não penses que vim reprehender-te... accusar-te! Já não tenho forças!... Vim pedir-te que me restituas a filha que perdi! Queria ver-te antes de morrer... Eu te perdôo tudo... Não tenho que perdoar... Mas falla-me... Olha-me ao menos!... *(Carolina volta-se involuntariamente e confusa)* Mais perto! Quasi não te vejo!... As lagrimas cegão... e tenho chorado tanto!...

CAROLINA.

Minha mãe!...

MARGARIDA.

Ah!

CAROLINA.

Oh! não!

MARGARIDA.

Que tens?

CAROLINA.

Tenho vergonha!

MARGARIDA.

Abraça-me! Deos ouvio as minhas orações! Achei emfim minha filha... minha Carolina!

CAROLINA.

Não está mais zangada comigo?

MARGARIDA.

Nunca estive!... Tinha saudades!... Pórém agora não nos separaremos mais nunca. Vem!...

CAROLINA.

Para onde?

MARGARIDA.

Para a nossa casa; hasde acha-la bem mudada. Mas tudo voltará ao que era. Estando tu lá, a alegria entrará de novo; seremos muito felises, eu te prometto.

CAROLINA.

Está tão fraca !

MARGARIDA.

Comtigo sinto-me forte ! Já não estou doente : vê ! *(Dá um passo e vacilla.)*

CAROLINA.

Nem póde andar !... Mas tenho ahi o meo carro.

MARGARIDA.

Teo carro !...

CAROLINA.

Sim ! Ainda não vio ? E' tão bonito !

MARGARIDA.

Todas essas riquesas que compraste tão caro e que tantos soffrimentos custarão á tua mãe, já não te pertencem, Carolina. Atira para longe de ti estes brilhantes !... Não te assentão !

CAROLINA.

Minhas joias !...

MARGARIDA.

Oh ! Não lamentes a sua perda ! Beijos de mãe brilhão mais em tuas faces do que esses diamantes ! Tu eras mais bonita quando iamos á missa aos domingos !

CAROLINA.

Pois sim ! *(Afasta-se.)*

LUIZ, *a Margarida.*

Era a minha ultima esperança !

MARGARIDA.

Não falhou ; o coração me disia...

CAROLINA, *no espelho.*

Não ! Não tenho coragem !

MARGARIDA.

Que dises?...

CAROLINA.

Perdão! minha mãe! E' impossivel!

MARGARIDA.

Lembra-te, minha filha, que é a tua deshonra que tu mostras a todos!

CAROLINA.

Que importa?... Minhas joias!... Tão lindas!... Sem ellas o que serei eu?... Uma pobre moça que excitará um sorriso de piedade!... Não! Nasci com este destino! E' escusado...

LUIZ, *a Margarida.*

Fui irrita-la!

MARGARIDA, *a Carolina.*

Escuta! Não exijo nada! Não quero saber de cousa alguma! Fase o que quiseres; mas deixa-me acompanhar-te; deixa-me viver comtigo; eu partilharei até mesmo a tua vergonha.

CAROLINA.

Nunca! minha mãe! Seria profanar o unico objecto que eu ainda respeito neste mundo. Adeos...

MARGARIDA.

Carolina!

CAROLINA.

Adeos... e para sempre!

MARGARIDA.

Ah! *(Desmaia.)*

LUIZ.

Assim, depois de ter desconhecido o pae, e abandonado a filha, repelle a mãe!

CAROLINA.

Como á pouco me repellirão.

TERCEIRO ACTO.

Em casa de Carolina. Sala rica e elegante.

SCENA I.

CAROLINA, HELENA, MENEZES, ARAUJO.

Tomão sorvetes.

MENEZES, *dando uma nota.*

Helena, manda pagar estes sorvetes e charutos.

CAROLINA.

Diga alguma cousa, Sr. Araujo.

ARAUJO.

Prefiro ouvir.

CAROLINA.

Como está seo amigo?

ARAUJO.

Bom, obrigado.

ARAUJO.

Porque elle não veio?

ARAUJO.

Deve saber a rasão.

CAROLINA.

Elle foge de mim; não é verdade?

ARAUJO.

Creio que foi a senhora que fugio delle. *(Entra Helena.)*

MENEZES.

Que é feito do Pinheiro?

CAROLINA.

Não sei.

HELENA.

Anda por ahi. Depois que deitou fóra a fortuna do pae vive tão murcho!

MENEZES.

Está pobre!

HELENA.

Não tem vintem. *(Vae á janella.)*

CAROLINA.

Era um esperdiçado!

ARAUJO.

Ninguem póde melhor dise-lo do que a senhora.

CAROLINA.

Explique-se.

ARAUJO.

Este luxo explicará melhor. Quem lh'o dêo?

CAROLINA, *subindo.*

Não me recordo.

HELENA, *na janella á Carolina.*

Não passeias hoje? A tarde está tão linda!

CAROLINA.

Talvez.

ARAUJO.

Vou-me embora.

MENEZES.

Tão depressa?... Para isso não valia a pena incommodar-nos.

ARAUJO.

E' verdade! Mas convidei-te para esta visita só por um motivo.

MENEZES.

Qual?

ARAUJO.

Luiz pedio-me que soubesse noticias della. Vim busca-las eu mesmo, para dá-las exactas.

MENEZES.

Pois então demora-te; talvez ainda tenhas que ver.

HELENA.

Olha! Lá vae aquella sujeita!

CAROLINA, *sentando-se.*

Quem?

HELENA.

A mulher do Fernando, a quem pregaste aquella peça!

CAROLINA.

Lembro-me.

HELENA.

Que bem feita cousa!

MENEZES.

O que?

HELENA.

E' uma historia muito engraçada. O senhor não sabe?

MENEZES.

Não. Conta, Carolina.

CAROLINA.

Não estou para isso. Se queres conta tu, Helena.

ARAUJO.

E' o melhor.

HELENA.

Ouça. No ultimo dia de grande gala que houve...

ARAUJO.

O dia 7 de Setembro.

HELENA.

Isso mesmo. O Fernando por pedido da mulher, veio á cidade de proposito para comprar um bilhete de camarote do theatro lirico. Os cambistas lhe fiserão dar cem mil réis por um da segunda ordem... Numero?...

CAROLINA.

Não me lembro.

HELENA.

Como já era tarde, jantou na cidade e escrevêo á mulher disendo que se apromptasse porque tinhão o camarote. Na ida passou por aqui e entrou. Começamos a conversar, fallou-se de theatro; Carolina estava morrendo por ir... Em fim para encurtar rasões, dêo-lhe o bilhete.

ARAUJO.

Que tratante!

HELENA.

Ao contrario um homem delicado!... Mas o melhor é que sahindo daqui, e não sabendo que desculpa havia de dar á mulher, não foi á casa, nem lembrou-se da carta que tinha escripto. Ora a sujeita vendo que elle não ia, metteo-se no carro e largou-se para o theatro.

ARAUJO.

Advinho pouco mais ou menos o resto.

HELENA.

Não advinha, não! Quando o bilheteiro ia abrindo a porta, chegou Carolina que ia comigo, e disse: — Este camarote é meo. — A mulher do Fernando respondêo: — Não é possivel; meo marido o comprou hoje para mim. — O que havia ella de replicar? — Foi seo marido mesmo quem m'o dêo; aqui está o bilhete que por signal custou-lhe cem mil réis.

ARAUJO.

Ella disse isto?...

HELENA.

Palavra de houra.

ARAUJO.

E que fez a mulher?

HELENA.

Que havia de faser? Retirou-se corrida.

MENEZES.

Retirou-se, sim; e sem diser uma palavra; porque uma senhora não dá á amante de seo marido nem mesmo a honra de indignar-se contra ella. Quanto ao homem que praticou esse acto infame, perdêo para sempre a estima de sua esposa e a dos homens de bem. Queira Deos que elle não veja um dia os seos cabellos brancos manchados por esse mesmo vicio que alimentou.

CAROLINA.

Está o Menezes como quer; derão-lhe thema para fazer discursos.

ARAUJO.

Mas diga-me uma cousa. A senhora pensa que a sociedade pode tolerar por muito tempo uma mulher que não respeita cousa alguma?

CAROLINA, *rindo.*

Ahi vem o outro com a sociedade!

HELENA.

E' bem lembrada!

ARAUJO.

Olhem que não estou disposto a rir-me.

MENEZES.

Ri; é o melhor; não tomes isto ao serio.

CAROLINA.

Como quiserem; para mim é indifferente! Essa sociedade de que o senhor me falla, eu a despreso.

ARAUJO.

Porque a repelle!

CAROLINA.

Porque vale menos do que aquellas que ella repelle do seo seio. Nós ao menos não trasemos uma mascara; si amamos um homem, lhe pertencemos; si não amamos ninguem, e corremos atraz do praser, não temos vergonha de o confessar. Entretanto, as que se dizem honestas cobrem com o nome de seo marido, e com o respeito do mundo os escandalos da sua vida. Muitas casão por dinheiro com o homem a quem não amão; e dão sua mão a um, tendo dado a outro a sua alma! E é isto o que chamão virtude?... E' essa sociedade que se julga com direito de despresar aquellas que não illudem a ninguem, e não fingem sentimentos hypocritas?...

ARAUJO.

Tem o merito da impudencia.

CAROLINA.

Temos o merito da franquesa. Que importa que esses senhores que passão por sisudos e graves nos condemnem e nos chamem perdidas?... O que são elles?... Uns profanão a sua intelligencia, vendem o sêo pensamento, e fasem um mercado mais vil e mais infame do que o nosso, porque não tem, nem o amor, nem a necessidade por desculpa; porque calculão friamente. Outros são nossos complices, e vão com os labios ainda humidos dos nossos beijos manchar a fronte casta de sua filha, e as caricias de sua esposa. Oh! Não fallemos em sociedade, nem em virtude!... Todos valemos o mesmo! Todos somos feitos de lama, e amassados com o mesmo sangue e as mesmas lagrimas!....

MENEZES.

Não te illudas, Carolina! Esse turbilhão que se agita nas grandes cidades; que enche o baile, o theatro, os espectaculos; que só trata do seu praser, ou do seo

interesse; não é a sociedade. E' o povo, é a praça publica. A verdadeira sociedade, da qual devemos aspirar á estima, é a união das familias honestas. Ahi respeita-se a virtude e não se profana o sentimento; ahi não se conhecem outros titulos que não sejão a amisade e a sympathia. Corteja-se na rua um individuo de honra duvidosa; tolera-se n'uma sala; mais feixa-se-lhe o interior da casa. Quanto a esses homens que vendem sua intelligencia, é uma triste verdade; mas Deos assim o quiz: porque se o pensamento, não se dobrasse ás fraquesas humanas, o talento seria soberano, a intelligencia governaria o mundo; e o homem não existiria...

CAROLINA.

Quanta palavra inutil!...

MENEZES.

Não são para ti, bem sei; mas sahem-me sem querer, e felizmente aqui está um amigo que me escuta com praser.

ARAUJO.

Realmente precisava ouvir-te para não duvidar de mim, e de todos esses objectos que estou habituado a respeitar.

HELENA.

Fallemos de cousas mais alegres.

MENEZES.

Não lhe agrada a conversa neste tom?
(Batem palmas.)

HELENA.

Não entendo disto; é bom para Carolina que vive a ler.

MENEZES.

Ah! Lê romances naturalmente?

CAROLINA.

Que lhe importa!

SCENA II.

OS MESMOS, PINHEIRO.

HELENA, *na porta.*

Não lhe pode fallar! Não teime!

CAROLINA.

Quem é?

HELENA.

O Pinheiro.

CAROLINA.

Que vem elle faser cá? Dise-lhe que não estou em casa.

ARAUJO.

Bate-lhe na cara com essa mesma porta, que elle feixava outrora com a sua chave de ouro.

MENEZES, *a Araujo.*

Não te disse que ainda tinhas que ver?

PINHERO, *a Helena.*

Deixa-me! Heide fallar á Carolina. *(Entra.)*

HELENA.

Onde vio o senhor entrar assim na casa dos outros?

PINHEIRO.

São máos habitos que ficão a quem já foi dono. Meos senhores!...

MENEZES.

Sr. Pinheiro! *(Estendendo-lhe a mão.)*

PINHEIRO, *recusando confuso.*

Tem passado... bem...

MENEZES.

Póde aperta-la: nunca a estendi aos favores do ho-

mem rico; offereço-a ao homem pobre que sabe suportar dignamente a sua desgraça.

PINHEIRO, *apertando a mão.*

Se todos tivessem esta linguagem...

ARAUJO.

Ella não teria merecimento, Sr. Pinheiro.

PINHEIRO.

Os senhores permittem que eu diga algumas palavras em particular a Carolina?

MENEZES.

Sem duvida! Esperaremos naquella saleta. Anda, Helena; vem divertir-nos contando os teos arrufos com o Vieirinha.

HELENA, *a Carolina.*

Não soffras massada.

CAROLINA.

Deixa.

Sahem os tres, que durante a scena seguinte são vistos a conversar na saleta do fundo.

SCENA III.

PINHEIRO, CAROLINA.

PINHEIRO.

Vejo que a minha presença lhe aborrece, Carolina. Só um motivo forte me obrigaria a importuna-la.

CAROLINA.

Previno-lhe que vou sahir; portanto não se demore.

PINHEIRO.

Houve tempo em que nesta mesma casa, neste mesmo logar, a mesma voz se queixava quando eu não podia me demorar.

CAROLINA.

Deixemos o passado em paz.

PINHEIRO.

Não se recorda?

CAROLINA.

As mulheres só começão a recordar-se depois dos quarenta annos; antes gosão.

PINHEIRO.

Pois bem! Que se esqueça o amor, comprehendo; mas ha certas cousas que lembrão sempre.

CAROLINA.

Não sei quaes sejão.

PINHEIRO.

Os beneficios.

CAROLINA.

Deixão de ser, quando se lanção em rosto.

PINHEIRO.

Não foi essa minha intenção, Carolina; desculpe. O meo espirito se aséda com estas reminiscencias. Antes que a offenda de novo vou diser o que lhe quero pedir.

CAROLINA.

Ah! Vem pedir?

PINHEIRO.

Admira-se!

CAROLINA.

Como nunca pedi, estranho sempre que me pedem.

PINHEIRO.

Talvez algum dia seja obrigada...

CAROLINA.

Deixamos o passado para tratar do futuro? Pois olhe se um pertence ás mulheres velhas, o outro é o consolo das pobres meninas de desoito annos, que vivem a sonhar.

PINHEIRO.

Deste modo não me deixa diser...

CAROLINA.

Quem lhe impede?

PINHEIRO.

Suas palavras de sarcasmo.

CAROLINA.

Estou hoje contrariada.

PINHEIRO.

Porque motivo?

CAROLINA.

Não sei.

PINHEIRO.

É a minha presença?

CAROLINA, *cantarolando.*

Buena sera, mio Signor...

PINHEIRO.

Tem rasão; estou lhe roubando o seo tempo; outrora podia compra-lo; hoje estou pobre; gastei toda a minha fortuna. Não me queixo, nem a accuso. Soffreria resignado essa perda se ella fosse apenas uma perda de dinheiro, e se não acarretasse a desgraça de outra pessoa.

CAROLINA.

Que tenho eu com isto?

PINHEIRO.

Deixe-me acabar. Vou confessar-lhe uma vergonha minha; mas é preciso; seja este o primeiro castigo.

Escuso lembrar-lhe, Carolina, que ou por amor ou vaidade, procurei sempre advinhar, para satisfase-los, os seos menores desejos.

CAROLINA.

Loucura! Não ha nada que encha esse vácuo immenso que se chama o coração de uma mulher.

PINHEIRO.

E' exacto, toda a minha fortuna se sumio no abismo; restavão-me apenas cinco contos de réis, que não me pertencião. Erão um legado que meo pae deixara como dote a uma menina orphã, sua afilhada. Esse dinheiro devia ser sagrado para mim por muitos motivos; devia respeitar nelle a ultima vontade de meo pae, e a propriedade alhea: entretanto foi com elle que comprei aquella pulseira que lhe dei no ultimo dia em que estive nesta casa.

CAROLINA.

Ah! Aquella pedra só custou cinco contos?

PINHEIRO.

Custou um roubo! A orphã me pede o seo dote para casar-se; e eu não o tenho para restituir-lhe.

CAROLINA.

Então é impossivel; não pense mais nisso.

PINHEIRO.

Não é impossivel se quiser, Carolina; faça um sacrificio, empreste-me essa joia, e juro-lhe que com o mêo trabalho lhe pagarei o valor della!...

CAROLINA, *rindo.*

Ah! Ah! Ah!... E' interessante!... Sr. Menezes! Helena! Sr. Araujo!... Oução esta! E' original.

SCENA IV.

OS MESMOS, MENEZES, ARAUJO, HELENA.

HELENA.

O que é?

MENEZES.

Alguma outra anedocta?

CAROLINA.

Uma lembrança muito engraçada.

ARAUJO.

Faço idéa!

CAROLINA.

O senhor entendeo que devo agora faser-me mascate de joias.

MENEZES.

Não é má profissão.

CAROLINA.

Advinhem o que elle veio propor-me!

HELENA.

Porque não explicas logo?

CAROLINA.

Querem saber?

PINHEIRO.

Eu poupo-lhe o trabalho; não tenho vergonha de confessar. E' um homem, meos senhores, que tendo consumido com uma mulher a sua fortuna perdeo a rasão ao ponto de comprar-lhe o ultimo presente com um deposito sagrado que lhe foi confiado. Ameaçado do opprobrio de uma accusação judicial, esse homem veio pedir áquella a quem tinha sacrificado tudo, que o salvasse, emprestando-lhe essa joia, cujo valor elle jurava restituir-lhe com o seo trabalho. A resposta que teve foi a gargalhada que ouvirão.

CAROLINA.

Não tinha outra.

MENEZES.

Certamente.

ARAUJO.

Como, Menezes!

CAROLINA.

Vê!

PINHEIRO.

O senhor approva?

MENEZES.

Não, senhor.

ARAUJO.

Mas então?...

MENEZES.

Desgraçados dos homens de bem, Araujo, se o mundo não fosse assim; se o vicio não tivesse em si esse principio de destruição que é o seo proprio correctivo. Estimo o Sr. Pinheiro desde que sube a maneira digna com que acceitou o seo infortunio; mas esse infortunio proveio de sua paixão louca por Carolina: elle não podia, não devia achar nella um sentimento de gratidão. E' preciso que o desprese para o punir; é preciso que lhe negue para uma boa acção o dinheiro com que elle acabou de perde-la. A avaresa *(designa Carolina)* corrige a prodigalidade. *(Designa Pinheiro.)*

CAROLINA.

Avaresa! Não admitto!

ARAUJO.

E que nome tem isto?

CAROLINA.

Chame-lhe ingratidão, chame-lhe o que quiser; mas avaresa, não! Faço tanto caso do dinheiro, como da moral que trasem certos sugeitos na algibeira, e da qual só usão quando lhes convem, como de um charuto, de

um lenço, ou de uma caixa de rapé. E a prova é que essa joia, dá-la-hia de esmola a qualquer miseravel, se não estivesse convencida que elle amanhã nem me tiraria o chapéo!

ARAUJO.

Ou soltaria uma gargalhada quando passasse....

CAROLINA.

Disso não teria receio, porque antes de pedir morreria de fome!

PINHEIRO.

Quando eu passo á noite pela travessa de S. Francisco de Paula, ouço vozes humildes que supplicão, e que já fallarão mais alto do que a sua, Carolina.

CAROLINA.

Que tem isto? Se algum dia ouvir a minha não a escute, como eu hoje não quero escutar a sua.

PINHEIRO.

Nem todos possuem o seo coração.

CAROLINA.

Isso é verdade!

ARAUJO.

E o seo amor.

SCENA V.

CAROLINA, MENEZES, HELENA, ARAUJO.

CAROLINA.

Amor?...

ARAUJO.

Amor ao dinheiro.

CAROLINA.

Mas seriamente, os senhores não me comprehendem. Não sabem que para uma mulher não ha ouro que valha o praser de humilhar um homem.

MENEZES.

Tanto odio nos tens?

CAROLINA.

Muito!...

ARAUJO.

Comtudo não posso crer que aquellas que durante toda a sua existencia correm atraz do dinheiro, fação delle tão pouco caso!

CAROLINA.

Pois creia: todas essas minhas joias, todo esse luxo e riquesa, que me fascinarão, e que hoje possuo, não os estimo senão por uma rasão.

ARAUJO.

Qual?

CAROLINA.

Talvez possão realisar um sonho da minha vida.

ARAUJO.

E que sonho é esse?

CAROLINA.

Não digo.

ARAUJO.

Porque?

CAROLINA.

Vae zombar de mim.

ARAUJO.

Não tenha receio.

MENEZES.

Para zombar começariamos tarde!

CAROLINA.

E que zombem, não faz mal. Toda a creatura boa tem o seo fraco; assim toda a mulher conserva sempre um cantinho puro onde se esconde a sua alma.

MENEZES.

Estás bem certa que tens uma alma, Carolina?

CAROLINA.

Talvez me engane; é possivel. Mas eu guardo-a com tanto cuidado!

ARAUJO.

Aonde, n'alguma caixinha?

CAROLINA.

Justamente! N'uma caixinha de charão... Vae ver, Helena; está no meo guarda-vestidos. *(Dá-lhe as chaves)* No meio de todas as minhas extravagancias, de todos os meos praseres, eu sentia uma pequena parte de mim mesma, que nunca ficava satisfeita; chamei a isto minha alma, tive pena della, feixei-a dentro dessa caixa, e disse-lhe que esperasse até um dia em que seria feliz.

(Helena volta com a caixa.)

ARAUJO.

Ah! É esta?

MENEZES.

E de que maneira pretendes dar-lhe a felicidade?

CAROLINA.

Não sei; mas como o dinheiro é tudo, fiz uma cousa: dividi o que eu tinha e o que viesse á ter com a minha alma. Voltava de uma ceia onde me tinha divertido muito; mettia dentro desta caixa todo o dinheiro que possuia, para que um dia o espirito tivesse um igual divertimento. As minhas joias depois de usadas uma vez, se escondião aqui dentro; emfim a cada praser que eu gosava, correspondia uma esperança que guardava.

MENEZES, *apontando para a caixa.*

E quanto valerá hoje a tua alma?

CAROLINA.

Não sei: o que entra aqui dentro é sagrado, não lhe toco, nem lhe olho; tenho medo da tentação. Só abro esta caixa á noite, quando me deito.

MENEZES.

Pois deixa dar-te um conselho: põe a tua alma a juro na—Caixa Economica,—e esquece-te della. Hade servir-te na velhice. Ou então diverte-te!...

CAROLINA.

Não; vou dá-la.

ARAUJO.

A quem!

CAROLINA.

A um homem que não me ama; e por causa do qual jurei que havia de ver todos os homens á meos pés, para vingar-me nelles do desprêso de um. E sabem se cumpri o meo juramento!...

MENEZES.

E' talvez isto, Carolina, que faz de tua vida um phenomeno, que eu estudo com toda a curiosidade. Tu és um desses flagellos, não faças caso da palavra; um desses flagellos que a Providencia ás veses lança sobre a humanidade para puni-la dos seos erros. Começaste punindo teos paes que te instruirão, e te prendarão, mas não se lembrarão da tua educação moral; leste muito romance, e nunca leste o teu coração. Puniste depois o Ribeiro qne te sedusio, e o Pinheiro que te acabou de perder; ao primeiro que te roubou á tua familia deixaste uma filha sem mãe; ao segundo que te enriquecêo empobreceste. Só me resta ver como te castigarás a ti mesma; se não me engano tu acabas de revelar-me. Espero pelo tempo. Vamos Araujo.

CAROLINA.

O Senhor veio faser-me ficar triste.

ARAUJO.

Virá depois de nós quem a alegre.

CAROLINA.

Escute !... Não !

ARAUJO.

Arrependeo-se ?

CAROLINA, *a meia voz.*

Como está Luiz?

ARAUJO.

Não sei.

CAROLINA.

Não o tem visto !

ARAUJO.

Ainda hontem.

CAROLINA.

Elle lhe falla ás veses em mim?

ARAUJO.

Nunca.

SCENA VI.

CAROLINA, HELENA.

CAROLINA.

Nunca !...

HELENA.

Estás fallando só ?

CAROLINA.

Estava me lembrando de uma cousa... Elle não virá, Helena !

HELENA.

Porque rasão?

CAROLINA.

Ainda perguntas?

HELENA.

Não creias. Estou quasi apostando que não tarda ahi.

CAROLINA.

Tu não conheces Luiz!

HELENA.

Ora é boa! Conheço os homens, Carolina; para elles uma mulher, é sempre uma mulher, sobretudo quando é bonita.

CAROLINA.

Terá recebido a carta?

HELENA.

O Vieirinha entregou-a, em mão propria.

CAROLINA.

O Vieirinha?... Não tinhas outra pessoa por quem mandar?...

HELENA.

Que tem que fosse elle?

CAROLINA.

Nada; é que me aborrece esse homem. Desejo nem vê-lo!...

HELENA.

Tu bem sabes...

CAROLINA.

Sei, mas não estou para supporta-lo. Entra na minha casa como se fosse dono d'ella; hontem fui acha-lo n'aquella sala a remexer na minha commoda.

HELENA.

E faltou-te alguma cousa?

CAROLINA.

Não; mas para que isso não torne a acontecer, previno-te que se queres continuar a morar comigo deves descartar-te delle.

HELENA.

Não me animo a diser-lhe...

CAROLINA.

E' um homem sem caracter!

HELENA.

Gosto delle, Carolina!

CAROLINA.

Tens um gosto bem estravagante!

HELENA.

Confesso! Se tu soubesses o que tenho soffrido!...

CAROLINA.

Porque queres.

HELENA.

E' verdade; mas não sei que poder tem sobre mim, que não posso resistir-lhe! Conheço que é um homem capaz de tudo; e entretanto, Carolina, se elle vier pedir-me, como já tem feito muitas veses, que venda um traste meo para desempenhar o seo relogio... Tu vás te rir?... Pois eu não lhe negarei!

CAROLINA.

Não me rio, não, Helena; ao contrario, tive uma idéa bem triste.

HELENA.

Que idéa?

CAROLINA.

Será esse o fim da nossa vida? A mulher que perverte seo coração estará condemnada a amar um dia algum homem ainda mais baixo do que ella?

HELENA.

E quem nos póde amar senão esses, Carolina ?

CAROLINA.

Mas isso não é amor !

(Luiz apparece na porta do fundo.)

SCENA VII.

AS MESMAS, LUIZ.

HELENA.

Sr. Vianna!...

CAROLINA.

Ah!...

LUIZ.

Não bati palmas, porque julgo que entra-se aqui como no theatro. *(Tira uma nota de cincoenta mil-réis.)* Quem recebe o bilhete?... Ninguem!... Fica sobre esta mesa.

CAROLINA, *baixo a Helena.*

Antes não viesse.

HELENA, *idem.*

É rompante.

LUIZ.

Recebi uma carta de uma pessoa chamada Carolina, que mora nesta casa e que diz querer fallar-me. Qual é das duas ?

CAROLINA.

Luiz!...

LUIZ.

Por este nome só me tratão os meos amigos e as pessoas que eu estimo.

CAROLINA.

Não é preciso recorrer a estes meios para mostrar-me o seo despreso; eu o sinto mesmo de longe, e agora vejo-o mais no seo olhar do que nas suas palavras.

LUIZ.

Que quer de mim?

CAROLINA.

Queria faser-lhe um pedido; mas já não tenho coragem.

LUIZ.

Então é inutil a minha presença aqui.

CAROLINA.

Não! Espere! Farei um esforço; porém prometta-me ao menos uma cousa.

LUIZ.

Não é preciso.

CAROLINA.

É muito; prometta-me que por mais extranho que lhe pareça o que vou diser-lhe, deixe-me fallar; depois accuse-me, escarneça de mim; é o seo direito; não me queixarei.

LUIZ.

A recommendação é escusada; tres veses procurei com as minhas palavras reparar um erro; mas convenci-me que quando tine o ouro, não se ouve a voz da consciencia. Póde fallar.

CAROLINA.

Sente-se. *(A Helena.)* Feixa aquella porta e deixa-nos.

SCENA VIII.

LUIZ, CAROLINA.

LUIZ.

Espero !

CAROLINA.

Consinta que ao menos agora que ninguem nos ouve eu o chame Luiz, como antigamente.

LUIZ.

Para que ?

CAROLINA.

Este nome me lembra certa intimidade, e me faz esquecer o anno que se acaba de passar.

LUIZ.

Porque esquece-lo ? E' o mais feliz da sua vida !

CAROLINA.

Podia ter sido se alguem me tivesse amado ; mas elle não quiz, ou não julgou que uma moça perdida valesse a pena de uma affeição.

LUIZ.

E valia ?...

CAROLINA.

Talvez, Luiz ! Sem o despeito dessa repulsa talvez a filha não fosse surda ao grito de sua mãe e a mulher resistisse á fascinação que a attrahia.

LUIZ.

Ora !...

CAROLINA.

Oh ! Não me deffendo ! A culpa é minha ; o mal estava aqui. *(Leva a mão á fronte.)* Tinha sede de praser e precisava saciar-me ; entretanto creio que tão bem havia alguma cousa aqui, *(leva a mão ao coração)* porque

depois das minhas loucuras sentia um remorso do que tinha feito: e me parecia que me afastava cada vez mais daquelle de quem desejava aproximar-me. E, cousa singular! Era justamente este remorso, que me irritava mais, que me lançava n'algum novo escandalo, e me fasia olhar com um soberano despreso para essa sociedade que me repellio, e para todas essas mulheres virtuosas que elle podia amar.

LUIZ.

Foi então para dizer-me isto... que...

CAROLINA.

Foi para diser-lhe que esse amor louco me tem sempre acompanhado, que resistio a tudo, e que hoje se ajoelha a seos pés!...

LUIZ.

Carolina!...

CAROLINA.

Luiz, não te peço que me ames, não; sou indigna, eu o sei! Mas, eu te supplico, me deixa amar-te!

LUIZ.

Calle-se!

CAROLINA.

Que lhe custa isso? Um homem não se mancha com a affeição de uma mulher, por mais despresivel que ella seja; e é sempre doce sentir que se dá um pouco de felicidade a uma pobre creatura que o mundo comdemna.

LUIZ.

Não sou rico!

CAROLINA.

A mulher que ama não vende o seo coração: supplica que o acceitem!...

LUIZ.

E o partilhem com os outros!...

CAROLINA.

Não me comprehende, Luiz. Vê esta caixa? Aqui tenho as economias da minha dissipação; guardei-as para um dia poder gosar um momento dessa existencia doce e tranquilla, que eu não conheço. Não sei em quanto importão; mas devem chegar para viver um ou dous annos na Tijuca, ou em Petropolis. Venha comigo! Consinta que o ame! Logo que o aborrecer deixe-me! Assim ao menos quando começar para mim o desengano, quando de meos annos gastos na perdição só restar a velhice prematura, eu terei as recordações desses poucos dias de felicidade para encher o vácuo do passado!

LUIZ.

Adeos, Carolina.

CAROLINA.

Não me recuse!...

LUIZ.

Eu lhe perdôo, porque ignora que isto que me propõe é uma imfamia! Nunca amou, Carolina, senão comprehenderia que ninguem se avilta a ponto de acceitar esses sobejos de amor, esses restos de um luxo pago por tantos outros. Seus primeiros amantes, a quem arruinou, dirião que eu vivia da sua miseria.

CAROLINA.

Oh! não!...

LUIZ.

E' inutil!

CAROLINA.

Pois bem!... Antes de partir... porque sei que é esta a ultima vez que nos vemos... Luiz... *(Apresenta-lhe a fronte timidamente.)*

LUIZ.

O que?...

CAROLINA.

A tua lembrança!...

LUIZ.

Outros labios a apagarião !

CAROLINA.

Ah !...

SCENA IX.

CAROLINA, HELENA.

HELENA.

Que foi ?

CAROLINA.

Nada !... Menezes tem rasão !

HELENA.

Em que ?...

CAROLINA.

O melhor destino que eu posso dár á minha alma *(aponta para a caixa)* é gastá-la em uma ceia, e beber á nossa saúde.

HELENA.

Que dises ?

CAROLINA.

Quero divertir-me !

HELENA.

Fases bem !

CAROLINA.

Accende velas.

(Vieirinha entra e descobre a nota que Luiz deixára.)

SCENA X.

AS MESMAS, VIEIRINHA.

VIEIRINHA.

Oh! Como anda o dinheiro por aqui! E' teo, Helena?

CAROLINA.

Não senhor, é meo. Faz favor.

VIEIRINHA.

Empresta-me até amanhã.

CAROLINA.

Nunca empresto, costumo dar.

VIEIRINHA.

Então melhor...

CAROLINA.

Mas este não posso. Dar-lhe-hei outro.

VIEIRINHA.

Olhe lá!...

CAROLINA.

Dou-lhe este mesmo! *(Toma o bilhete, e accende com elle o charuto.)*

HELENA.

Que váes faser?

VIEIRINHA.

Não consinto!...

CAROLINA, *atirando a cinza do bilhete a Vieirinha.*

Ahi tem: e aprenda a fumar!

VIEIRINHA.

Uma fumaça de cincoenta mil réis.

CAROLINA.

Tome; veja que gosto tem!

VIEIRINHA.

Apanha, Helena!

HELENA.

Estão batendo.

VIEIRINHA.

Póde entrar.

CAROLINA.

Vae ver quem é, Helena.

VIEIRINHA.

Se procurarem por mim, dize que não estou em casa.

CAROLINA.

Não podem procurar pelo senhor, que não móra aqui; e aproveito a occasião para dizer-lhe que me faz um grande obsequio não apparecendo mais em minha casa.

VIEIRINHA.

Por hoje fico sciente.

CAROLINA.

Já disse o mesmo a Helena.

VIEIRINHA.

Depois arranjaremos isto. Podes entrar, Ribeiro, senta-te.

SCENA XI.

OS MESMOS, RIBEIRO.

RIBEIRO.

Adeus, Carolina, como está?

CAROLINA.

Boa, obrigada. E... ella?

RIBEIRO.

Sua filha... Está muito linda!... E' em seo nome que venho...

CAROLINA.

Faser o que?

RIBEIRO.

Não se assuste: é uma cousa muito simples. Lembra-se, Carolina, que á um anno, depois que nos separamos, apesar de não querer conservar nada do que lhe tinha dado, acceitou como lembrança de sua filha uma cruzinha de perolas...

CAROLINA.

Lembro-me. Porque?

RIBEIRO.

Hontem, por acaso vendo algumas joias reconheci entre ellas essa cruz. Pensei que talvez alguma necessidade urgente a obrigasse a vende-la; comprei-a, e de novo lhe peço que a guarde em lembrança de sua filha.

CAROLINA.

Parece-se; mas não é a mesma...

(Sahe Vieirinha.)

RIBEIRO.

Veja na chapa o seo nome.

CAROLINA.

E' verdade!... *(Assustada.)* Mas como é possivel!...

RIBEIRO.

Nunca se desfez d'ella?

CAROLINA.

Estava nesta caixa, com todas as minhas joias!... Para tira-la... *(Abre a caixa rapidamente; tira de dentro uma porção de caixinhas vasias.)* Tudo! Tirarão-me tudo! Meo dinheiro!... Minhas joias!

HELENA.

Foi elle! *(Apontando para a porta.)* Oh! tenho toda a certesa!

RIBEIRO.

O Vieirinha?...

HELENA.

Sim; já me fez o mesmo, e hontem Carolina achou-o remexendo...

CAROLINA.

Esqueceo uma!... Leva a esse miseravel, teo amante, para que aproveite os restos do seo crime!

RIBEIRO.

Era tudo quanto possuia, Carolina?

CAROLINA.

Tudo! E roubarão-me!...

RIBEIRO.

Então está pobre?

CAROLINA.

Pobre!... Oh!... Não! Sou moça!

QUARTO ACTO.

Em casa de Carolina. — Sala pobre e miseravel. E' noite.

SCENA I.

HELENA, MENEZES.

HELENA.

Quem é?

MENEZES.

Abre, Helena.

HELENA.

Ah! Sr. Menezes!

MENEZES.

Que significa isto?

HELENA.

Uma desgraça!

MENEZES.

Conta-me!... Recebi a tua carta; mas tu não aproveitaste muito as licções do teo mestre de grammatica; pouco entendi.

HELENA.

O senhor nada sabia?

MENEZES.

Nada absolutamente. Voltando á tua casa disserão-me que se havião mudado. Perguntei noticias ao Ribeiro, a quem encontrei ha dias. Não me soube dizer.

HELENA.

E' que foi uma cousa tão repentina! Naquelle mesmo dia em que o senhor lá esteve com o Araujo, fasem dous

meses pouco mais ou menos, Carolina descobrio que estava roubada.

MENEZES.

Ah! Aquella caixinha de charão...

HELENA.

O Vieirinha com uma chave falsa abria e tirava as joias que Carolina guardava, deixando as caixas vasias, para que ella não desconfiasse.

MENEZES.

Que miseravel!

HELENA.

Ella coitadinha, a principio fingio não se importar; mas depois veio-lhe uma febre... Esteve á morte. Com a molestia gastamos o que tinhamos; vendemos tudo, e alugamos este cochichólo onde mal cabemos.

MENEZES.

Com effeito não parece habitação de gente.

HELENA.

Que remedio!... Mas o peior é que não temos nem o que comer! Se ao menos ella já estivesse boa... Neste desespero lembrei-me de escrever áquelles que tinhamos conhecido em outros tempos, ao Senhor, ao Araujo, ao Ribeiro, ao Vianna... Escrevi até ao proprio Vieirinha!

MENEZES.

Depois do que elle fez?

HELENA.

Talvez esteja arrependido, e restitua uma parte do que roubou.

MENEZES.

Duvido muito; mas fica descançada. Fallarei aos outros. Entretanto deves ter necessidade de algum dinheiro... (*Batem.*)

HELENA.

Hade ser algum delles!

MENEZES.

E' natural.

SCENA II.

OS MESMOS, LUIZ, ARAUJO.

LUIZ.

Onde está Carolina?

HELENA.

Dorme: não a acorde. E' o unico momento de allivio que tem.

LUIZ.

Está muito doente?

HELENA.

Agora váe um pouco melhor; mas ainda soffre bastante.

ARAUJO, *a Menezes.*

Foi depois daquelle dia que estivemos juntos em casa della.

MENEZES.

E' verdade.

ARAUJO.

Soubeste hoje?

MENEZES.

Porque Helena me escreveo.

LUIZ.

Eu já sabia ha dias; porém não me foi possivel descobrir a casa.

HELENA.

Uma rua tão exquisita!... Quando pensaria eu morar no — Sacco do Alferes!...

MENEZES.

Não se acaba por onde se começa, Helena.

LUIZ.

Que é feito do homem que praticou esse roubo infame!...

MENEZES.

Anda por ahi muito satisfeito; vae casar-se...

HELENA.

Que feliz mulher!...

MENEZES.

E deixa-se que um individuo desses góse tranquillamente do fructo do seo crime? Não havia meio de leva-lo á policia?

HELENA.

Com o vexame da doença de Carolina, nem me lembrei de semelhante cousa. Demais que lucravamos nós com isso? Faltavão as provas; e quem se prestaria a ir jurar a nosso favor contra um homem conhecido?...

ARAUJO.

Conhecido como um tratante!

HELENA.

Mas sempre tem amigos; ninguem acreditaria...

ARAUJO.

Não estou por isso.

MENEZES.

Helena tem rasão, Araujo; ninguem lhe daria credito, ningem juraria a seu favor; e eu estimo bem que ella tenha consciencia do quanto desceo, que a sociedade nem ouve as suas queixas.

HELENA.

Não fallemos nestas cousas agora, Sr. Menezes; já não tem volta...

ARAUJO.

O arrependimento nunca vem tarde.

HELENA.

Por isso eu vou passando muito bem sem elle.

ARAUJO.

Que mulhersinha!...

MENEZES.

Quantas não existem assim.

SCENA III.

OS MESMOS, RIBEIRO.

MENEZES.

Oh!... Ribeiro!

RIBEIRO.

Tãobem vieste?...

MENEZES.

O mesmo motivo nos trouxe a todos.

RIBEIRO.

Ah! Mas não se incommodem; eu me encarrego do que for preciso.

LUIZ.

Perdão, Sr. Ribeiro; aprecio a sua delicadesa; mas ella não me dirpensa de cumprir o meo dever.

RIBEIRO.

Creio que é a mim que pertence como pae de sua filha...

LUIZ.

Não senhor; a obrigação de ampara-la é minha e ninguem m'a póde contestar. Sou seu parente; e represento aqui sua familia.

MENEZES.

Não ha duvida, Sr. Vianna; mas permitta-me que lhe diga tãobem que quando se trata de uma boa acção não reconheço em ninguem o direito de excluir-me della. Sou pobre...

RIBEIRO.

Não se trata de fortuna; meo amigo; nem um de nós é rico.

ARAUJO.

Pois então façamos uma cousa; associemo-nos; e partilhemos todos o praser de faser o bem.

LUIZ.

Não é necessario.

RIBEIRO.

E' ser egoista, Sr. Vianna.

LUIZ.

Desculpe; se estivesse no meu logar faria o mesmo.

RIBEIRO.

Estão batendo.

HELENA.

Vou ver.

MENEZES.

Pois advirto-lhe que não me sugeito.

LUIZ

Se o senhor tivesse promettido a uma mãe quasi moribunda restituir-lhe sua filha, consentiria que outros o ajudassem a cumprir essa promessa?

MENEZES.

Porque não? Seria orgulho....

LUIZ.

Talvez. Sr. Menezes; mas um orgulho legitimo. O que soffri por ella dá-me esse direito.

MENEZES.

Comprehendo e respeito essa dor.

SCENA IV.

OS MESMOS, VIEIRINHA.

RIBEIRO.

Que vem faser aqui?

VIEIRINHA.

O meo negocio não é com o Senhor.

HELENA.

E' comigo.

VIEIRINHA.

Justamente. Saiba que fez muito mal em escrever me.

MENEZES.

Já eu o tinha dito.

VIEIRINHA

Ah! Estaes por aqui, Menezes?

MENEZES.

Peço-lhe que se esqueça do meo nome.

VIEIRINHA.

Que quer isto diser?

ARAUJO.

Quer dizer que ha certos conhecimentos que deshonrão um homem honesto.

VIEIRINHA.

Não entendo.

LUIZ.

Eu lhe explico. Tenha a bondade de retirar-se.

VIEIRINHA.

Depois de dizer algumas palavras a esta mulher.

HELENA.

Já não sabe como me chamo!

RIBEIRO.

De que te admiras? Já não tens dinheiro para dar-lhe.

HELENA.

Que quer de mim? Vem restituir o que roubou?... Quanto ao que lhe dei não é necessario.

VIEIRINHA.

Não quero que me escreva. Suas cartas pódem comprometter-me; estou em vesperas de casar-me.

HELENA.

Que tem isso?...

VIEIRINHA.

Podem suspeitar que tenho relações com gente de tal qualidade.

HELENA.

E o Senhor envergonha-se?...

VIEIRINHA.

Se lhe parece que é uma honra...

HELENA.

Não se envergonha porém do que praticou: não se lembra que por mais de um anno foi sustentado por uma mulher da minha qualidade.

VIEIRINHA.

Não dou peso ao que diz.

HELENA.

E não deve dar mesmo; porque a mulher que chegou a amar um homem como o Senhor, é bem despresivel!...

(Vieirinha quer sahir.)

SCENA V.

OS MESMOS, CAROLINA.

HELENA.

Pois não! Agora hade ouvir-me!

ARAUJO, *a Carolina.*

Sente-se melhor?

CAROLINA.

Pouco... Mas os senhores aqui... Luiz... Sr. Ribeiro...

RIBEIRO.

Incommoda-lhe a minha presença?

CAROLINA.

Não!... Mas porque não a trouxe?...

RIBEIRO.

Nossa... Sua filha?...

CAROLINA.

Tinha tanta vontade de vê-la!...

RIBEIRO.

Espere!... Voltarei antes de uma hora com ella.

HELENA.

Porque te levantaste, Carolina? Estás tão fraca!

CAROLINA.

Fallavas tão alto !...

HELENA.

E' este sugeitinho... Tu o conheces bem !... Fez-me exasperar ! Diz que se envergonha de conhecer-me... porque váe casar-se.

CAROLINA.

Casar-se !... Elle !... Com quem, meo Deos ?

MENEZES.

Com a filha de um homem de bem.

ARAUJO.

Que não o conhece certamente.

SCENA VI.

CAROLINA, LUIZ, MENEZES, ARAUJO, HELENA, VIEIRINHA.

HELENA.

Heide contar-lhe uma historia. Ah ! As minhas cartas o compromettem !. . Veremos as suas...

VIEIRINHA.

As minhas ?...

HELENA.

Os bilhetinhos que me escrevia pedindo-me que lhe valesse, que fosse desempenhar o seo relogio.

ARAUJO.

Serão um bom presente para o fucturo sogro do Senhor.

HELENA.

Está dito ; vou manda-las amanhã ! Tenho-as aqui !

VIEIRINHA.

Helena !...

MENEZES. *a Araujo.*

Como lhe avivou a memoria ! Já sabe o nome.

VIEIRINHA.

Escuta !...

HELENA.

Não se comprometta meo Senhor !

CAROLINA.

Vem cá, Helena.

HELENA.

O que queres?

CAROLINA.

Nunca te pedi nada. Dá-me estas cartas.

HELENA.

Para que?

CAROLINA.

Da-me !...

LUIZ.

Que váe faser?

CAROLINA.

Vingar-me ! .. Ahi tem ! Rasgue essas provas que o podem denunciar; case-se com a filha desse homem de bem; entre no seio de uma familia honrada; adquira amigos !... E' a minha vingança contra essa gente orgulhosa que se julga superior ás fraquesas humanas.

LUIZ.

Não falles assim, Carolina; a sociedade perdoa muitas vezes.

CAROLINA.

Perdoa a um homem como este; recebe-o sem indagar do seo passado, sem perguntar-lhe o que foi; comtanto que tenha dinheiro, ninguem se importa que a origem dessa riquesa seja um crime, ou uma infamia,

Mas para a pobre moça que commetteo uma falta, para o ente fraco que se deixou illudir, a sociedade é inexoravel! Porque rasão?.. Pois a mulher que se perde é mais culpada do que o homem que furta e rouba?

MENEZES.

Não de certo!

CAROLINA.

Entretanto elle tem um logar nessa sociedade; póde possuir uma familia! E a nós, negão-nos até o direito de amar! A nossa affeição é uma injuria! Se alguma se arrependesse, se procurasse rehabilitar-se, seria repellida; ninguem a animaria com uma palavra; ninguem lhe estenderia a mão..

Vieirinha sahe deixando aberta a rotula.

SCENA VII.

CAROLINA, LUIZ, MENEZES, ARAUJO, HELENA.

MENEZES.

Talvez seja uma injustiça, Carolina; mas não sabes a causa?.. É o grande respeito, a especie de culto, que o homem civilisado consagra á mulher. Entre os póvos barbaros ella é apenas escrava ou amante; o seu valor está na sua bellesa. Para nós é a triplice imagem da maternidade, do amor, e da innocencia. Estamos habituados a venerar nella a virtude na sua fórma a mais perfeita. Por isso na mulher, a menor falta mancha tambem o corpo, emquanto que no homem mancha apenas a alma. A alma purifica-se porque é espirito, o corpo não!... Eis porque o arrependimento apaga a nódoa do homem, e nunca a da mulher; eis porque a sociedade recebe o homem que se regenera, e repelle sempre aquella que traz em sua pessôa os traços indeleveis do seu erro.

CAROLINA.

É um triste privilegio!...

MENEZES.

Compensado pelo orgulho de haver inspirado ao homem as cousas mais sublimes que elle tem creado.

LUIZ.

Penso diversamente, Sr. Menezes Por mais injusto que seja o mundo, ha sempre nelle perdão e esquecimento para aquelles que se arrependem sinceramente: onde não o ha é na consciencia Mas não se preoccupe com isto agora, Carolina: vê que não lhe faltão amigos, e essa mão que deseja, aqui a tem!

CAROLINA.

Me deixa beija-la?

LUIZ.

Não se beija a mão de um irmão: aperta-se!

SCENA VIII.

OS MESMOS, PINHEIRO.

HELENA.

Quem é o senhor?

PINHEIRO.

Um moço que veio no meo tilbury entrou aqui... Não posso esperar mais tempo; são nove horas.

HELENA.

Como se chama?

PINHEIRO.

Vieirinha.

HELENA.

Ah! Já sahio!... Pregou um calote!

ARAUJO.

Para não perder o costume.

MENEZES.

Helena não lhe deo os dez tostões!

PINHEIRO.

Helena!... Os senhores!... Aqui!... E ella! Carolina!

CAROLINA.

Quem me chama?

PINHEIRO.

Ah!...

HELENA.

Sr. Pinheiro!...

PINHEIRO.

Como está magra e pallida!... Oh! Deos é justo!

LUIZ.

Calle-se, Senhor; se não respeita a fraqueza de uma mulher, respeite ao menos o leito de um enfermo!

PINHEIRO.

Não é minha intenção offende-la; ao contrario... O acaso fez que o homem pobre mas honrado, encontrasse diante das mesmas testemunhas, redusida á miseria a mulher que o arruinou, e que lhe respondeo com uma gargalhada quando elle pedia-lhe que o salvasse da vergonha. Esqueço tudo; e lembro-me que sou christão. Dou a minha esmola!...

CAROLINA.

Toda a esmola não pedida é um insulto: e um homem nunca tem direito de insultar uma mulher!

PINHEIRO.

Recebeo-as quando erão de brilhantes!...

CAROLINA.

Nunca recebi esmolas; recebia o salario da minha

vergonha! Mas fique certo que não ha dinheiro no mundo que a pague. Todos os senhores que estendem a uma mulher a mão cheia de ouro; que depois de lhe matarem a alma cobrem o seo corpo de joias e de sedas para reanimar um cadaver, julgão-se muito generosos!.. Não sabem que um dia essa mulher daria a sua vida para resgatar o bem perdido; e não o conseguiria!... Portanto não nos accusemos; o Senhor perdeo a sua fortuna, eu perdi a minha felicidade; estamos quites. Se hoje sou uma mulher infame, não é o Senhor que concorreo para essa infamia, que foi cumplice della, quem me póde condemnar.

MENEZES.

Aproveite a licção, Sr. Pinheiro; e guarde a sua esmola. Quando tiver passado este primeiro momento de irritação hade reconhecer o que já lhe disse uma vez. Ha creaturas neste mundo que se tornão instrumentos da vontade superior que governa o mundo. Não foi Carolina que o arruinou, que do moço rico fez um cocheiro de tilbury; foi sim a vaidade, a imprudencia, e o desregramento das paixões, sob a forma de uma moça. Incline-se pois diante da Providencia; e respeite na mulher desgraçada a victima do mesmo erro, e o agente de uma punição justa.

PINHEIRO.

Sempre respeitei a desgraça, Sr. Menezes; e ainda agora mesmo, se ella precisa de mim... Já não sou rico, mas as economias do pobre ainda chegão para allivíar um soffrimento.

CAROLINA.

Acceitei em quanto tinha que dar! Hoje, não vê?... Sou uma sombra! Só peço aquillo á que os mortos tem direito... Que respeitem as suas cinzas!

PINHEIRO.

Eu me retiro, Carolina; desculpe se a offendi.

CAROLINA.

Não conservo o menor ressentimento contra aquelles que encontrei no meo caminho. Corriamos todos atraz do prazer; o acaso nos reunio; o acaso separou-nos. Hoje que somos uns para os outros recordações vivas e bem tristes, devemos esquecer-nos mutuamente. Entre nós a estima, e mesmo a piedade seria uma irrisão!

PINHEIRO.

Quer assim?... Pois seja! Adeos! *(Sahe.)*

SCENA IX.

CAROLINA, LUIZ, MENEZES, ARAUJO, HELENA.

MENEZES.

Eis um exemplo de coragem bem raro no Rio de Janeiro.

LUIZ.

Qual?

MENEZES.

O desse moço. Outros em seo logar tendo perdido a sua fortuna, andarião por ahi a incommodarem os amigos de seo pae, e os seus antigos conhecidos para lhes arranjarem um emprego, que « não estivesse abaixo de sua posição. »

ARAUJO.

Como eu conheço muitos. Não tem vintem, e entendem que se deshonrão em ser caixeiros.

LUIZ.

E' um prejuiso que já vae desapparecendo.

CAROLINA.

Mas, Sr. Menezes...

MENEZES.

O que é Carolina?

CAROLINA.

Porque os Srs. apparecerão todos de repente!... Nem de proposito!...

MENEZES.

E' verdade!

CAROLINA.

Como souberão a casa?

HELENA.

Escrevi-lhes.

CAROLINA.

Pedi-te tanto, Helena!...

LUIZ.

Não queria que viessemos?

CAROLINA.

Para que affligi-los?...

MENEZES.

Mais nos affligiriamos se soubessemos que tinhas soffrido privações por falta de amigos.

CAROLINA.

Por isso não! Não preciso de nada.

ARAUJO.

Como! Não póde ficar nesta casa. E' tão humida...

CAROLINA.

Quem não tem melhor!

ARAUJO.

Para que estamos nós aqui?...

CAROLINA.

Não, Sr. Araujo!... Não acceito cousa alguma.

MENEZES.

Deixa-te de caprichos.

CAROLINA.

Já não os posso ter!

Luiz e Araujo conversão baixo.

MENEZES.

Helena ha pouco me revelou as tuas circumstancias!... Hontem não teve com que comprar um frango para dar-te um caldo.

CAROLINA.

Oh! Neste ponto é escusado, Sr. Menezes!... Não cedo!

MENEZES.

Nem eu!

SCENA X.

CAROLINA, HELENA, MENEZES, LUIZ.

LUIZ.

Não a contrarie!... Nada obteremos. Deixe-me com ella! Eu conseguirei persuadi-la.

MENEZES.

Com uma condição porém.

LUIZ.

Qual?

MENEZES.

Que me tratará nisto como um amigo.

LUIZ.

Era minha intenção e a prova... Araujo foi buscar Margarida...

MENEZES.

A mãi de Carolina?

LUIZ.

Sim; precisava de alguem que fosse á minha casa, e a fizesse preparar para recebe-la hoje mesmo; porque o essencial é tira-la daqui. Contei com o Senhor...

MENEZES.

E fez muito bem. Vou espera-lo.

CAROLINA.

Helena!

MENEZES.

Até logo, Carolina!

HELENA.

Tu me chamaste?

CAROLINA, *a meia voz.*

Toma esta cruz!.... E' uma lembrança de minha filha!... Sinto separar-me della!... Mas é por pouco tempo.

HELENA.

Não penses nisto!

CAROLINA, *idem.*

Vê se te dão alguma cousa por ella... e compra-me agua de flor!... Tenho uma sede!...

LUIZ.

Vae sahir?

HELENA.

Vou á botica; volto já!

SCENA XI.

LUIZ, CAROLINA.

LUIZ.

Está soffrendo muito, Carolina?

CAROLINA.

Muito!... Mas emquanto sinto a dor não penso... Não me lembro!...

LUIZ.

Incommodão-lhe as recordações do passado?

CAROLINA.

Envergonho-me do que sou, Luiz! Creio que não ha martirio, como este a que me condemnei. Agora é que entendo as palavras que me disse naquella noite...

LUIZ.

Procure esquecer, Carolina..

CAROLINA.

Não é possivel! Seria preciso arrancar a alma deste corpo, e ainda assim ella se lembraria.

LUIZ.

O tempo hade acalmar essa excitação.

CAROLINA.

Duvido!.. . Se soubesse, Luiz, que mysterios profundos encobre esta vida! Quem vê uma dessas mulheres, sempre alegre e risonha, vestida ricamente zombando de todos e de tudo, não adivinha o que se passa dentro daquelle coração, não sabe que miseria se esconde sob essa apparencia doirada!.. E' o despreso do mundo, começando pelo despreso de si mesma!... O vicio a torna incapaz de qualquer affeição, até mesmo do egoismo!...

LUIZ.

Comprehendo !

CAROLINA.

Mas o que não comprehende, nem póde comprehender, é a tortura que soffre essa mulher por causa do seo proprio erro. Para ella a bellesa é tudo ! E' o luxo, é a estima, é a vaidade, é o sustento, é a existencia em fim! Com que susto lança ella os olhos sobre o espelho a todo o momento para interrogá lo?... E com que anciedade espera a resposta muda desse juiz implacavel que póde dizer-lhe: « Tu já não és bonita! » A menor sombra, a pallidez, o cançaço de uma noite de vigilia, lhe parecem a velhice prematura que vem destruir as suas esperanças, e condemna-la á miseria.

LUIZ.

Com effeito deve ser cruel !

CAROLINA.

E quando chega o dia em que a molestia lhe rouba as cores, a formosura, a mocidade; e da moça bonita que todos admiravão faz uma mumia; quando vem a pobresa, e é preciso para não morrer de fome... vender-se... Oh ! E' horrivel !... Preferia, Luiz, vender o meo sangue gota a gota !...

LUIZ.

Socegue, Carolina ! esse horror que lhe causão as faltas que commetteo, são já o signal do arrependimento; elle lhe dará a força para repellir essa existencia.

CAROLINA.

Se fosse possivel !

LUIZ.

Como ! Que diz ?

CAROLINA.

Por mais forte que seja a vontade, Luiz, ha occasiões em que a necessidade a subjuga ! Quando soffrem-se privações, não se reflecte, não se pensa...

LUIZ.

Então é isso que a afflige?...

CAROLINA.

Como deve ser amargo o sustento ganho com tanta vergonha e tanta humilhação!...

LUIZ.

Mas Carolina... A minha presença devia tranquillisa-la.

CAROLINA.

Obrigada, Luiz. Não posso... E' um orgulho ridiculo, bem o sei... Porém nunca acceitarei...

LUIZ.

Nem de mim, Carolina?

CAROLINA.

De meo primo, menos do que dos outros!

LUIZ.

Porque rasão?

CAROLINA.

Não se lembra?...

LUIZ.

De que?... Não... Não me lembro!

CAROLINA.

Não lhe disse uma vez!... No meio dessa existencia louca não perdi de todo a minha alma. Uma affeição a salvou. Suppliquei-lhe um dia que a acceitasse. Depois que a supportasse apenas... Recusou e eu lhe agradeço! Conservei puro e virgem este amor!... Não me obrigue a faser delle um dever!

LUIZ.

Pois bem, Carolina, não quer acceitar de mim, acceite de sua mãe.

CAROLINA.

De minha mãe?...

LUIZ.

Não deseja vê la?

CAROLINA.

Queria pedir-lhe, mas não me animava.

LUIZ.

Adivinhei o seo desejo.

CAROLINA.

E me perdoará ella, Luiz?

LUIZ.

Ja perdoou.

CAROLINA.

Ah!... *(Recosta-se extenuada.)*

SCENA XII.

OS MESMOS, HELENA.

HELENA.

Demorei-me, porque a botica é longe.

CAROLINA.

Dá-me; tenho uma sede!

HELENA.

Estás com febre! Não tome em agua fria. Vou fazer-te um cha! Sim?

CAROLINA.

Como quiseres... A cabeça arde me!...

LUIZ.

Veja se consegue dormir um pouco.

CAROLINA.

Antes acordada! Se durmo tenho sonhos horriveis!... Vejo o meo pae como naquella noite!.. Minha mãe que chora.. Dê-me a sua mão, Luiz.. Deite a sobre a minha testa... assim. Talvez me tire este fogo... *Pausa)* A vella apagou se?

LUIZ.

Incommoda-lhe a falta de luz?...

CAROLINA.

Tenho medo!. No escúro é que me apparecem as visões...

LUIZ.

Espere um momento!

CAROLINA.

Onde vaes? Não me deixes!

LUIZ.

Volto já: vou ver luz. Não quer?

CAROLINA.

Sim! Sim!...

LUIZ.

Helena!

HELENA.

Chamou-me?

LUIZ.

Levou a vela?

HELENA.

Para fazer o remedio.

LUIZ.

Não tem outra?

HELENA.

Esqueci-me comprar. Mas a venda é aqui junto; vou n'um momento.

LUIZ.

Deixe estar; irei eu mesmo. Faça o que ella lhe pedio.

HELENA, *a Carolina.*

Não te agonies; já está quasi prompto.

CAROLINA.

Minha mãe!... Minha filha!... Luiz!...

HELENA.

Estaes sonhando?...

SCENA XIII.

CAROLINA, ANTONIO.

CAROLINA, *delirando.*

Luiz... Se me tivesse... amado!... E agora... impossivel!...

ANTONIO.

O' de casa! Menina!... Deixaste a porta aberta?... Ah! Ah! Ah!

CAROLINA.

Quem anda ahi?

ANTONIO.

Sou eu; onde estás?

CAROLINA.

Mas quem é?

ANTONIO.

Tu não me conheces, mas é o mesmo! Porque estás no escuro?

CAROLINA.

Apagou-se a luz!

ANTONIO.

Mas tu és bonita! Heim?

CAROLINA.

Que me quer?

ANTONIO.

Nada, menina! Vamos conversar!

CAROLINA.

Deixe-me!... Helena!

ANTONIO.

Tens as mãos tão frias!...

CAROLINA.

Estou doente! Sinto arrepios!

ANTONIO.

Porque não tomas um golesinho? A aguardente aquece.

CAROLINA.

A aguardente?...

ANTONIO.

Sim; é o melhor remedio.

CAROLINA.

Dizem que faz esquecer... É verdade?

ANTONIO.

Se é!... Queres?

CAROLINA.

Oh! Se houvesse alguma cousa que me matasse a sêde!

Luiz entra.

SCENA XIV.

OS MESMOS, LUIZ, MARGARIDA, ARAUJO, HELENA, RIBEIRO, UMA MENINA.

ANTONIO.

Hade matar!... Mas porque não te curas?

CAROLINA.

Não vale a pena curar-me!

ANTONIO.

Porque, menina?...

CAROLINA.

Ja sou um cadaver!... Pouco me resta de vida!...

ANTONIO.

São cantigas!... Dá-me um abraço!

CAROLINA.

Luiz! Luiz!

(Entra Margarida e Araujo.)

LUIZ.

E' tua filha! Antonio!

CAROLINA.

Meo páe!...

MARGARIDA.

Antonio!...

ANTONIO.

Quem és tu?

MARGARIDA.

Não conheces tua mulher?

ANTONIO.

Ah!... Minha mulher e minha filha!..

LUIZ.

Calla-te!...

(Entra Ribeiro.)

ANTONIO.

Não me tóques!... *(A Ribeiro.)* Tãobem veio ver? Ria-se... ria-se... Não me roubou minha filha?... Eu queria roubar sua amante!... Ah! Ah! Ah!...

EPILOGO.

Em casa de Luiz. Salla simples, mas elegante.

SCENA I.

CAROLINA, MARGARIDA.

CAROLINA.

Luiz ainda não voltou, minha mãe?

MARGARIDA.

Não! Creio que anda muito occupado.

CAROLINA.

O que será?

MARGARIDA.

Não sei. Não lhe perguntei.

CAROLINA.

Logo pela manhã feixou-se naquella salla. Não consentio que eu lá entrasse um instante.

MARGARIDA.

Para não interrompe-lo nos seus estudos.

CAROLINA.

E todos os dias emquanto elle trabalha, não vou arranjar-lhe os livros, endireitar-lhe os papeis e mudar as flores dos vasos?... Nem por isso o perturbo. A's vezes elle mesmo me chama, e conversamos tanto tempo!... Outras apenas levanta a cabeça, me vê, sorri, e continua a trabalhar.

MARGARIDA.

Talvez hoje precisasse estar só... Porém mudaste o teo vestido escuro?... Fiseste bem! Assim ficas mais alegre.

CAROLINA.

Nunca mais poderei ter alegria, minha mãe!... Por meo gosto não o mudaria! Mas Luiz pedio-me que me vestisse de branco.

MARGARIDA.

Ah! foi elle...

CAROLINA.

De manhã quando nos vimos chegou-se a mim muito serio e disse-me que desejava pedir-me um favor. Cuidei que era outra cousa... Não tive animo de recusar-lhe!

MARGARIDA.

Já o habituaste a faser-lhe todas as vontades!... E assim deve ser porque elle te estima como um verdadeiro irmão.

CAROLINA.

Infelizmente não mereço essa estima.

MARGARIDA.

Não digas isto, Carolina!

CAROLINA.

De que serve nega-lo? Não é a verdade?

MARGARIDA.

Não te importes com o que pensa o mundo; não é para elle que vives, e sim para tua mãe, para aquelles, que te amão. O teo mundo, o nosso, é esta casa.

CAROLINA.

E nesta mesma casa não falta alguem?... O amor de minha mãe não me lembra que eu tenho um pae que

não me quer ver, que fóge de sua filha como de um objecto repulsivo?...

MARGARIDA.

Isto te faz soffrer e a mim tãobem! Mas consola-te; Luiz me prometteo que havia de traze-lo...

CAROLINA.

E poderá elle cumprir essa promessa?

MARGARIDA.

Tenho esperança.

CAROLINA.

Ha mais de um anno que esperamos!...

MARGARIDA.

Porisso mesmo! O unico motivo que ainda te separa de Antonio é a vergonha que elle tem...

CAROLINA.

Vergonha?... De que, minha mãe?

MARGARIDA.

Do que fez!... Bebia... tanto... Como tu vistes.

CAROLINA.

Então é só este o motivo?...

MARGARIDA.

Só; pódes acreditar. Não conserva a menor queixa de ti.

CAROLINA.

Perdoou tudo, então?

MARGARIDA.

Tudo!

CAROLINA.

Oh! mas Deos não perdoou porque a todo o momento vejo...

MARGARIDA.

O que?

CAROLINA.

Nada, minha mãe, nada!

MARGARIDA.

Não fiques triste!... Fallemos de outra cousa... Luiz já deve ter voltado. São cinco horas.

CAROLINA, *enchugando os olhos.*

Chorar não me entristece, minha mãe, ao contrario me consola.

SCENA II.

AS MESMAS, LUIZ, MENEZES.

MARGARIDA, *a Luiz.*

Chegaste emfim!

CAROLINA.

Ah! Luiz!

MARGARIDA.

Sr. Menezes...

MENEZES.

Adeos, Margarida. *(A Carolina)* Hoje está mais coradasinha!... Só falta o sorriso nos labios.

CAROLINA.

As lagrimas assentão-me melhor.

LUIZ.

Porque choravas, Carolina?

MARGARIDA.

Começou a lembrar-se...

LUIZ.

Não lhe é possivel então esquecer?

CAROLINA.

E de que servia que eu esquecesse? Os outros se lembrarião.

LUIZ.

Como está illudida, Carolina! O mundo é inconstante no seo odio, como na sua sympathia. Não tem memoria e esquece depressa aquillo que um momento o impressionou.

CAROLINA.

Com os homens succede assim! Com a mulher, não; aquella que uma vez errou, nunca mais se rehabilita. Embora ella se arrependa; embora pague cada um dos seos momentos de desvario por annos de expiação e de martyrio; embora illuminada pelo soffrimento ella comprehenda toda a sublimidade da virtude, e acceite como um goso aquillo que para tantas é apenas um dever, um sacrificio ou um costume!... Nada disto lhe vale! Se ella apparecer o mundo arrancará o véo que cobre o seu passado.

LUIZ.

Quando o arrependimento não é sincero, porque então a sociedade é severa.

CAROLINA.

Não tem direito de ser! Deve lembrar-se que é a verdadeira causa da allucinação de tantas moças pobres... Porque ao passo que atira a lama ao ente fraco que se deixou illudir, guarda um elogio e um cumprimento para o seductor.

MENEZES.

E assim deve ser, Carolina.

SCENA III.

CAROLINA, LUIZ, MENEZES.

CAROLINA.

O senhor deffende esta injustiça?

MENEZES.

Deffendo a lei social que na minha opinião deve ser respeitada até mesmo nos seos prejuisos. Como philosopho posso condemnar algumas aberrações da sociedade; como cidadão curvo-me a ellas e não discuto.

CAROLINA.

Mas porque rasão toda a falta recahe unicamente sobre a parte mais fraca?

MENEZES.

Porque a virtude de uma senhora é um bem tão precioso, que quando ella o dá a um homem eleva-o rebaixando-se.

CAROLINA.

E a sociedade aproveita-se desse erro, applaude o vencedor, e encoraja-o para novas conquistas?

MENEZES.

Toda a virtude que não luta, não é virtude; é um habito. Se não houvessem seductores a honestidade seria uma cousa sem merecimento! Creia-me, Carolina, o mundo é feito assim; deixemos fallar os moralistas; elles podem dizer muita palavra bonita, mas não mudarão nem uma pedra desse edificio social que as maiores revoluções não tem podido abater.

CAROLINA.

Ouves, Luiz; tudo se deffende, menos a falta de uma pobre mulher.

MENEZES.

Não ha duvida! Fiz uma das minhas. Este maldito costume de escrever artigos de fundo!... Mas desculpe; não me lembrei que a affligia.

CAROLINA.

Já estou resignada!... Não pertenço mais a este mundo!...

LUIZ.

Hasde voltar a elle. Eu te prometto!...

CAROLINA.

Como, meo Deos!...

LUIZ.

Não me acreditas?

CAROLINA.

Desejava, mas não posso...

LUIZ.

Espera!...

CAROLINA.

Porque não me explicas!

LUIZ.

Vae ter com Margarida; preciso conversar com Menezes.

CAROLINA.

E depois?

LUIZ.

Depois eu te chamarei.

CAROLINA, *a Menezes.*

Até logo?

LUIZ.

Elle demora-se.

MENEZES.

Mas de agora em diante póde accusar a quem quiser!...

CAROLINA.

Eu só accuso a mim mesma, Sr. Menezes.

SCENA IV.

LUIZ, MENEZES.

MENEZES.

Pobre moça!... Quem diria que depois d'aquelle delirio do praser viria uma tão nobre e tão santa resignação!

LUIZ.

Isto prova, Menezes, que nem sempre o mundo tem rasão; que estas faltas que elle comdemna encerrão ás veses uma grande licção. As mais bellas almas são as que sahem do erro purificadas pela dôr e fortalecidas pela luta.

MENEZES.

Concordo; para Deos assim é, para os homens, não.

LUIZ.

Para os homens tãobem. Eu hoje respeito e admiro a virtude de Carolina!

MENEZES.

Não duvido; ha virtudes que se respeitão e admirão, mas que não se podem amar.

LUIZ.

Porque rasão?

MENEZES.

Porque o amor é um exclusivista terrivel; foi elle

que inventou o monopolio e o privilegio. Já vês que este senhor não póde admittir a concurrencia, nem mesmo do passado.

LUIZ.

Julgas então impossivel amar-se uma mulher como Carolina?

MENEZES.

Concedo que ella excite um desejo ou um capricho, mas um verdadeiro amor, não.

LUIZ.

O que dises é verdade se o amor aspira á posse; mas se elle é apenas um goso do espirito?...

MENEZES.

Não creio na existencia de semelhante sentimento.

LUIZ.

Entretanto é assim que amo Carolina.

MENEZES.

Ainda?

LUIZ.

Mais do que nunca.

MENEZES.

E que futuro tem semelhante amor?

LUIZ.

É justamente sobre isso que desejo conversar comtigo. Araujo não deve tardar; mandei-o chamar!

MENEZES.

Se não me engano ouço a sua voz.

LUIZ.

É elle!

SCENA V.

OS MESMOS, ARAUJO.

ARAUJO.

Porque rasão teo creado não me quiz deixar entrar pelo teo gabinete ?

LUIZ.

Foi ordem que lhe dei.

ARAUJO.

Pois deves revoga-la... É massada !...

LUIZ.

É por hoje unicamente.

ARAUJO, *a Menezes.*

Como vaes ?

MENEZES.

Já me estás com uns áres de capitalista.

ARAUJO.

Infelizmente são ares apenas.

MENEZES.

A realidade não tarda ; o mais difficil já conseguiste ; estás estabelecido.

ARAUJO.

Por fallar nisto advinha quem me appareceo hoje querendo que o tomasse para caixeiro do balcão.

MENEZES.

Quem ?

ARAUJO

O Vieirinha.

MENEZES.

Ah !

LUIZ.

Falla mais baixo ; Carolina póde ouvir-te.

ARAUJO.

O engraçado porém é que depois do não redondo que lhe preguei na bochêcha, a dous passos da porta foi recrutado.

MENEZES.

Não merecia essa honra. A missão de defender o seo paiz é muito nobre para ser confiada ao primeiro tratante que se agarra na rua.

ARAUJO.

Que te importa isso? O paiz não ganhará um soldado, porém ao menos ensinará um velhaco.

LUIZ.

Não percamos tempo. Senta-te !

ARAUJO.

É verdade ! Para que me mandaste chamar ?

LUIZ.

Para communicar-te, e a Menezes, uma resolução minha !

ARAUJO.

Que solemnidade !

LUIZ.

O objecto exige.

ARAUJO.

Pois então falla de uma vez.

LUIZ.

Tu que me tens acompanhado desde o principio da minha vida, sabes qual foi o meo primeiro amor. O que porém não sabes, é que apesar de tudo, apesar da vergonha e do escandalo, nunca deixei de amar Carolina.

Combati essa paixão louca e estravagante; não pude extingui-la; consegui apénas domina-la.

ARAUJO.

Mas hoje é ella que te domina.

LUIZ.

Não, Araujo; Carolina nem suspeita! Habituei-me por tanto tempo a reprimir os meos sentimentos, que elles me obedecem facilmente. Não é pois o coração, é a rasão que dictou a resolução que tomei.

ARAUJO.

Que resolução, Luiz?

LUIZ.

Vou casar-me com Carolina.

ARAUJO.

Como teo amigo, não consentirei que dês semelhante passo.

LUIZ.

Porque?... Dois annos de expiação e de lagrimas remirão essa alma que se extraviou. A' força de coragem e de soffrimento ella conquistou a virtude em troca da innocencia perdida. O mundo já não tem o direito de a repellir; mas exigente como é, quer que o nome de um homem honesto cubra o passado.

ARAUJO.

E tu fases o sacrificio?

LUIZ.

Sem a menor hesitação. Tenho morto o coração; todo o amor que havia em minha alma dei o a Carolina; a fatalidade quiz que elle se consumisse em desenganos; era o meo destino. Que posso eu faser agora de uma vida gasta e sem esperança?... Não é melhor aproveita-la para dar a felicidade a uma creatura desgraçada

do que comdemna-la á esterilidade?... Que dises, Menezes?

MENEZES.

Quando se trata de amor, callo-me, porque estou convencido que o coração faz o que elle deseja, e não o que se lhe aconselha. Mas já que me interrogas previno-te que terás de sustentar contra o mundo um combate em que muitas vezes sentirás a tua rasão vacillar. A sociedade abrirá as suas portas á tua mulher; mas quando se erguer a ponta do véo, has de ver o sorriso do escarneo, e o gesto do despreso, que a acompanharão sempre. Toda a virtude de Carolina, toda a honestidade de tua vida, não farão callar a injuria e a maledicencia. Tens bastante força e bastante coragem para acceitar esse duello terrivel de um homem só contra uma sociedade?

LUIZ.

Tenho!

MENEZES.

Então faz o que te inspira o amor; é um nobre mas inutil sacrificio.

ARAUJO.

Carolina já sabe da tua resolução?

LUIZ.

Não; e só deve saber no momento. Conheço-a e temo a sua recusa! Por isso dispuz tudo em segredo; alli está preparado um altar...

ARAUJO.

Para hoje?

LUIZ.

Sim; é preciso não deixar um instante á reflexão.

MENEZES.

Pensas bem!

ARAUJO.

Comtudo essa precipitação...

LUIZ.

A vida não é tão longa, que valha a pena gasta-la em calcular o que se deve faser.

ARAUJO.

Na minha opinião nunca é tarde para faser uma loucura.

(Entra Ribeiro com uma menina.)

MENEZES.

Vamos conversar com Carolina; O Sr. Ribeiro e Luiz naturalmente desejão ficar sós.

LUIZ, *a Menezes.*

Não lhe digão nada.

SCENA VI.

LUIZ, RIBEIRO, E UMA MENINA.

RIBEIRO.

Custou-me a cumprir a minha promessa.

LUIZ.

E' sempre triste separar-se um pae de sua filha.

RIBEIRO.

Oh! Não faz idéa... Mas virei abraça-la todos os dias.

LUIZ.

Perdão, Sr. Ribeiro! De hoje em diante esta menina deixa de ser sua filha!

RIBEIRO.

Que diz Senhor!... Podia eu consentir em semelhante cousa?.

LUIZ.

Falta á sua palavra?

RIBEIRO.

Entendi mal. Julguei que me pedia deixasse minha filha em companhia de sua mãe, podendo ve-la quando quisesse.

LUIZ.

O senhor ignora que amanhã Carolina terá um marido. A sociedade exige que esse marido seja reputado o pai de sua filha.

RIBEIRO.

Um marido!... Quem?...

LUIZ.

Eu, Senhor!

RIBEIRO.

Ah!...

LUIZ.

É com este titulo que reclamo o cumprimento da promessa que hontem me fez.

RIBEIRO.

Um pae não póde deixar que sua filha passe como filha de um estranho.

LUIZ.

Então esse pae deve legitimar o seo direito.

RIBEIRO.

Que quer dizer?

LUIZ.

Quero dizer que em vez do meo, Carolina póde ter o seo nome.

RIBEIRO.

Nunca!

LUIZ.

Neste caso é uma crueldade recusar a filha á mãe a quem se roubou a honra. Lembre-se, Sr. Ribeiro, que

essa moça, de cuja desgraça o Senhor foi a primeira causa, só póde ter uma felicidade neste mundo: a maternidade; emquanto que o Senhor daqui a alguns dias amará uma mulher, terá uma familia, e gosará das affeições puras que Carolina perdeo para sempre.

RIBEIRO.

Ella fará o mesmo. Não vae casar-se?

LUIZ.

O senhor não me comprehendeo. Dou a Carolina o meo nome; não exijo della um amor impossivel.

RIBEIRO.

Sou pae, Senhor!

LUIZ.

E ella é mãe. Entre os dois quem terá mais direito a esta menina? O Senhor, para quem ella representa uma affeição que póde ser substituida; ou Carolina, para quem ella é a existencia inteira?

RIBEIRO.

Não exija uma cousa contra a naturesa.

LUIZ.

Exijo uma reparação que um homem honesto não póde recusar.

RIBEIRO.

Essa reparação offereci-a outr'ora.

LUIZ.

Isto não o desobriga; todas as faltas que ella commetteo serão consequencias necessarias da primeira.

(Carolina entra precipitadamente e abraça a menina; Margarida colloca um berço no fundo e sahe.)

SCENA VII.

OS MESMOS, CAROLINA, MARGARIDA.

CAROLINA.

Minha filha!... Como está bonita!... Tu conheces tua mãe?... Abraça-me!

LUIZ, *a Ribeiro.*

Tem animo de separa-las?

RIBEIRO.

Custa-me!... É verdade!

LUIZ.

Não lhe digo nada mais, Sr. Ribeiro. Alli está uma mulher que o Senhor fez desgraçada; hoje que ella vae rehabilitar-se, consulte a sua consciencia, e proceda como entender Se julga que depois de a ter seduzido deve ser um obstaculo á sua regeneração, arranque-lhe a filha dos braços, e complete a sua obra.

RIBEIRO.

Se soubesse como amo esta menina!

LUIZ.

Não mostra!

RIBEIRO.

Que diz, Senhor!

LUIZ.

Se a amasse verdadeiramente não hesitaria em faser-lhe esse sacrificio. Que responderá o Senhor um dia á sua filha quando ella lhe perguntar por sua mãe?...

RIBEIRO.

Basta, Senhor! *(Corre ao berço.)*

CAROLINA, *assustada.*

Quer leva-la outra vez?

RIBEIRO.

Quero dizer-lhe adeos.

CAROLINA.

Ah!

(Ribeiro beija a filha, aperta a mão de Luiz e sahe; Margarida entra.)

MARGARIDA, *baixo a Luiz.*

Antonio está ahi.

LUIZ.

Mande que espere um momento.

SCENA VII.

LUIZ, CAROLINA.

LUIZ.

Estás satisfeita, Carolina?

CAROLINA.

Tanto quanto me é possivel!

LUIZ.

Ainda te falta alguma cousa, não é verdade?

CAROLINA.

Falta-me o que nunca mais poderei obter!

LUIZ.

Porque? Não te prometti á pouco?

CAROLINA.

Sim; mas essa promessa não se realisará!...

LUIZ

Depende de uma palavra tua.

CAROLINA.

Como?...

LUIZ.

Consentes em ser minha mulher?

CAROLINA.

Luiz!...

LUIZ.

Responde!

CAROLINA.

Não!

LUIZ.

Recusas, Carolina?...

CAROLINA.

Eu te amo, Luiz! Deos sabe que poder tem este amor em minha alma; Deos sabe que para partilha-lo comtigo, para ser amada por ti, eu daria, talvez não creias, eu daria o amor de minha filha! Porem nada neste mundo me faria sacrificar a tua felicidade!

LUIZ.

Como te enganas! Não é um sacrificio.

CAROLINA.

Queres dar-me á custa de tua liberdade um titulo de que eu me tornei indigna. Não devo acceita-lo...

LUIZ.

Mas eu tãobem te amo!...

CAROLINA.

Tu?... tu me amas... Luiz?... Não acredito!

LUIZ.

Deves acreditar.

CAROLINA.

Não! Não é possivel! Depois do meo crime, Deos

não podia dar-me tanta ventura! Que reservaria elle para a virtude?

LUIZ.

Deos já te perdoou, Carolina. *(Abrindo a porta.)* Vê!

CAROLINA.

Um altar?

LUIZ.

Que nos espera.

(Entrão Menezes, Araujo, Margarida.)

CAROLINA.

Luiz, pelo que ha de mais sagrado, responde-me: este casamento é necessario para a tua felicidade?

LUIZ.

Eu te juro!

CAROLINA.

Então... Cumpra-se a tua vontade!

SCENA IX.

ANTONIO.

(Scena muda. Toca a musica durante o tempo em que se celebra o casamento. Pouco depois de esvasiar-se a scena, Antonio, quebrado pelos annos e encanecido, entra; olha com uma admiração profunda o que se passa na sala immediata. Ajoelha e resa.)

SCENA X.

ANTONIO, LUIZ, CAROLINA.

ANTONIO.

Ah !...

LUIZ.

Antonio eu te restituo a filha que perdeste.

CAROLINA.

Meo pae !

ANTONIO.

Carolina !

LUIZ.

Abençôa tua filha !

ANTONIO.

Depois que ella me perdoar !

CAROLINA.

Sou eu que preciso de perdão !... Meo pae !... *(Abração-se.)*

LUIZ.

Agora, Antonio, entra naquella sala ; deixa-me dizer duas palavras a minha mulher.

(Antonio sahe.)

SCENA XI.

LUIZ, CAROLINA.

CAROLINA.

Tua mulher !... Ainda não creio, Luiz !... Perdoada por meo pae, estimada por ti !... Gosar ainda esse praser

supremo de occupar a tua alma, de viver para a tua felicidade!... Nunca pedi tanto a Deos!.. Dize, dize que me amas, para que eu não me arrependa de ter acceitado este sacrificio!...

LUIZ.

Amo-te, Carolina.

CAROLINA.

Mas se não puderes esquecer... Se a lembrança do passado surgir, como um espectro... Não me accuses, Luiz!... Foste tu que o exigiste!

LUIZ.

Não tenhas esse receio, Carolina. Tu és minha mulher, perante o mundo. Perante Deos..

CAROLINA.

O que sou?

LUIZ.

És minha irmã.

CAROLINA.

Tens rasão! O nosso amor é impossivel.

LUIZ.

É puro e santo!... Hade ser feliz!

CAROLINA.

Já não existe felicidade para mim!...

LUIZ.

Existe, Carolina. Alli... naquelle berço!... Sê mãe!

CAROLINA.

Minha filha!... Sim! Vivirei para ella!

LUIZ.

E agora... Conheces estas fitas?

CAROLINA.

Ainda as conservas!

LUIZ.

São o emblema de tua vida e a historia da minha. São as azas de um anjo que as perdeo outr'ora, e a quem Deos as restitue neste momento.

CAROLINA.

Ah!...

FIM.

ERRATA.

Pag.	Lin.	Erro.	Emenda.
VII	4	rosolução	resolução
XII	23	produz	propuz
XIX	13	dede	deve
XX	23	de	da
»	26	gravada	gravadas
31	18	um só coração	um coração
38	21	juntos	junto
41	14	e a sua felicidade	e a felicidade
43	10	juramento	juramentos
46	7	francezas	francezes
52	2	se ver	ver si
64	20	vistes	viste
72	16	É engraçado	E engraçado.
98	16	esquece nunca	não esquece nunca.
103	10	Previnio-o	Previni-o
136	36	A tua	A sua
145	13	Menezes	Araujo
148	10	Estaes	Estás
152	28	Não falles	Não falle
165	15	Vaes	Vae
»	»	Deixes	Deixe
174	2	Não lhe	Não te
»	6	está	estás
175	22	houvessem	houvesse